Quando aquele povo do norte da África começou a incomodar a poderosa Roma, aconteceram três guerras, as Guerras Púnicas, ao cabo das quais foi cumprida a exigência com a qual o senador Catão terminava os seus discursos: "Ceterum censeo Carthaginem esse delendam" (Ademais, acho que Cartago deve ser destruída). O reino cartaginês foi destruído em 146 a.C. Não permaneceu pedra sobre pedra. Desapareceu.

NESTE LIVRO:

- Duas guerras mundiais contra o mesmo inimigo.
- A lenda do "Imperialismo Alemão".
- Hitler caiu numa armadilha?
- Conferência de Casablanca e o destino da guerra.
- O terror aéreo contra a população civil.
- Campanha pós-guerra.
- Manipulação da mídia.
- Um povo condenado?

ISBN 85-901816-1-8

9 788590 181613

...e a GUERRA CONTINUA

N.TOEDTER

N.TOEDTER

...e a GUERRA CONTINUA

Palco e bastidores da 2a.Guerra Mundial



N.TOEDTER

...e a GUERRA CONTINUA

Palco e bastidores da 2a.Guerra Mundial

2a. edição

CURITIBA
2001

Direitos Autorais (Copyright) ©: Norberto Gastão Toedter

Capa: Ilustração do autor inspirada na caricatura satírica *Michels Leidensgang* (O Martírio de Michel), apresentada na revista *Kladderadatsch*, Berlim, nr.39, 1921

1a. edição: 2000 Ed. do Autor, Curitiba

Editoração eletrônica: N.Toedter

Impresso no Brasil

ISBN: 85-901816-1-8

Depósito Legal na Biblioteca Nacional nr. 203.644

Toedter, Norberto, 1929
...e a guerra continua/Norberto Toedter.- 2a.ed.
Curitiba: [Ed.do autor] 2001

1. Segunda Guerra Mundial, 1939-1945 - Relatos pessoais.
2. Toedter, Norberto, 1929 - Memórias. I.Título

CDD 940.548181

Pedidos para: COMÉRCIO DE LIVROS FISCHER LTDA.
Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 1566
80230-070 CURITIBA, PR
Tel.: (41) 222-4242 Fax (41) 222-4318
e-mail: fischer@ineparnet.com.br

"Respeitem a tradição do nosso povo!...
Nas cidades, nas vilas, nas ruas, nas praças,
mas também na música e na poesia, como nas artes,
sobrevive em cada menino ou menina a atuação
dos nossos pais e a dos pais dos nossos pais, assim como os nossos
antepassados sobrevivem em nossa própria vida.
Tenham respeito e ensinem respeito diante das muitas grandezas
que devemos ao passado e que valham consideração!
Só assim podemos esperar que nossos sucessores
respeitem o que nós criamos
e o que a nossa juventude venha a criar."
(R.Hess - 1936)

Para
Renata, Rene,
Bettina e Christine.

„Über Geschichte kann niemand urteilen,
als wer an sich selbst Geschichte erlebt hat."

("...Ninguém pode fazer julgamento da História,
senão quem experimentou História em si mesmo...")

Goethe, *Maximen und Reflexionen*

Sumário

À maneira de prefácio, João Manuel Simões		9
1	– A decisão	11
2	– Nazismo no Brasil	19
3	– Rumo à guerra	24
4	– Primeiras impressões	27
5	– A situação bélica	30
6	– Adolescente	34
7	– 1914/18	42
8	– Hitler, um produto do seu tempo	48
9	– Alemanha "imperialista"?	55
10	– "Deutschland über alles..."	71
11	– Hipocrisia	76
12	– E o "povão"?	81
13	– Cracóvia	89
14	– Guerra aérea	94
15	– Atrocidades	109
16	– Manipulação da mídia	133
17	– O fim	146
18	– Apêndice	160
	Cronologia	

À MANEIRA DE PREFÁCIO

João Manuel Simões
(Da Academia Paranaense de Letras)

Desnecessário se torna afirmar que este livro prescindiria perfeitamente de qualquer prefácio, mormente quando é fruto de pena "humilde, baixa e rude", como diria o Épico da nossa língua.

Não obstante, aí vão algumas considerações introdutórias que, embora supérfluas, são feitas sob o signo da sinceridade mais candente. Tentarei ser breve e sucinto. Pela melhor das razões: para permitir que o leitor penetre, o mais rapidamente possível, "in medias res", para utlizar a expressão de Horácio a propósito de Homero.

O livro que tenho a honra e o privilégio de prefaciar, escrito com sensibilidade e elegância quase aristocrática pelo meu dileto amigo Norberto Toedter, configura um inequívoco ato de coragem e desassombro. Mais: consubstancia um transparente exercício de amor. Um título expressivo: "...e a guerra continua". Nas suas páginas densas, lúcidas, intensas, penetrantes, estão presentes as "memórias" do adolescente de 1939-1945, e as reflexões agudas, conscienciosas, de homem maduro, vivido e experimentado, com sua pessoalíssima e teutônica "weltanschauung". Seu cerne, seu "leitmotiv"? a Segunda Grande Guerra Mundial, com seu cortejo de horrores que nem Dante teria imaginado no seu "Inferno".

Disse um grande historiador, "cum grano salis", que numa guerra a primeira vítima é a verdade. Eu iria além: a verdade é vítima propiciatória antes, durante e depois de qualquer guerra. Não poderia ser diferente com a hecatombe sinistra que se abateu sobre a Europa nos idos de 39/45. "Horresco referens".

Findo o conflito, nas décadas seguintes, multiplicaram-se "ad infinitum" e "ad nauseam" os libelos acusatórios contra a ideologia e o partido nazista, contra um governo autocrático e o seu "Führer" e, "last but not least", contra o Povo Alemão.

Mas atenção: a tese da "culpa coletiva" de todo um povo, é simplesmente absurda, deletéria, insustentável. Só pode ser gerada por aquilo que o velho Eça considerou "má-fé cínica e obtusidade córnea".

Norberto Toedter busca sobretudo desmontar, desarticular, demolir esta tese perversa. E assumindo o papel de advogado competente, faz a defesa e resgata a imagem – e a honra – de um povo. Seu livro precioso constitui, precisamente, uma defesa apaixonada, veemente, vibrante – e justa – de um povo. De um povo admirável que nos deu, que deu à humanidade nomes emblemáticos, figuras paradigmáticas como Goethe e Schiller, Heine e Hölderlin, Hebbel e Novalis, Hauptmann e Rilke, Stefan George e Wassermann, Hermann Hesse e Thomas Mann; Kant e Hegel, Nietzsche e Schopenhauer, Heidegger e Fichte, Wittgenstein e Karl Kaspers; Bach e Beethoven, Brahms e Mozart, Haydn e Händel, Weber e Mendelssohn, Schumann e Wagner. Isso para ficar apenas dentro de três províncias do universo da "Kultur", ou seja, a literatura, a filosofia e a música.

Norberto Toedter, deixando a emoção e a racionalidade quase cartesiana caminharem de mãos dadas, movido por um sentimento de dever a cumprir, por uma consciência de missão a desempenhar, faz – repito – a defesa de um povo que jamais poderá ser condenado "in totum".

Valeu a pena o esforço do autor de "...e a guerra continua"? O maior poeta do século, Fernando Pessoa, responde: "tudo vale a pena / se a alma não é pequena". E a alma de Norberto Toedter é grande.

"The rest is silence".

1

A decisão

Nunca me ocorreu perguntar, se ela chegou a falar com o meu pai antes de tomar a decisão. Ele estava na penitenciária. Havia os dias de visita, sim, mas, será que ali, naquelas condições, realmente se oferecia um ambiente para um casal discutir um assunto de tamanha envergadura. Sei que eu não fui consultado. Era uma criança. Estava por completar 13 anos em menos de trinta dias. Acho que coube à minha mãe decidir que iríamos aproveitar a oportunidade que se oferecia para libertar o meu pai do encarceramento. Imagino hoje o drama pelo qual passaram naqueles dias de janeiro de 1942, inopinadamente atingidos pela violência do arbítrio e diante de um futuro totalmente obscuro. Talvez isto explique a decisão de deixar o Brasil rumo ao centro do conflito mundial, já em pleno andamento.

Meu pai, Charles – aqui todos o chamavam de Carlos – emigrara da Alemanha para o Brasil em 1920. Minha mãe, Anna, lhe seguiu em 1922, quando aqui casaram e conseguiram, no decorrer destas duas décadas, construir um existência sólida e aparentemente promissora na então provinciana Curitiba. – Curitiba, capital do Paraná, um dos três Estados sulinos fortemente caracterizados pela imigração européia. – Há um ano já estávamos na casa nova no alto da Carlos de Carvalho. Eles a construiram com todo carinho e cuidado, sem fazer dívidas. É verdade que anos antes, creio que tenha sido em 37/38, meu pai já sofrera as primeiras

consequências do fato de ser alemão. Perdera o bom emprego que tinha na Cia.Força e Luz do Paraná, controlada pelos americanos. Passou a trabalhar por conta própria, enquanto minha mãe continuava exercendo as funções de secretária executiva no consulado da Alemanha. Eu freqüentava bons colégios e creio que estávamos bem de vida, quando de repente tudo mudou.

A II Grande Guerra vinha devastando o velho mundo há mais de dois anos. Não se acreditava num envolvimento do Brasil. Seu presidente Getúlio Vargas, chefe dum regime totalitário, era notoriamente germanófilo. No começo de janeiro nossos jornais ainda publicavam na íntegra o discurso de Ano Novo de Hitler, na primeira página, onde se lia entre outros trechos:

"(...) Entre os estadistas dirigentes das nações que foram responsáveis pela deflagração da presente guerra, não há nenhum que, como proprietário de ações das empresas da indústria bélica, não fosse beneficiado, principalmente com o desenvolvimento da guerra. ... Seria certa a afirmação de que os inglêses e franceses declararam a guerra à Alemanha porque esta desejaria conquistar o mundo? ... Quem conquistou o mundo na realidade? ... Só os 45 milhões de ingleses tem direito de dominar a Terra, submetendo os povos, entre os quais está o indiano, que possui uma população sete vezes maior que a britânica? A realidade é que esta guerra começou exatamente como a de 25 anos atrás. Foi feita pelos mesmos homens e estes se valeram dos mesmos motivos. ... Acima de tudo estava a preocupação de que a Alemanha progredisse demais sob a nacionalsocialismo, que fez frutificar em todos os terrenos a sua política economica e social, fazendo com que outros povos abrissem os olhos, dando conta dos verdadeiros motivos responsáveis pela sua penúria. ... O povo alemão acreditar-me-á quando afirmo que sempre preferí a paz à guerra. A paz representava para mim um sem número de tarefas felizes, tarefas estas que teriam produzido maravilhosos resultados, como se pode provar com o que aconteceu entre os anos de 1933 e 1939, quando o povo alemão fez notáveis realizações no terreno da cultura e da educação, como também no da reconstrução econômica. Essa guerra impossibilitou-me de realizar muitas coisas que eu tinha em mente.

Tudo isso me encheu de pesar. Roubava-me o tempo, um tempo precioso, o qual queria dedicar a tarefas culturais, sociais e econômicas, enobrecendo o povo. ... Precisamente, porque esta jovem Europa dedica-se inteiramente à solução de tarefas verdadeiramente grandiosas, é que a Europa não permitirá que se lhe roube o último valor que ela possua e que a pode tornar valiosa. O homem e sua vida representam o valor da nação a que pertencem, e que lhe assegura a liberdade de existência social humana. Um imensa frente de estados nacionais, que se estende desde o canal da Mancha até a Ásia Oriental, está agora em luta contra a conspiração de judeus, capitalistas e bolchevistas, que pretendem conquistar o domínio universal. ... Roguemos todos a Deus Nosso Senhor, que o ano de 1942 traga a decisão para a salvação do nosso povo e das nações aliadas. (a) Adolf Hitler" Trechos transcritos ipsis-litteris do jornal »O Dia« de 3/1/42 - .

Logo em seguida começaria no Rio de Janeiro a conferência pan americana de chanceleres sob a batuta dos Estado Unidos, que há um mês se encontravam em guerra declarada com Japão, Alemanha e Itália. Na verdade já vinham entregando 50% de sua crescente produção de aviões de combate à Inglaterra desde novembro de 1940. A partir de março de 41 já eram fornecedores de todo o material bélico à Grã-Bretanha e a partir de agosto estenderam este acordo também à União Soviética. Assim, a declaração do estado de guerra em dezembro era mera formalidade. A pressão dos americanos, que precisavam de uma base militar em Natal, tornou-se irresistível e o assunto "Rompimento das Relações Diplomáticas" com os paises do Eixo passou a tomar conta dos jornais. A Argentina, em óbvia demonstração de simpatia pelo Eixo, foi contra e conseguiu permanecer neutra durante todo o conflito. O México exigia o internamento dos súditos alemães, italianos e japoneses em campos de concentração. Mais tarde, após o final da guerra, este conceito passaria a constituir o principal termo de acusação contra a Alemanha. Finalmente no dia 27 de janeiro de 1942 Getúlio Vargas assinaria o ato do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e demais paises do eixo contra a sua vontade e de metade do seu ministério.

No dia seguinte, estavamos almoçando, quando vimos um

carro preto encostar em frente à nossa casa. Dele desceram quatro homens de terno, também escuro. Apresentaram-se como sendo da polícia, com ordens para revistar a casa. O que comandava a *troupe* chamava-se Grünspan, ou Grünspun, judeu, e falava perfeitamente o alemão. Soube que mais tarde teria mudado de nome e se tornara advogado conceituado em Curitiba.

Não deixa de parecer sintomático, que o aparelho policial curitibano estivesse contando com a colaboração de elementos evidentemente hostis aos novos inimigos políticos. - Devo ressaltar que não foi nem ali, por causa do Grünspan, nem a qualquer tempo, que eu criaria qualquer tipo de prevenção contra o judeu como individuo. Eu teria em minha vida, seja particular, seja profissional, ainda muitos contatos com pessoas desta comunidade socio-religiosa e nenhum foi conflituoso. Ao contrário, lembro-me do snr.Otto Strauss, dono da primeira livraria alemã do pós-guerra em Curitiba, que costumava receber a mim e a um amigo para longas conversas em sua propriedade na antiga estrada para Campo Largo. Era pessoa culta e filosofávamos para valer. Não fosse a grande diferença de idade, poderia até ter-se desenvolvido duradoura amizade. Por força da profissão ainda conheceria muitos outros, principalmente representantes comerciais, que se destacavam em sua atividade pela polidez e competência. Conhecí judeus ortodoxos e a seu convite provei comida *koscher*.

Também houve outros que, induzidos pela campanha de difamação dos alemães, demonstraram alguma hostilidade. Recordo um caso, quando, após voltar da Alemanha em 47, reencontrei em plena Rua XV um companheiro da turma de ginástica que sempre tinha se reunido na Sociedade Duque de Caxias (antigo *Deutscher Turnverein*). Procurei cumprimentá-lo, alegre por ver um rosto conhecido, pois aqueles anos de ausência me fizeram perder todos os contatos. Mas ele virou a cara e me deixou ali plantado, de mão estendida. Mais tarde quis o destino que passássemos a trabalhar na mesma empresa. Chegou a ser meu subordinado e tudo desenvolveu-se num relacionamento normal. Talvez eu deva me considerar feliz por nunca ter encontrado um judeu mau, porque existir,

ele existe. Existe, assim como existe o alemão mau caráter, o brasileiro bandido, o inglês sem-vergonha, o homicida, o meliante, o estelionatário, o estuprador em qualquer raça, em qualquer povo, em qualquer religião.

Enquanto meu pai era custodiado por um dos policias, os demais, orientados pelo Grünspan, procederam à revista da casa. Minha mãe e eu pudemos acompanhar. Dedicaram especial atenção ao rádio, para ver se não tinha nenhum transmissor embutido. Separaram todos os livros editados após 1933 (ano da ascensão de Hitler ao poder), não importando se era Goethe, Dostojewski ou de estórias de índios ou sagas antigas que eu gostava de ler. Quando chegaram à escrivaninha do meu pai eu queria ter sumido dali, pois sabia que atrás de uma gaveta havia um fundo falso. Não demoraram a achar e descobrir seu conteúdo: Cinco exemplares de *"La Vie Parisienne"*, naquele tempo o máximo em revistas proibidas para menores. – Como se existisse lugar seguro para esconder coisas dum guri naquela idade. – Fato é que nada acharam que de alguma forma pudesse incriminar meu pai. Mas, era uma alemão. Um alemão conhecido e benquisto na praça. E sua mulher trabalhava, contratada – não era diplomata de carreira – num consulado de um país, que, de hoje para amanhã, passou a ser inimigo.

Junto com os livros e o rádio citados levaram o meu pai. Somente dias depois minha mãe, desesperada, conseguiu saber que ele estava preso na penitenciária do Ahú. Não era o único. No mesmo dia foram mais cinco. Um era dono de uma loja de tecidos e presidente de um clube social. Havia sido um dos criadores da *»Deutsche Schule«*, Escola Alemã. O homem, já com mais de sessenta anos, não resistiu à humilhação, à injustiça e à desventura: faleceu quatro meses depois. Outro tinha um livraria alemã. Mais outro era bancário. Dia após dia seguiam-se outras prisões. Todos eram "internados" na penitenciária. Lá se encontraram também com marinheiros do *"Admiral Graf Spee"*, encouraçado alemão que havia travado uma batalha naval no Atlântico Sul, em dezembro de 39, contra três vasos de guerra britânicos. Seriamente avariado buscou refúgio no porto de Montevidéo. Impedido pelo país neutro de realizar reparos e sem condições de continuar enfrentando a supremacia que o aguardava

diante da Foz de La Plata, auto-afundou-se ali mesmo. Sua tripulação espalhou-se e parte veio parar no Paraná, onde viveram sem serem incomodados até este fatídico mês de janeiro de 1942.

Dos alemães curitibanos uma parte seria transferida depois para a Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, onde permaneceram internados até o final da guerra. Mas, havia cidadão alemão que não fora preso. Não se tratava portanto de um processo, como o que se desenvolvera na costa oeste dos Estados Unidos, onde todos os japoneses e nisseis foram internados em campos de concentração enquanto a guerra durava.

Aqui houve uma seleção. Na época falava-se da existência de um denunciante, boato que se mantém até os dias de hoje. A denúncia, o "dedo-duro" é o câncer de um regime de força. O Estado do Paraná há algum tempo liberou ao público os arquivos da extinta D.O.P.S. - Delegacia de Ordem Política e Social. Lá se depara, por exemplo, com a queixa de um padeiro polonês contra um seu colega (de nome alemão) que teria afirmado que a guerra de Hitler era contra o capitalismo. Mas, no caso do meu pai não foi denúncia.

Posso assegurar que suspeitar do meu pai, como sendo agente inimigo, "quinta coluna", como eram chamados, era ridículo, sem qualquer fundamento. Carlos Toedter não seria capaz de qualquer ação subversiva. Nunca escutei dele opinião política. Gostava do país em que vivia. Sempre de bem com a vida. Cultivava amizades, sem recalques. Evitava confrontos. Castigos eu os recebia da minha mãe, nunca do meu pai. Ele adorava a música popular alemã, os *Schlager*, as operetas de Lehár, Strauss, Kálmán, Millöcker, Zeller. Tinhamos pilhas de discos em casa. Era comunicativo. Participava das apresentações músico-teatrais no *Sängerbund*, hoje Clube Concórdia. Apresentou um programa de rádio em alemão através da PRB-2 Rádio Clube Paranense – justo quando Vargas decretou, em fins de 1938, a "Nacionalização". Através desta medida eram proibidas as manifestações estrangeiras no país. Escolas tinham que mudar de nome e alterar seu currículo, como foi o caso da *Deutsche Schule*, que passou a ser Colégio Progresso. Cidades e logradouros públicos eram rebatizados. A ordem atingiria a todas as nacionalidades, mas, é claro, objetivava acabar

com os núcleos alemães e italianos existentes no sul do Brasil. Efetivamente havia lugares em que alguém, que fizesse uma pergunta em português, não seria entendido. É que o imigrante veio estabelecendo colônias. Levantada a sua casinha, o próximo teto que o alemão construia era o da igreja e o da escola. Escola alemã, é claro. Naturalmente os nacionalistas brasileiros – o nacionalismo estava em voga, não só na Alemanha – sentiram-se incomodados com tal situação, daí resultando campanha cerrada, principalmente da área militar, contra manifestações estrangeiras em solo brasileiro. Um Carlos Toedter, fazendo um programa alemão pelas ondas sonoras da PRB-2 Rádio Clube Paranaense de Curitiba, não podia passar despercebido. Foi aí que ele entrou para os arquivos da D.O.P.S. Na ficha correspondente encontra-se a seguinte anotação:

> *»27.12.1938 - Fichado nesta D.O.P.S por ser julgado pernicioso ao regime e por ser adepto do NAZISMO, conforme se verifica no comprovante fornecido pelo Serviço de Nacionalização da 5a.R.Militar.*
> *Especialidade: - Radio Programa.*
> *Vide Prontuario n•. 744 - ATIVIDADES NAZISTAS.«*

Pois é... foi o primeiro Nazi em minha vida.

PORTARIA N.30 (Transcrição da portaria publicada pelo chefe de polícia do estado do Paraná dia 29/1/42 - Jornal O DIA

O Chefe de Polícia do Estado, tendo em vista a ruptura de relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão, faz público, por ordem do Exmo.Snr.Interventor Federal as seguintes determinações:

I – Os súbditos daquelas três nações estrangeiras estão expressamente proibidos do seguinte:

a) Mudar de residência, sem comunicação prévia ao Serviço de Registro de Estrangeiros na Delegacia de Ordem Poli- (aqui falta uma linha, sendo a seguinte reproduzida em dobro) rior à autoridade policial local,devendo ser feita, dentro de quinze dias, a comunicação das residências atuais;

b) portar consigo ou em veículo, ou manter em domicílio, qualquer espécie de armas, devendo, os detentores de armas registradas na Delegacia de Ordem Política e Social ou nas Delegacias e Sub-Delegacias de Polícia do Interior, entregá-las, com os respectivos atestados de registro, nessas Repartições, dentro do prazo de quinze dias a contar desta data;

c) exercerem o comércio ou transporte de armas, munições, materiais explosivos ou que possam ser utilizados na fabricação de explosivos, – devendo ser entregues à Polícia, dentro de quinze dias, as licenças que lhes tenham sido fornecidas para aqueles fins;

d) viajar de uma localidade para outra sem estar munido de salvo conduto, que deverá ser expedido, nesta Capital pela Delegacia de Ordem Política e Social, e, no Interior, pela autoridade policial respectiva, mediante exibição de documento de identidade e apresentação de duas fotografias medindo 3 x 4 cm e estampilhas de Rs 2$500 (estadual) e Rs $300 (Educação e Saúde);

e) reunirem-se, ainda que em casas particulares, a título de comemorações de carater privado (aniversários, bailes, banquetes, etc.);

f) discutir ou trocar idéias em lugar público sobre a situação internacional;

g) viajar por via aérea, sem licença especial da Polícia, obtida na forma da alíneaD.

II – PROIBE-SE EM CARATER GERAL:

a) o uso de idioma daquelas três nações nas conversações em lugar público (Rua, cafés, casas de diversões, etc.);

b) a distribuição de quaisquer escritos nos idiomas acima referidos;

c) cantar ou tocar hinos daquelas nações estrangeiras;

d) fazer saudações peculiares aos partidos políticos dos três partidos retro aludidos;

e) a exibição em lugar acessível exposto ao público, retratos de mebros dos governos dessas nações;

À Delegacia de Ordem Política e Social, nesta Capital e às Delegacias e Sub-Delegacias do Interior do Estado, cabe fazerem observar rigorosamente todas as mediadas constantes da presente Portaria.

Cumpra-se

FAUSTO N. BITTENCOURT - Chefe de Polícia

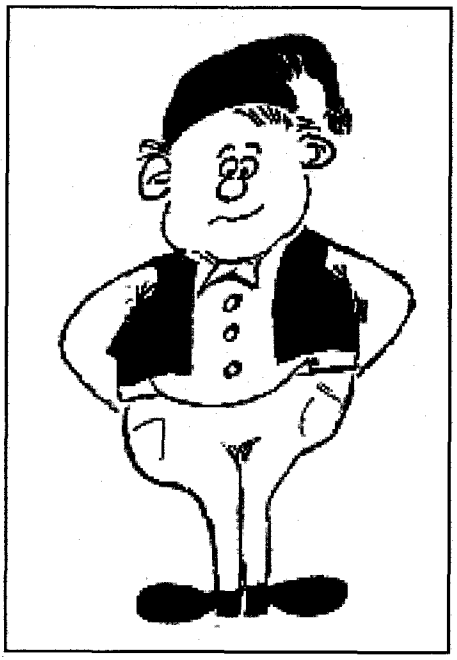
2

Nazismo no Brasil

O mundo se debatia em crise econômica, iniciada com o *crash* da bolsa de Nova Iorque em 1929. Para os Estados Unidos ela se prolongaria até que se envolvessem na 2a.Grande Guerra em 41, quando Roosevelt tinha atrás de si um exército de 25% de desempregados. Japão subjuga a Mandchúria – província chinesa – e se retira da Liga das Nações (32). Itália invade a Etiópia (35). Guerra civil na Espanha (36). Guerra Sino-Japonesa (37). Nem mesmo o Brasil escapa das turbulências. Em 1930 foi preciso um movimento revolucionário para levar Getúlio Vargas à presidência da república. Logo depois a revolução constitucionalista a partir de S.Paulo (32). Três anos depois a Intentona Comunista. Foi em meio a esta conturbação generalizada, ou globalizada, como se diria hoje, que em 31 de janeiro de 1933 o NSDAP recebeu a incumbência de reger os destinos da Alemanha. – *NSDAP-Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, ou seja, Partido Nacionalsocialista Alemão dos Trabalhadores. Seus militantes eram chamados de *Nazis* em contraposição aos *Sozis*, seus concorrentes do Partido Socialdemocrata. – Pois bem, apenas três anos depois a Alemanha não só registrava total recuperação econômica, como mostrava ao mundo o maior espetáculo propagandístico da terra até então: a Olimpíada de Berlim, acontecimento até hoje execrado como símbolo da megalomania dos *Nazis*. Só que depois todas as cidades do mundo, que conseguiram ser sede de Olimpíada, se empenharam ao máximo para seguir ou superar o exemplo de Berlim. O *Made in Germany* era um salvo-conduto que abria

os mercados mundiais aos produtos alemães. Nem mesmo a pequena cidade de Curitiba foi esquecida na viagem publicitária que o dirigível Hindenburg fez pelo mundo em 1936. Sua construção terminara em maio daquele ano. Logo estabeleceu uma linha regular de vôos entre Frankfurt e Lakehurst N.Y. Fechou o ano tendo transportado mais de 1300 passageiros e toneladas de carga e malas postais entre os dois países. Fazia a travessia do Atlântico em 55 horas. O mal-estar, que a ascensão econômica alemã produzia nos Estados Unidos, transparece no fato de ter o americano, detentor do monopólio da produção do gás Hélio, incombustível, ter se negado a vendê-lo à Alemanha. O *LZ Hindenburg* , obrigado a utilizar o hidrogênio, gás de fácil combustão, terminou sua breve existência em maio de 1937. Seu incêndio durante a aterrissagem em Lakehurst custaria a vida de 36 pessoas. Interrompeu-se ali a era dos dirigíveis.

É inegável que o progresso que se verificou na Alemanha entre 33 e 39 – seis anos, pouco mais que um mandato dos governos atuais – busca similar na história. Entretanto, em matéria de ingenuidade, falta de senso político e de jogo de cintura, também cabe ao alemão um troféu especial. Foram os artistas da caricatura satírica que, já desde o século passado – até mesmo antes – representaram com percepção admirável as figuras que simbolizam o americano, o inglês, o francês e o alemão. *Uncle Sam*, o capitalista de fraque colorido e cartola; *John Bull*, um encorpado e intrépido comerciante de tecidos; *Marianne*, que faz uso das armas femininas e, finalmente, o *Deutscher Michel*, Miguel Alemão, o simplório, o camponês, ingênuo, desajeitado. As primeiras referências comprovadas ao *Deutscher Michel* datam de 1541 (Szarota, Tomasz - Der Deutsche Michel - Fibre Verlag, Osnabrück 1998), já então com as conotações características, acima citadas. Houve no século 17 registros que ligavam a gênese do apelido ao arcanjo Miguel, que na época da cristianização veio a substituir o deus germânico Wotan. Entretanto, a interpretação que mais se manteve foi mesmo a de um sujeito que não fala outras línguas (latim, grego e mais tarde francês ou espanhol), que não se interessa pelo que acontece além das fronteiras, inábil comercial- e politicamente. Em suma: um ingênuo.



Possivelmente seja exatamente essa ingenuidade a que possa explicar o porquê de as pessoas terem se deixado levar por tamanha euforia, a ponto de criar em terras estranhas um tipo de sucursal dum partido político, que lá, na pátria de origem, vinha obtendo resplandecente sucesso. Pergunta-se hoje: com que objetivo? Ao contrário dos "Integralistas", movimento com ambições políticas, calcado no fascismo italiano e que surgira na mesma época, os *NSDAPs* que foram sendo criados em várias cidades do Brasil não passavam de clubes recreativos. Talvez seja isto, talvez o resplendor, que resgatava a antiga pátria dos anos de fome e penúria que experimentara, provocara tais sentimentos de orgulho, paixão e exaltação, que necessitavam de alguma forma de exteriorização. Buscar entre os nazistas do Brasil motivações subversivas era procurar chifre em cabeça de cavalo.

Em Curitiba havia uma bela sede, a "*Wilhelm Gustloff Haus*". Existia um chefe, Werner Hoffmann, Trabalhava numa casa de calçados. Foi o único homem que vi aqui ostentando um uniforme do partido. Eu gostava dele. Muitas vezes, aos domingos de manhã, passava lá em casa com sua motocicleta e: "suba aí, guri". Eu montava no selim da garupa e em passeios pelas ruas e arredores de Curitiba sentia a emoção da velocidade misturada ao medo diante daquela experiência inusitada.

Também a juventude descendente dos alemães aqui radicados foi organizada e reunida no *DBJ - Deutsch-Brasilianischer Jugendring* , Circulo da Juventude Teuto-Brasileira. Tinhamos uniformes

semelhantes ao da *Hitler Jugend* alemã, só faltando a braçadeira com a suástica. Naqueles tempos era comum as escolas desfilarem com seu alunos em dias de feriados nacionais. Havia um Dia da Raça – não era só Hitler que se ligava em questões de raça – e que abria os festejos da Semana da Pátria. Neste dia, deve ter sido em 1937, o *DBJ* desfilou junto com a juventude curitibana. Fez um enorme sucesso. Lembro-me do público, que margeava a Rua XV de Novembro, aplaudindo com um entusiasmo fora do normal. O motivo principal eram os dois clarins, que, além dos tambores, tudo embandeirado, precediam ao nosso grupo. Tinham um efeito extraordinário e eram pouco conhecidos.

O *DBJ* se reunia num local pertencente à *Deutsche Schule*, mais tarde confiscado e onde hoje se ergue o complexo do Hospital das Clínicas. Lá se cantava, brincava, praticava esportes, confraternizava. Não havia jogos de guerra ou algum tipo de preparação militar, como depois foi sugerido em filmes e noticiários.

O fato é que o *Deutscher Michel* estava se expondo demais. Daí a conseqüente reação da área militar e a medida da Nacionalização, que logo sobreveio. Mas, também, com ela tudo acabou e, tenho certeza, não havia razão para o excessivo zelo demonstrado pelos militares. Carlos Toedter nunca praticaria ações subversivas. Mandar fichá-lo na polícia política e quatro anos depois simplesmente arrestá-lo sem qualquer acusação ou evidência – muito menos processo – foram atos arbitrários, brutais, injustificáveis, que provocariam profunda reviravolta e mudança nos destinos dessa nossa pequena família.

A possibilidade de seguir com o corpo diplomático surgiu como a luz da esperança naquela escuridão repentina que nos envolvera. As anotações (cópia ipsis-litteris) na ficha da D.O.P.S. referentes aos dias em questão são as seguintes:

Em 29.1.42 - Foi recolhido à Penitenciária do Estado, por se tratar de elemento suspeito de exercer atividades NAZISTAS.

Em 4-3-42 - Foi posto em liberdade, afim de preparar-se para seguir viagem com o Consul Alemão, para o Rio de Janeiro para deixar o Pais.

Em 5-3-42 - Foi extraido Salvo-Conduto Especial, para o fichado e esposa e filho para a viagem acima citada, a qual realisaou-se nesta data.

Registre-se o detalhe de que a prisão dera-se um dia antes do registrado e que ele foi liberado menos de vinte e quatro horas antes de seguir viagem.

A referência ao cônsul alemão me lembra a figura do *Konsul Zimmermann*. Era o protótipo do diplomata. Usava até mesmo aquele chapéu de virola na aba. Primava pela distinção. Em nada se assemelhava aos tipos caricatos que aparecem em filmes e relatos pós-guerra como representantes do *Reich*. Era casado com uma senhora sueca, extremamente simpática e amável. Eu freqüentava o apartamento onde eles moravam, ao lado do Passeio Público, pois tinha uma amizade muito grande por sua filha, Inga Birgit, chamada de Ibi. Recebíamos, ambos e mais outro colega, aulas particulares de alemão. Entre nós dois desenvolveu-se uma afinidade, que nos levou a ter muitos interesses em comum. Éramos confidentes. Vasculhávamos as bibliotecas dos nossos pais, para descobrir livros que tivessem passagens mais ousadas, raros na época. Um achado era partilhado na primeira oportunidade. Nunca houve atitude mais íntima, mas sabíamos tudo um do outro. Na Alemanha perdemos contato.

3

Rumo à guerra

Dia 5 de março de 1942 o corpo diplomático e agregados partiram de Curitiba rumo ao Velho Mundo. Em São Paulo faríamos uma parada de quase duas semanas. Fomos hospedados em hotel central e não houve constrangimento ao pessoal da comitiva, que aqui foi recebendo novos membros, vindos de outras partes do país. Depois, mais algumas semanas maravilhosas no Rio de Janeiro, onde também não se notava qualquer aparato de controle ou fiscalização dos nossos movimentos. Até dava a impressão de que, quanto mais nos afastássemos do sul, menos se temia os "Quinta Colunas". – Finalmente o embarque no vapor "Siqueira Campos", um ex-paquete alemão.

Letreiros enormes em ambos os lados do navio o caracterizavam como sendo de transporte de corpo diplomático. Havia, portanto, razoável segurança de que não seria atacado ou torpedeado até. Houve casos, porém, em que estes navios, que faziam a troca de membros de embaixadas e consulados, eram abordados por belonaves e se exigia dos seus passageiros a prestação de um juramento de neutralidade. Ou seja, eram comprometidos a não pegarem em armas no país de destino. Para mim a exis tência daquela prática, talvez até baseada em convênios internacionais, mais tarde iria ser de fundamental importância, preservando-me de um envolvimento ativo nos combates, justamente no crepúsculo do conflito. Na verdade, além de bandos de golfinhos, que brincavam à frente da nossa proa, não encontramos viva alma durante a travessia do Atlântico.

Lisboa seria o fim da etapa marítima da nossa viagem.

Nada demonstrava que já nos encontrávamos no continente, palco do conflito mais sangrento de todos os tempos. Ficamos ali alguns dias durante os quais desfrutamos as belezas de Sintra, onde fomos hospedados. Segue-se uma confortável viagem de trem, atravessando rapidamente a Espanha, da qual não vi muito mais que regiões bastante áridas e laranjas de polpa vermelha. Em Irun alcançamos a fronteira com a França, onde, já em seguida faríamos nova parada no famoso balneário de Biarritz. Nunca esquecerei o luxo do hotel onde nos hospedaram. Um antigo palácio napoleônico. Os colchões deviam ter uns cinqüenta centímetros de expessura. A gente "escalava" a cama para depois afundar no seu aconchego.

Na estação ferroviária de Frankfurt aconteceu uma grandiosa recepção à leva de representantes diplomáticos do *Reich*, que voltavam dum mundo que se lhes tornara hostil. Banda de música, a enorme gare decorada, bandeiras gigantescas. À noite ainda um jantar de gala no Hotel Carlton, onde fomos hospedados e onde recebemos os primeiros sinais do que teríamos pela frente: os garçons, ao retirarem as bandejas com as sobras do ágape, interrompiam sua volta à copa ou à cozinha em pequenos nichos do elegante salão, a fim de, discretamente, separar e embrulhar pedaços que restaram dos assados. Certamente os levariam para suas casas, para reforçar o cardápio de suas famílias. Na Alemanha já não se comprava mais nada fora de um rígido sistema de racionamento. Havia os *Lebensmittelkarten*, para comprar víveres. Eram cartões impressos com selos, que indicavam determinada quantidade de determinado mantimento que podia ser adquirido em determinada semana. O comerciante só podia vender alguma coisa coletando os respectivos selos. Assim também existia o *Raucherkarte*, que dava a todo adulto, fosse fumante ou não, direito a comprar determinada quantidade de cigarros por semana. Começara aí a valoração do cigarro como moeda de troca. Roupas e outras mercadorias racionadas só podiam ser compradas mediante *Bezugsschein*, um certificado de aquisição. Para recebê-lo o interessado tinha que fazer um requerimento que era aprovado ou não. É claro que, quanto mais escasseava a mercadoria, menor era a chance de ver um pedido atendido. Imagine-se hoje a máquina administrativa que era necessária para suprir e controlar um sistema destes

para um país inteiro. Mesmo assim, sem os recursos eletrônicos modernos, funcionava.

Foi mais tarde, na mesma noite no Hotel Carlton, que ouvi pela primeira vez aquele som que passaria a ser o martírio permanente e crescente das noites de guerra para a população da Alemanha. Era produzido pelas sirenes instaladas em cada bairro de cada cidade e que advertia as pessoas da aproximação de aviões inimigos. Havia a *Vorwarnung*, um pré-aviso, três sons longos, que indicava a incursão próxima à região, sem que se soubessa ainda o destino efetivo dos atacantes. Agora, quando as sirenes voltavam a soar em som contínuo e modulado, crescendo e baixando, crescendo e baixando, aí o perigo era iminente e todo mundo apanhava sua bagagem de emergência – uma mala ou sacola contendo algumas roupas e valores, sempre pronta e ao alcance – e corria para os abrigos antiaéreos. Naquela noite em Frankfurt não era coisa séria, apenas um avião de reconhecimento a grande altura.

4

Primeiras impressões

Ali, em Frankfurt, nossa comitiva foi dissolvida e cada um tomou o seu rumo. O nosso foi Hamburgo, onde ainda tínhamos parentes. Foi no minúsculo apartamento da minha vó materna que nós nos acomodamos muito provisoriamente. Situava-se na *Menckes Allee* esquina com a P*appel Allee*. O predinho não tinha abrigo próprio, mas a duas quadras, junto à estação "Hasselbrook" da *Stadtbahn* (um Metrô de superfície), havia um abrigo antiaéreo coletivo do tipo dos mais seguros. Não era subterrâneo e sim uma enorme torre redonda, sem janelas. As paredes externas tinham seguramente um metro de expessura e o teto, também de concreto, tinha forma cônica, talvez para que, se fosse atingido por uma bomba, esta resvalasse para os lados antes de explodir. Dentro não havia escadas e sim uma rampa helicoidal, margeada por bancos. Na parte central existiam banheiros e centros de assistência, enfermarias etc. Era capaz de abrigar um contingente enorme de pessoas e acredito que em toda Hamburgo tenham sido construídos de seis a dez abrigos deste tipo. Nem mesmo durante a hecatombe que atingiu Hamburgo em 1943 estas torres e as pessoas que abrigavam chegaram a sofrer danos. Infelizmente eram poucos para uma cidade de um milhão e meio de habitantes.

Eu saira de Curitiba, tendo passado para o terceiro ano do ginásio. Pois em Hamburgo, na *Oberschule Eilbeck*, aceitaram a minha matrícula no mesmo terceiro ano. Não tive maiores dificuldades, exceto na matéria "alemão". As aulas particulares que havia tido não poderiam ter suprido as exigências de um currículo normal escolar. Logo ali, no professor de alemão, fui encontrar um nazista ruim. Era franzino, baixinho, o

resto de cabelos cortados rente, óculos que amiudavam ainda mais seus olhos, um nariz delgado, mas proeminente, e um bigodinho complementavam uma aparência muito semelhante a um rato. Entretanto, na lapela ostentava aquele grande distintivo redondo, que o identificava como membro do *NSDAP*. Não esqueço do sorriso sádico com que me apoquentava. Chamava-me de *Urwaldmensch*, Homem da Selva.

Foi durante o curto período, em que moramos neste bairro de Eilbeck, que comecei a ver de perto o efeito dos bombardeios aéreos. A defesa alemã ainda funcionava e os estragos causados eram esparsos. Os bombeiros ainda tinham condições de atender aos chamados. Mas, foi numa destas noites , tendo as sirenes dado o sinal de fim de alerta, quando deixávamos a torre de abrigo já via-se o clarão do fogo na direção em que ficava a nossa casa. Uma quadra adiante estavam três casas em chamas e não havia mais o que salvar. Ninguém podia imaginar que aquela visão era apenas uma insignificante amostra do que ainda estava por vir.

Assim como na Alemanha não havia criança fora de escola, também não havia menino ou menina fora do esquema da juventude organizada. Dos 10 aos 14 anos havia o *DJ - Deutsches Jungvolk* e acima dos 14 a *HJ - Hitler Jugend*. Isto para a rapaziada. Para elas existia o *JM - Jung-Mädel* e o *BDM - Bund Deutscher Mädchen*. Apresentei-me na sede do bairro e, com os meus 13 anos, fui logo incorporado ao *DJ* . Para o respectivo uniforme não faltou *Bezugschein*. A turma ali era meio devagar, a própria sede, onde a gente se encontrava, era acanhada e não me entusiasmei muito com a coisa. Tratei de me dar bem na escola, onde tinhamos bons professores, exceto aquele tal, já descrito. Não demorou muito e meus pais se acertaram com uma prima da minha mãe e seu marido, os quais possuíam duas casas num só terreno no subúrbio de Tonndorf, bem no lado leste da cidade. Eles moravam na casa da frente e a casa dos fundos estava desocupada. Era um antigo estábulo ou paiol, reformado, porém bem confortável, considerando as circunstâncias e a época. Tinha na parte térrea uma cozinha e uma sala de tamanhos razoáveis

Entre as duas peças a escadaria e um minúsculo W.C. com um pequeno lavatório – o banho era semanal numa banheira de zinco portátil colocada

na cozinha para tal fim. Na parte superior, aproveitando o espaço entre os telhados, havia dois quartos, tendo um deles também um pequeno lavatório e mais um cubículo anexo no qual mal cabia uma cama. Para os nossos parentes era uma solução boa, porque mais dia menos dia teriam que alojar obrigatoriamente ali pessoas que estavam perdendo suas moradias nos bombardeios. Para nós também foi uma salvação, porque o espaço habitacional já era raro em função do crescente número de desabrigados. E, afinal, era só minha mãe e eu.

Meu pai logo havia se mandado para Berlim, onde conseguiu um emprego técnico numa indústria de aparelhos eletro-medicinais. Tal função era considerada "importante para a guerra", o que o livrara de ser convocado para as forças armadas. Após poucas semanas em Berlim ele foi mandado para Cracóvia, Polônia, onde passou a exercer o cargo de gerente da filial da empresa, cuidando das vendas e assistência técnica dos seus aparelhos em todo o *Generalgouvernement*, ou seja, na parte do país ocupada pelos alemães.

5

A situação bélica

A esta altura, meados de 1942, as forças alemãs ocupavam ao oeste os países baixos e metade da França. Merece menção o respeito com que a vitoriosa Alemanha tratou o arquiinimigo francês nesta guerra. A campanha durara pouco mais de um mês. Em 14 de junho de 1942 París era ocupada sem luta e o governo Reynaud fugia para Bordeaux, sendo substituido pelo vice-presidente, Marechal Petain. Este assinaria no dia 22 o armistício em Compiègne com Alemanha e Itália (que declarara guerra à França somente doze dias antes). As condições deste acordo delimitavam a ocupação alemã ao território acima de uma linha imaginária traçada de Genebra por Dôle - Tours - Mont-de-Marsan até a fronteira com a Espanha. A outra parte da França, agora governada desde Vichy, podia manter um pequeno exército de voluntários bem como parte da sua marinha de guerra. Por sinal, uma esquadra de vasos de guerra franceses ancorados em Oran, na África, foi atacada e destruida no dia 3.7.40 pela frota britânica que operava no Mediterrâneo. Será que o Marechal de Gaulle, exilado na Inglaterra, aprovara este massacre dos seus compatriotas? Entretanto, o Marechal Petain, herói da batalha de Verdun na 1ª Guerra Mundial e que agora conseguira negociar uma capitulação tão honrosa, acabou condenado à morte por um tribunal francês depois da guerra. A condenação depois foi transformada em prisão perpétua.

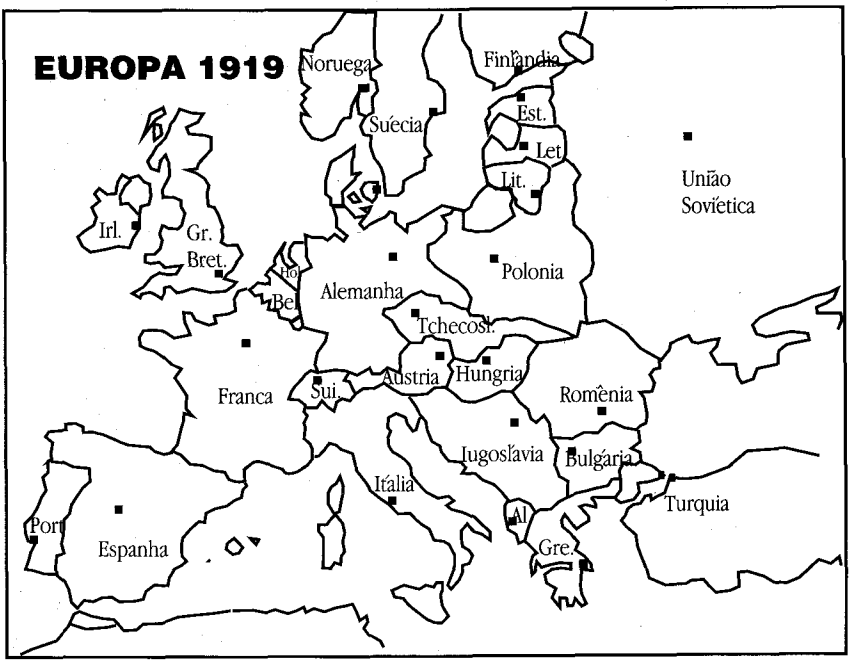
A Alemanha tem sido muito criticada por ter iniciado a sua ofensiva contra a França invadindo países neutros, Holanda e Bélgica.

O motivo principal deve ter sido o de evitar as perdas humanas e materiais que teriam ocorrido em caso de enfrentamento direto da Linha Maginot. Uma linha de defesa, altamente fortificada, que a França havia construído ao longo de sua fronteira com a Alemanha. Esta justificou sua atitude afirmando que os dois países haviam abdicado de sua neutralidade, permitindo o sobrevôo do seu território por aviões de combate ingleses.

Ao norte, o governo da Dinamarca se colocara sob proteção alemã e permitiu a passagem das forças alemãs para a ocupação da Noruega. A Noruega tinha importância estratégica para todos os contendores. Era através dos portos setentrionais do país que se embarcava o minério de ferro que a Alemanha importava da Suécia. Em 30.11.39 a União Soviética tinha iniciado sua guerra contra a Finlândia, o que aproximava a área de conflito da Escandinávia. Em 8.4.40 os ingleses minaram os acessos ao porto de Narvik para impedir os transportes daquela importante matéria prima para a Alemanha. Em 9.4.40 começou o desembarque alemão e cinco dias depois o desembarque britânico na Noruega. As forças norueguesas, que haviam tentado resistir aos alemães, capitularam na segunda quinzena de abril e, após encarniçadas batalhas, os ingleses deixaram seu último bastião, Narvik, em 8.6.40.

Ao sul, além do Mediterrâneo, a "Raposa do Deserto", o Marechal Rommel estava conseguindo expressiva vitória contra as forças inglesas que capitularam em 20.06.42 em Tobruk. Somente em novembro forças americanas a britânicas voltariam a desembarcar na Africa do Norte, Marroco, e levariam mais seis meses para vencer este extraordinário estrategista. A presença da Alemanha na África certamente contribuiu para reforçar a lenda do seu "imperialismo". Mas não estava lá a fim de conquistas. Em fevereiro de 41 Rommel e seu *Afrikakorps* foram socorrer a aliada Itália, que em 1936 conquistara a Etiópia e em setembro de 1940, após ocupar as Somálias britânica e francesa, invadira a África do Norte através das fronteiras do Egito e da Líbia mas estava sendo derrotada pela contra-ofensiva dos ingleses.

A sudeste a Alemanha tinha o domínio de toda a península balcânica, exceto a Turquia que não se envolvera no conflito.



Hungria, Romênia e Eslováquia já tinham ingressado no "Pacto do Eixo" em novembro de 1940. Em março de 41 a Bulgária também se alia. No mesmo mês seguiria a Iugoslávia, porém acontece um golpe militar contrário em Belgrado, provocando a intervenção e ocupação alemã. Antes disso, em 28.10.40, Mussolini, *Duce* da Itália, resolvera, sem prevenir seu amigo e aliado, invadir a Albânia e, através desta, atacar a Grécia. Apesar de serem os italianos rechaçados pelas forças gregas, a Inglaterra aproveita a oportunidade e, a título de apoio aos gregos, ocupa a ilha de Creta. Hitler vê nisso uma ameaça ao seu suprimento de petróleo da Romênia e parte para a guerra contra a Grécia. Sua ocupação é concluida em 1. de junho de 41.

A leste, o exército alemão encontrava-se às portas de Moscou e Leningrado (S.Petersburgo), mas, apesar da nova ofensiva ao sul em direção a Stalingrado e ao Cáucaso, a campanha fora por demais

desgastante. Começara a contabilizar batalhas perdidas. Até setembro de 42 passaria a registrar entre mortos, desaparecidos e feridos perdas de 51% do seu efetivo. O rigoroso inverno russo e as longas distâncias para suprimento haviam contribuído para esgotar o seu poder ofensivo. Ao lado da Alemanha lutavam não só as forças do Eixo já citadas, mas, também, a Finlândia, um exército ucraniano, sob o comando do Marechal Wlassow, bem como contingentes de voluntários holandeses, franceses e espanhois integrando as Divisões da SS.

Para completar o quadro, desde 11.12.41 havia sido declarada oficialmente a guerra com os Estados Unidos.

6

Adolescente

No meio de tudo isto um menino, que deixara para trás as esperanças de um futuro tranqüilo e ordenado, e passou a viver no centro dum cataclismo que estava ceifando a vida de quarenta a cinqüenta milhões de seres humanos.

Com a nossa mudança para o bairro Tonndorf eu tive que mudar também para o agrupamento local do *Jungvolk*. A organização da juventude realmente era exemplar. Havia um organograma que no seu topo tinha o *Reichsjugendführer*, uma espécie de ministro, e descia, em escalonamento perfeito, até um pequeno grupo de 8 a 10 *Pimpfe* na *DJ* ou *Hitlerjungen* na *HJ*. O pequeno grupo era chamado de *Rotte* sob comando de um *Rottenführer*. Quatro *Rotten* constituiam um *Jungzug* e quatro a cinco *Jungzüge* um *Fähnlein*. Cada *Fähnlein* tinha sua sede. A de Tonndorf era uma casa de madeira bem espaçosa com uma grande área gramada em volta. A mesma sede servia à *HJ*, bem como às duas faixas etárias femininas, às *Jungmädel* e ao *BdM*. Passei a gostar da coisa, dos encontros, das amizades, das programações. Não demorou muito, acho que foi ainda no mesmo ano, eu era promovido a *Rottenführer*. Ingressando na escala hierárquica, isto significava que, mesmo mudando de faixa etária, eu ficaria no *Jungvolk*, não passaria mais para a *Hitlerjugend*, mas, estava sujeito a transferências. Foi o que aconteceu. Fui designado a integrar o *Fähnlein* de Jennfeld, um bairro vizinho. Graças à previdência dos meus pais, trouxeramos do Brasil também a minha bicicleta. Destarte a locomoção em Hamburgo, onde tudo é plano, sem subidas e descidas, não constituia

problema para mim.

Esta juventude organizada, com a qual convivi, foi uma experiência gratificante. Nada tinha daquilo que nos últimos cinqüenta anos tentaram nos incutir. Havia "ordem unida"? Havia, sim. Mas havia também esporte, jogos, cantoria, excursões, confraternização, cultura, ação social, estudos, modelismo, enfim, um sem número de atividades que mantinham aceso o interesse do jovem, poupando-o do ócio, do tédio.

Apesar de oficialmente condenada, havia também a música *hot*. Sempre dávamos um jeito de curtir um *Tiger Rag* e outros rítmos mais quentes. A iniciativa não era cerceada. Lideranças não eram reprimidas. E seria tão mau assim, aprender disciplina enquanto jovem? Isto não torna mais fácil o caminho para a autodisciplina e a respeitar os direitos do próximo? Entre os ideais que eram enaltecidos evidentemente estava o da política reinante, mas em muito maior escala aquilo que hoje se chama de ordem moral e cívica.

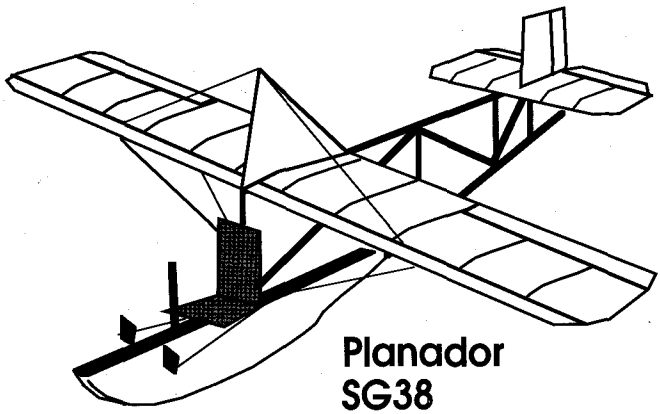
Depois que eu fora promovido a *Jungzugführer* competia-me também fazer uma palestra semanal para os meus comandados. Tenho guardado um manual editado pelo orgão responsável pela área de Hamburgo e que visava nos dar suporte e sugerir matérias. Pois toda esta publicação traz em suas 100 páginas exclusivamente assuntos históricos sobre a cidade de Hamburgo, desde a sua fundação por Carlos Magno por volta do ano de 800 d.C. Tem poesias, ilustrações, contos. Nada, mas nada mesmo, que pudesse ser interpretado como incentivo ao ódio ou à discriminação étnica ou racial.

Como se vê, eu também fui um *Führer*, eu próprio era um nazista rodeado de nazistas e todos convencidos dos ideais nacionalsocialistas. E entre estes ideais por certo não estava a conquista e domínio do mundo. A mentalidade alemã da época era por demais egocentrada. A Alemanha tinha perdido ao final da primeira guerra todas as suas colônias e era difícil agora encontrar alguém que tenha estado além fronteiras, que tenha mantido contato com outros povos. Um dos maiores absurdos propalados no Brasil foi a possibilidade de uma invasão alemã. O que é que iriam fazer aqui? Nunca mesmo se falou na reconquista das

colônias perdidas através dos fatídicos acordos de Versailles (28.6.1919), os quais marcariam a humilhação total de um país que perdera uma guerra por motivos nunca bem explicados. Não são poucos os historiadores que vêm nestes acordos de Versailles (Alemanha) e Saint Germain (Áustria) os verdadeiros motivos da eclosão da 2ª Guerra Mundial. Era um estopim que fora aceso ali 20 anos antes.

Após completar 15 anos apresentei-me como voluntário para a *Luftwaffe*. Passei por uma série de exames médicos, ao cabo dos quais fui considerado apto para a aviação de caça noturna. Enorme motivo de orgulho para um gurizão, naquela idade cheio de ideais e ilusões. Anos mais tarde, quando cheguei a falar com quem viveu a realidade de ser piloto de combate, reconheci o quanto esta é diferente da fantasia. Em terra, nas bases os pilotos tinham condições de vida de certa forma privilegiada. Eram bem acomodados, recebiam suprimentos com os quais o pessoal da infantaria nem sonhava, seus uniformes tinham mais "classe", eram os preferidos das meninas, mas, lá no ar... Lá em cima a coisa era diferente. Aviões de combate não tinham conforto, não. Avião de caça então era superapertado. Lata barulhenta por todos os lados. E o medo. Combate aéreo era sempre *"fifty-fifty"*, era você ou ele Dificilmente acontecia um empate. A tensão podia ser enorme. Não raro você se molhava e vomitava ali mesmo e, com as evoluções do aparelho, tinha que assistir aquela coisa escorrendo para cima e para baixo, para trás e para frente... Bem, fui poupado.

Em conseqüência do meu alistamento fui chamdo para um curso de planadores em Fischbeck, região de colinas do outro lado do rio Elbe, perto de Hamburgo. Foi um curso de quatro semanas. A sede da escola oferecia acomodação para cerca de trinta ou quarenta alunos. Todos receberam uniformes a serem usados durante o período. Tinhamos quatro planadores SG-38 à disposição, sendo que um deles quase foi destruído por imperícia minha. Nosso instrutor, sargento Knoblauch, ficou uma fera comigo e fui penalizado com uma semana inteira sem poder voar. Na época já não havia mais gasolina disponível para cursos de planadores, ou seja, não havia condições de realizar a prova "C" na qual o planador era



Planador SG38

rebocado por avião a motor. Assim nos limitamos a ser catapultados do alto duma colina. O SG-38 é muito parecido com os modelos mais simples dos nossos ultraleves de hoje, só que, todo feito de madeira. O assento ficava bem no nariz do aparelho, de modo que o pára-choque era efetivamente a testa do piloto. Para iniciar a instrução tínhamos que arrastar o planador até o alto, onde estivesse bem exposto ao vento. Lá ele era pendurado pelo seu centro de gravidade num dispositivo que lhe permitia todos os movimentos, menos o deslocamento, é claro. Então o aluno sentava neste precursor do simulador moderno e aprendia ao vivo a usar manche e pedais. Isto até a exaustão. Só depois pudemos deixar o chão.

A primeira prova era só decolagem, vôo em linha reta e aterrissagem. O planador era preso no alto da colina por uma engate que podia ser disparado pelo aluno-piloto. Dois seguravam as pontas das asas e outros dezoito, nove de cada lado, começavam a correr colina abaixo esticando um longo cabo de borracha, de talvez 2,5 cm de diâmetro, disposto em "V", como um estilingue, cujo vértice, com uma argola, engatava num gancho no nariz do avião, de modo a se soltar quando este estivesse no ar e a tensão do cabo relaxasse.

Foi na segunda fase, quando tivemos que realizar vôos

em "S", aconteceu na segunda curva que não coordenei bem movimento de manche e pedais e o avião saiu de controle disparando sobre a asa esquerda em direção ao chão. Não sei como me safei, mas são momentos em que o anjo da guarda se manifesta, ajudando-me a devolver o avião sem dano à terra firme. Finalmente também consegui passar em todas as provas e mereci, como os demais brevetados, aquela surra de palmadas na bunda, tradição no batismo dos novos pilotos.

Peço ao leitor que me perdoe, se me detive demais na descrição desta experiência. Era o princípio da realização de um sonho de vida – ser aviador – que acabou não se concretizando. Quando voltei ao Brasil não tinha nem os diplomas escolares exigidos e, muito menos, dinheiro para pagar as aulas necessárias em aeroclube. Pelo contrário, tive logo que começar a trabalhar para ganhar o meu sustento.

A escola de planadores de Fischbeck ainda gravou outra lembrança indelével em minha memória. Apesar de ser afastado da cidade ali também soavam as sirenes de alarme, advertindo sobre a incursão de aviões inimigos. A escola não tinha abrigo antiaéreo, mas, a certa distância da edificação havia buracos cavados no chão com cerca de 1m de profundidade e com largura suficiente para que coubesse um homem agachado. Na hora do alarme pegávamos cada qual o seu capacete de aço e nos enfiávamos naqueles abrigos individuais. Os capacetes serviam de proteção contra os estilhaços das granadas antiaéreas. Dos nossos abrigos tínhamos uma vista panorâmica de toda a cidade de Hamburgo.

Pois foi numa destas noites que esta cidade, tanto castigada, sofreu mais um destes ataques massificados de centenas de aviões de bombardeio britânicos. Foi um espetáculo indescritível. O monstruoso, o mórbido, o apocalíptico acontecendo à nossa frente, banhado nas cores de um fantástico show pirotécnico. A cidade alvo daquele ataque de terror, antes completamente às escuras, de repente parece estar à luz do dia, iluminada que é por dezenas de luzes de magnésio que vagarosamente vem descendo do céu em pára-quedas, plantadas por aviões balizadores. Logo seguem, também suspensos por pára-quedas, os *Tannenbäume* – pinheirinhos de natal, como eram chamados pela população – enormes

conjuntos de luzes coloridas, de composição diversa, e que deveriam demarcar os bairros-alvo para as ondas de bombardeiros que seguiam a grande altura. Estes despejavam suas bombas em verdadeiros tapetes, sem precisão é claro, e os clarões das explosões contavam para nós, espectadores, das centenas ou milhares de vidas que naqueles momentos estavam sendo apagadas. Labaredas dos incêndios provocados pelas bombas de combustão começam a surgir nos mais diversos pontos daquela vista tétrica de beleza infernal.

Sobre as nossas cabeças acontece um momento em que a tensão acumulada encontra um pólo de descarga. Um destes aparelhos com sua tripulação assassina não vai voltar mais. Uma bola de fogo atesta que foi atingido, desmanchando-se em pedaços, um dos quais encontramos no dia seguinte próximo à escola.

Em tempos assim se amadurece mais depressa. Imagine-se quantos lares havia, privados dos pais, convocados para as forças armadas ou já tombados, as mães trabalhando nas fábricas ou em serviços essenciais. Os filhos tinham que assumir responsabilidades. Com o meu pai na Polônia, sobravam afazeres para mim. Quem tinha alguns metros quadrados de quintal obrigatoriamente os aproveitava para plantar alguma coisa e atrás da nossa casa havia um bom espaço que eu lavrava em conjunto com o meu velho tio. Lavrar não é só plantar e colher, não. Sem falar na dureza de virar a terra com a cortadeira, havia um serviço que eu detestava. Era a adubação! Nossa casa não tinha ligação com a rede de esgoto. Não sei se era a região toda, ou porque se tratava de uma antigo paiol reformado. Sei que tinha uma fossa. Fossa enorme, praticamente um poço. Não era destas sépticas, com tratament anaeróbio, como as que se usa hoje. Vigas pesadas de madeira serviam como tampa. Durante o ano todo a coisa ia enchendo. Pouco antes do inverno, terra revirada, era hora de tampar o nariz e destampar o poço. Meu tio ficava ali, com um balde fixo na extremidade duma vara comprida, tirando material da fossa e enchendo outros baldes que eu carregava de dois em dois para despejá-los sobre a terra revolta.

Com os bombardeios, mesmo que nossa casa não fosse

atingida diretamente, sempre havia danos a consertar. O deslocamento do ar, proveniente das explosões próximas, provocava destelhamento, quebra de vidros e outros problemas. Certa vez a porta da casa foi arrebentada das dobradiças. Sempre havia o que fazer e, com a falta de material, era preciso muita criatividade para improvisar soluções.

A partir de determinado momento fui escolhido *Luftschutzwart*, ou seja, zelador de proteção aérea. Recebi um capacete de aço (tenho-o guardado até hoje, não sei porque) e a incumbência de deixar o abrigo antiaéreo, sempre que a situação durante um bombardeio o permitisse, a fim de verificar se as casas sob meu cuidado não foram atingidas por bombas incendiárias e, eventualmente, iniciar o combate.

Já falei da minha escola, à qual eu chegava comodamente de bonde. Mas, não demorou para que fosse fechada, destruída em grande parte em ataque aéreo. Mudei para outra escola em Rahlstedt para onde a via de transporte era a bicicleta. Também fechou por danos irrecuperáveis. Aí o meu destino diário passou a ser Ahrensburg, distante mais ou menos quinze quilometros por trem, mais uma caminhada de quase três quartos de hora. Sei que tinha que levantar às cinco horas da manhã. Se houvesse alarme (ataque aéreo) depois da meia-noite, as aulas começavam uma hora mais tarde. Ahrensburg tinha para mim um enorme ponto a favor. É que na volta a gente esperava pelo trem por quase meia hora. Então ficávamos no restaurante da estação e este servia uma sopa sem que tivéssemos que entregar selos do cartão de racionamento. Não se sabe do que que era, mas que estava boa aquela sopa, ah, isto estava. Para um rapaz naquela idade a fome era um estado permanente e o que viesse era lucro.

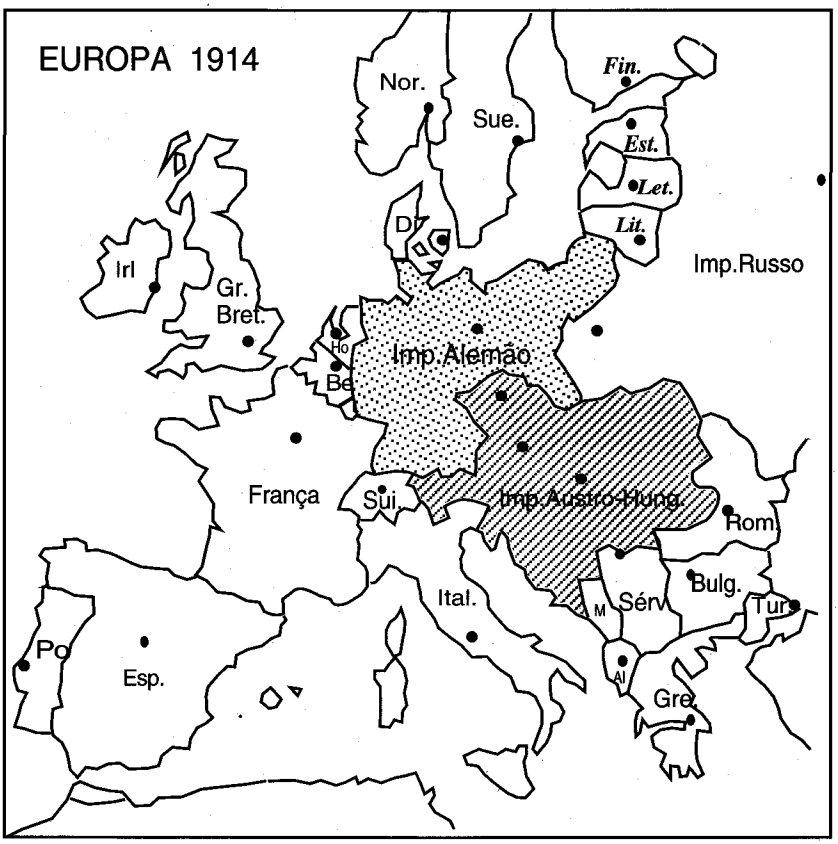
E os hormônios? É claro que a precocidade também promovia a sua atividade. Eu tinha fama de namorador. Era a Uschi, a Marion, a Mariechen, a Lotti, a Ursel e por aí. Todas de mais idade. Só que os encontros tinham que ser fora de casa. Passeios e beijos quentíssimos e amassos inolvidáveis em noites de geada, ou até neve. Mas, também era só. Uma única vez aconteceu de o meu amigo Seppl, *Fähnleinführer* de Tonndorf, ter a casa dos pais à disposição. Reunimo-nos em três casais,

dançamos. Chegamos a ir para a cama – em quartos diferentes, não era suruba , não, porém ninguém chegou aos "finalmentes". Ou foi porque capitulamos diante da resistência feminina, ou foi porque ainda éramos sedutores principiantes. Cheguei em casa depois da meia-noite, minha mãe me esperava e levei um tremendo tabefe no pé do ouvido. Para perder a virgindade eu teria que ir à Polônia. Isto está em outro capítulo.

7

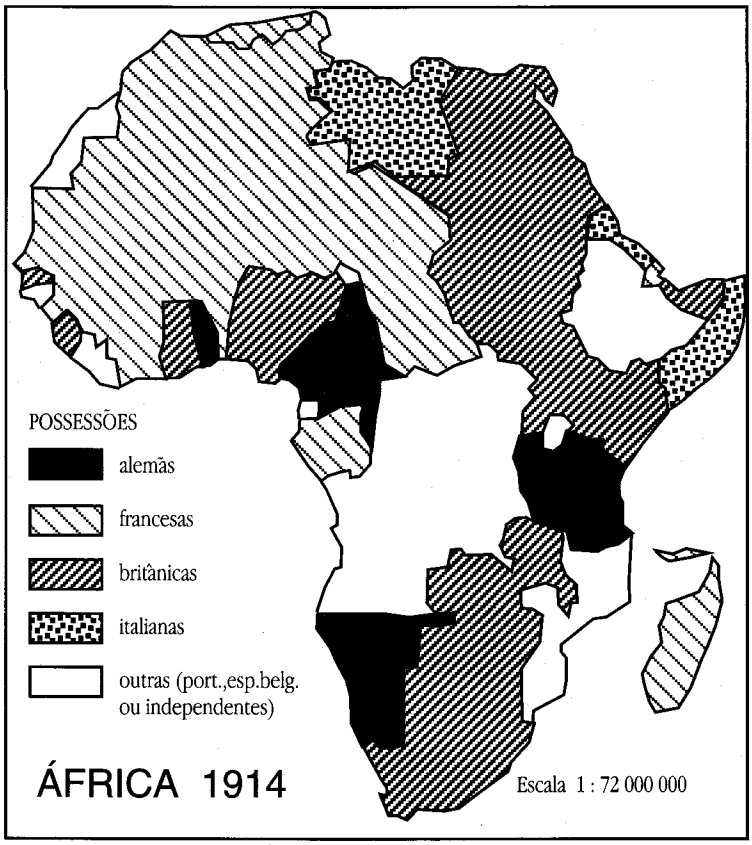
1914/18

Convém recordar um pouco do que acontecera naqueles anos de 1914/18. Fora a Alemanha, o país belicoso e agressor, como sempre afirmam, que provocara aquele primeiro conflito mundial? Definitivamente não. A Rússia czarista estava adotando uma política expansionista nos Bálcãs, o que incomodava o Reino austro-húngaro (ver mapa 1914). Em 20.6.1914 aconteceu na Sérvia o assassinato do príncipe herdeiro do trono austríaco por terroristas sérvios. Isto motivou um ultimato austro-húngaro contra a Sérvia. A Rússia se coloca ao lado dos sérvios e a Alemanha, em função de tratados de defesa mútua, ao lado do seu país irmão. A guerra conseqüente e os costados vulneráveis da Alemanha são aproveitados pela França, que tinha idéias revanchistas desde 1870/71, e pela Inglaterra que não vinha gostando do crescimento da frota alemã, vendo nisso uma ameaça à sua supremacia nos mares mundiais. Também a Itália, de olho gordo na região do Tirol do Sul, na Áustria, aguardou alguns meses e em abril de 1915 juntou-se à *Entente*, como se chamava a união dos adversários da Alemanha. Outros países seguiriam, incluindo os Estados Unidos em 1917. Como se pode ver, era relativamente fácil acontecer uma guerra. A mentalidade era outra. Levava-se muito a sério questões como o orgulho nacional, e a globalização estava longe de acontecer. Se então um presidente de uma nação tivesse dito de outra que esta não era um país *serieux*, certamente teria provocado conseqüências e retaliações, no mínimo diplomáticas. Hoje tal afirmação é encarada como chiste e serve de autogozação aos próprios injuriados. Felizmente não é mais tão fácil chamar o povo para desensarilhar armas. Mas, voltemos a 1914.



Apesar de os "Protocolos do Kongo de 1885" preverem que uma guerra européia não seria estendida ao Continente Africano, as colônias alemãs, precariamente protegidas, foram logo atacadas pela *Entente*. Togo, indefeso, foi ocupado por ingleses e franceses em agosto de 1914. A África Alemã do Sudoeste (hoje Namíbia) foi atacada pela África do Sul e seu contingente de proteção vencido em meados de 1915. Camarões (*Kamerun*) resistiu aos aliados até o início de 1916. A África Alemã do Leste (hoje Tanzânia) foi arduamente defendida pelas tropas do Gen.Lettow-Vorbeck, que teve que retroceder até território português e dali voltando a

conquistar toda a região, até que, com o final da guerra, foi obrigado a depositar armas. A colônia de Tsingtau na China caiu na mão dos japoneses e as ilhas dos Mares do Sul que pertenciam à Alemanha foram ocupadas por japoneses e australianos.



Então, o que a Alemanha estaria tentando conquistar? Onde se revela o intuito imperialista desta nação, tão cantado em prosa e verso? Antes parece que fora envolvida nos acontecimentos apenas por sua lealdade ao país irmão. Uma virtude que teve conseqüências funestas.

O lado alemão seria enfraquecido pela morte do imperador austríaco em 1916 e pelos problemas políticos internos que se seguiram naquele país. Mas, a Rússia estava vencida e ocupada com sua revolução bolchevista. As forças alemãs ainda combatiam em território inimigo, quando motins de marinheiros evoluíram para um revolução no próprio país. Esta obrigou o *Kaiser* e seu sucessor a renunciarem no dia 9.11.1918 o que, por sua vez, levou à proclamação da república e, dois dias depois, à assinatura do armistício na Floresta de Compiègne.

Pode ser que em séculos passados as revoluções tenham nascido espontanemente em meio a segmentos da sociedade. Não acredito na possibilidade de tal fenômeno acontecer ou ter acontecido no século XX. Hoje qualquer movimento rebelde exige organização, logística apurada e, principalmente, recursos materiais e, conseqüentemente, muito dinheiro. Então podem acontecer os "golpes" oriundos de agrupamentos que já disponham de tais elementos, como as forças armadas, mas, o povo, sozinho, não faz revolução. Não ficou claro até hoje, qual teria sido a força motora e supridora da revolução que em 1918 derrotou a Alemanha e que teve tão sérias conseqüências (assim como fica a pergunta sobre quem teria financiado a revolução bolchevista na Rússia).

Pelo tratado de Versailles a Alemanha foi obrigada a assumir (sob protesto) a culpa pela guerra e lhe foram impostas pesadas sanções, tais como "reparações" financeiras, praticamente impagáveis e perdas territoriais (ver mapa Europa 1919/39 no capítulo 9). Áreas de população majoritariamente pertencente à etnia alemã passaram ao domínio de nações estranhas. É claro que entre as perdas se incluem também as suas colônias.

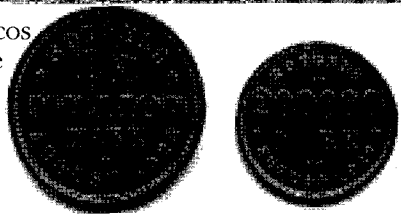
O Reino austro-húngaro foi desmantelado. Com isso mais alemães, como os sudetos, boêmios e moravos, passaram a viver sob hegemonia de governos que não lhes devotavam simpatias.

Os alemães, acostumados a regimes patriarcais, de repente sentiram-se jogados na arena das lutas, por vezes violentas, de partidos políticos. Foram castigados por uma crise econômica sem precedentes, agravada pelo pagamento de reparações de guerra que lhe foram impostos pela *Entente* e que acabaria por desaguar numa inflação monetária que

não teve similar na história da humanidade. Muitos buscaram na emigração melhor perspectiva de vida. Assim fizeram o meu avô e o meu pai, aportando no Brasil em 1920, atraídos por promessas de companhia colonizadora.



Nota de cinco milhões de marcos e moedas de alumínio, uma de 1/2 milhão e outra de duzentos mil marcos





"Michels Leidensgang" (1923)

Capa da revista satírica "Kladderadatsch" de 1929 com a legenda "Martírio de Michel". Mostra o Miguel Alemão carregando a cruz. Sobre esta se apoia o inglês "John Bull". A francesa "Marianne" brande o chicote enquanto o americano "Uncle Sam" assiste aos fundos.

8

Hitler – um produto do seu tempo

Dentro desse quadro era natural que tenha surgido uma liderança, que conseguiu inspirar a confiança necessária, para que o povo voltasse a acreditar em dias melhores. Eleição após eleição o partido nacionalsocialista foi ampliando sua representação no parlamento, obtendo afinal a maioria no *Reichstag*. No dia 30 de janeiro de 1933 o lider da *NSDAP*, Adolf Hitler, foi nomeado primeiro ministro pelo presidente Hindenburg. Mas, somente em 2.8.34, com a morte de Hindenburg, Hitler assume plenos poderes e se autorga a condição de *Führer* da nação alemã. Nos poucos anos que se seguem a Alemanha experimenta uma apreciável evolução econômica e social que a faz figurar entre os primeiros nomes no *ranking* das potências mundiais.

A difamação orquestrada que se desenrolou na segunda metade do século contra a Alemanha em geral e contra o nazismo em particular, induziu o mundo a negligenciar, ou a perder mesmo, notáveis ensinamentos, que poderiam ser tirados daquela experiência política. A visão que se tem hoje é que o nacionalsocialismo alemão representava a ultra-direita. A meu ver, o Partido Nacionalsocialista Alemão dos Trabalhadores constituiu um fenômeno singular no teatro político mundial e, por conseqüência da visão distorcida, nem mesmo seus aspectos mais positivos chegariam a servir de modelo para novas estruturas políticas. O nazismo na realidade celebrou uma aliança entre a esquerda e a direita. Teve o apoio irrestrito do empresariado, porém em termos de sustentação popular corria na faixa dos socialdemocratas, seus maiores concorrentes ao lado dos próprios comunistas. Sem dúvida os seus ideais nacionalistas

encontravam solo fertilizado pelas conseqüências da 1a.GuerraMundial, mas o maior prestígio de Hitler junto à população certamente lhe foi devido por sua ação social. Não é outra a razão de um Fidel Castro ser adorado pelo povo cubano.

Hitler era austríaco. Assim, àqueles que hoje vivem incluindo a Áustria entre as vítimas do nazismo, pode-se retrucar que o inverso seria o verdadeiro. – A mídia e os "historiadores" mitificaram Hitler na figura do próprio diabo que teria encarnado aqui na terra. Na verdade Hitler foi, como todos nós somos, um produto do seu tempo. Dotado de uma forte capacidade de comunicação e de carisma inegável, sobressaiu na sua área de atuação, cativou as pessoas e mobilizou as massas. Um detalhe que tem merecido pouca atenção e que pode contribuir para que se visualize a figura representada por Hitler para o povo, foi sua aparente condição de celibatário. Era o grande condutor duma nação que tão somente a ela dedicava todos os seus pensamentos e energias. Não tinha vida íntima. Não perdia tempo com coisas mundanas. O seu relacionamento com Eva Braun foi mantido em sigilo absoluto e só veio a público depois do seu duplo suicídio. A gente nem sabia da existência desta mulher. N ã o creio que tenha planejado mergulhar o mundo numa guerra, nem foi nele que nasceu a idéia de hostilizar os judeus. Não vou me referir aqui à perseguição secular que sofreram desde o início dos tempos, em sua própria terra de origem e, até hoje, nos mais diversos paises do mundo. São condicionamentos mais diretos, mais presentes em sua vida. Na juventude, vivida em Viena, Austria, por volta de 1908, Hitler já conheceu e foi influenciado pelas idéias difundidas pela revista étnico-racista "*Ostara*" (nome da deusa germânica da terra e da primavera). Estas idéias, por sua vez, tinham origem num movimento "Pangermânico" do *Alldeutscher Verband*, fundado em 1891 com o objetivo de alçar a recém criada nação alemã a um lugar de destaque no contexto mundial e que também acreditava numa superioridade da raça nórdica. O principal inimigo desta raça seria o judeu e a miscigenação. A questão envolve ainda aspectos religiosos, interpretações da bíblia e outros mais.

A polêmica *Blutschutzgesetz*, Lei de Proteção ao Sangue,

editada por Hitler em 1935, tinha tal caráter defensivo, proibindo o casamento de alemães com judeus e submetendo a uma licença especial a união com estrangeiros que não fossem da área considerada nórdica. Uma certa falta de coerência transparece em seu texto, quando num trecho fala de judeu como raça e noutro como religião. – Quanto ao problema da miscigenação, a recíproca já existia e subsiste. O judaísmo é transmitido da mãe judia aos filhos. Daí porque suas leis religiosas não permitem o casamento entre mulher judia e homem não judeu, a não ser que este se converta.

O Sionismo, que se consolidou como movimento político na virada do século 19, foi condenado como sendo racista por muitos países representados na ONU, entre eles o Brasil. Isto é pouco divulgado. Quem carrega o estigma de país racista é a Alemanha.

E o que dizer dos grandes defensores da democracia, dos libertadores da humanidade, daqueles que fizeram meio mundo declarar guerra contra a Alemanha opressora em nome de uma luta pela liberdade? Sim, refiro-me aos Estados Unidos, onde depois da 2a.Guerra Mundial o senador pelo Mississipi, Theodore G.Bilbo, defendeu a supremacia branca no livro *"Take your choice: Separation or Mongrelization"* (Façam sua escolha: Separação ou Mestiçagem). Somente em 1967 o Supremo Tribunal Federal, julgando a causa Loving versus Virgínia, derrubou as últimas leis estaduais americanas dirigidas contra a miscigenação. Portanto ainda 22 anos depois da guerra existiam *Blutschutzgesetze* nos Estados Unidos.

Outro fator importante que contribuiu decisivamente para a formação do homem Hitler foram as experiências vividas como soldado na 1a.Guerra Mundial. Ele se alistara no exército alemão e combatera no *front* do oeste, enfrentando as tropas francesas. Eram combates cruéis. Homem a homem. Trincheiras, lama, granadas, frio, bajonetas. E gas... Hitler foi ferido e cegado por gás venenoso e ficou tempo no hospital até recuperar a visão. Imagine-se o estado de espírito dos soldados alemães quando souberam que perderam a guerra, não no campo de batalha, mas, sim, por sublevação dos que estavam na retaguarda. Muito ódio ao bolchevismo nascera naquelas horas.

Somou-se às virtudes e aos defeitos daquele homem a

obstinação. Decidido a reparar as injustiças do Tratado de Versailles, que impusera profundas humilhações ao seu povo, optou por ingressar na política. Até 1939 conseguiu realizar os projetos a que se propôs. Por isso mesmo acredito que possam ter sido sinceras as suas palavras ditas no discurso de Ano Novo em 1.1.42 (ver capítulo 1). A partir do início da 2a.Guerra Mundial as coisas começariam a escapar do seu controle.

Creio que de suma importância para o futuro de Hitler fora o ano de 1923, quando ainda não passava de lider de um dos muitos partidos políticos de então. Passados apenas quatro anos desde aquele fatídico tratado de Versailles a França ocupa militarmente a região do Ruhr, importante área industrial e de mineração do carvão, fonte fundamental de energia. Não encontrou resistência, pois toda a Renânia, integrada pelo Ruhr, fora desmilitarizada pelo tratado. O povo nas ruas limitou-se a cantar o hino nacional, mesmo assim os soldados atiraram e houve uma vítima fatal. Tentativas de sabotagem nas vias de suprimento foram violentamente reprimidas. O lider de um deste grupos, Albert Leo Schlageter, preso, foi condenado à morte pela corte marcial francesa.

Relata-se que a França então passou a financiar políticos da Renânia, um dos estados da nova República alemã (Weimar), a fim de que promovessem a separação deste estado em busca de uma Renânia independente. O objetivo final iria mais longe. Planejava-se a separação também da Bavária e, finalmente, a integração destes dois estados com a Áustria, constituindo então um novo reino monárquico, sob controle político francês, a exemplo do que Napoleão já fizera no início do século anterior.

Munique, capital da Bavária, era o centro operacional de Hitler e do seu partido. No segundo semestre de 1923 o movimento dos separatistas bávaros já havia atingido tal ponto, que o chefe da *Reichswehr* (contingente militarizado) não mais aceitava ordens vindas de Berlim. Na noite de 8 de novembro o Dr.von Kahr, primeiro ministro do estado da Bavária, pretendia proclamar a independência em reunião popular convocada para o *Bürgerbräukeller*, mas foi impedido por Hitler e sua SA que interromperam a reunião a força.

Para o dia seguinte Hitler programou uma grande

demonstração contra os planos do governo do estado e pela unidade da República. Marchando à frente de grande massa popular, junto ao general Ludendorff, esperava que a *Reichswehr* não interferisse. Porém quando chegaram a uma das praças centrais foram recebidos a tiros. Houve 18 mortes entre os demonstrantes. Hitler foi ferido. O general Ludendorff continuou impávido e solitário sua marcha, mas ninguém ousou apertar o gatilho contra o herói da 1a.guerra.

Hitler foi preso e condenado à prisão na fortaleza de Landsberg. Ficou por treze meses atrás das grades, tempo durante o qual escreveu o primeiro volume do seu livro "*Mein Kampf*" – Minha Luta.

Quando o episódio do dia 9 de novembro de 1923 é lembrado, fala-se do *Putsch* – Golpe de Estado – através do qual Hitler teria pretendido tomar o poder. Mas não se dá um golpe sem armas. Na realidade o que quis, e conseguiu, foi salvar as instituições. A Bavária não levou à frente suas idéias de secessão e o plano dos franceses foi abortado.

O livro "Minha Luta" deve ser um documento histórico importante para a compreensão dos acontecimentos daquela era. Eu o possuí naqueles turbulentos tempos da minha adolescência. Não o li. Pareceu-me muito denso. Hoje lamento nunca tê-lo feito.

Segundo uma reportagem recente em jornal local a Biblioteca Pública do Estado tem sete exemplares no seu acervo, cuja procura, principalmente por jovens, vem sendo grande. É de se lamentar que poucos dias depois da publicação a Federação Israelita do Paraná, em manifesto público (Gazeta do Povo - 30/10/99), tenha exigido a interdição do livro que, segundo ela, "estaria proibido por lei". Com esta atitude fazem o mesmo de que Hitler sempre foi acusado, ou seja, querem censurar as idéias dos seus oponentes.

Não creio que no Brasil possa haver livro proibido por lei, uma vez que a Lei Magna, a Constituição da República Federativa do Brasil é bastante clara quando diz:

> *Art.5° (...)*
> *IV – é livre a manifestação de pensamento, sendo vedado o anonimato;*

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença;
XIV – é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional;
Art.220° A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta constituição.
§1° – Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art.5°, IV, V, X, XIII e XIV.
§ 2° – É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Voltando à figura do homem que deixou marcas profundas neste século. Certamente muitos têm motivos e razões para acusá-lo e odiá-lo. O que está errado é que aqueles que talvez podem ou querem justificar os seus atos e idéias, têm este direito cerceado em todo o mundo. Quem tenta dar algum depoimento favorável é logo classificado de racista ou neonazista e sofre todo tipo de agressão, até judicial. Eu aqui não estou me propondo nem a acusar, nem a defender. Registro apenas o que me passa pela cabeça em função da experiência que vivi e das conclusões que esta vivência me proporcionou. Entre estas, por exemplo, também está a minha incompreensão do ato de expulsão territorial, do desterro, de todo um segmento da sociedade dum país. Se, no caso da Alemanha, os judeus teriam estado com o domínio do poder econômico e, através deste poder, causado danos à nação, um regime totalitário, como o que fora instalado, com certeza deveria ter meios menos traumáticos à sua disposição para corrigir tal situação. Todavia seja lembrado aqui também que Hitler recebeu o maior apoio da Igreja Católica. Já em julho de 1933 houve a "Concordata", ou seja a convenção entre o Estado e a Igreja sobre assuntos religiosos de

uma nação. Foi comemorada por Hitler como grande êxito do seu governo. A última Concordata até então fora selada em 1448 entre o imperador Frederico III e o papa Nicolau V. – O Vaticano devotou a Hitler a mesma admiração a que antes se entregara em relação ao Generalíssimo Franco, na Espanha, e Mussolini, na Itália. Eugenio Pacelli fora Núncio Apostólico na Alemanha de 1917 a 29, primeiro na Bavária, depois em Berlim. Em novembro de 1939, já como papa Pio XII, enviou congratulações pessoais a Hitler pelo "milagroso salvamento" no atentado a bomba-relógio, de que foi alvo em solenidade no *Bürgerbräukeller* em Munique.

Este atentado também contribuiu para alicerçar a idolatria a Hitler, pois o fato de ter escapado foi habilmente atribuído à providência divina. O autor, Johann Georg Elsner, foi preso e morreu ou foi executado em 1945 no *KZ* (Campo de Concentração) de Dachau. Suspeitou-se de que o mandante teria sido o *Secret Service* britânico.

Mas não há nada de surpreendente nesta aprovação da Igreja às idéias de Hitler. Ambos tinham como inimigo o bolchevismo emergente. Também não deveria ser segredo para ninguém que, no curso da história, a igreja, tanto a católica quanto a protestante, incentivou e executou perseguição aos judeus.

No julgamento que o tribunal da História venha a fazer de Hitler muita gente importante vai ter que dar seu depoimento.

9

Alemanha "imperialista"?

Não me parece muito lógico afirmar que em apenas cinco ou seis anos a Alemanha tenha se preparado para uma guerra de conquistas. Quem planeja agredir outras nações não gasta somas apreciáveis na fortificação de uma linha de defesa, como a *Siegfried Linie*, junto à fronteira com a França. As famosas *Autobahnen* alemãs, feitas em concreto armado, foram construídas neste período. Quanto choram e quanto gastam hoje os nossos governantes para fazer alguns quilômetros de uma estreita estrada asfaltada? Quem planeja uma guerra não fica perdendo tempo e dinheiro estruturando e executando uma ação chamada *K.d.F. Kraft durch Freude*, através da qual cada trabalhador passou a ter condições de gozar férias verdadeiras. Até mesmo navios de cruzeiro foram construídos especialmente para este fim.

Segundo as enciclopédias os gastos com armamento provocados pela 2a.Guerra Mundial teriam sido os seguintes:

Estados Unidos	300 a 318	bilhões de US$
Gr.Bretanha	300	"
Gr.Alemanha	231 a 273	"
União Soviética	192	"
Itália	94	"
Japão	56	"
Outros paises	267	"

Como então se criou a tese de que a Alemanha planejou e praticou uma guerra de agressão? Em nome desta tese difama-se um povo. Em nome desta tese soldados alemães, no caso os Marechais de Campo Keitel e Jodl, foram condenados à morte na forca por um tribunal de exceção, criado pelos vencedores para julgar vencidos com base em leis inexistentes.

Estavamos escrevendo o ano de 1998. A professora de História de um renomado colégio particular em Curitiba entrega aos seus alunos da 7a. série uma apostila com um "Resumo de História da Segunda Guerra Mundial". Ali se lê:

> *(...) a 2a.Guerra, assim como a 1a., foi uma guerra imperialista, isto é, foi uma guerra por disputa de territórios e poder econômico e político sobre os outros países. ... Para a Alemanha recuperar o seu poder sobre os países da Europa, só havia uma saída, iniciar uma guerra. O objetivo de Hitler era a Guerra Total, isto é, a dominação do mundo e expansão dos ideais nazistas (racismo, nacionalismo, ditadura),(...)*

terminando:

> *(...)O objetivo em invadir a URSS era a conquista do espaço vital à expansão do Reich de mil anos, a liquidação do comunismo e o extermínio das sub-raças eslavas.*

Pode se dizer que está aí parte do retrato que foi construído com tenaz persitência durante os últimos cinqüenta anos. Põe-se o mundo diante duma tela enorme, pintada com os motivos mais abstratos, e ainda se dá aos educadores uma lata de tinta e brocha, para que acrescentem cores ao seu bel-prazer. Será que estes mestres não tem consciência e senso crítico para reconhecerem a inponderabilidade das informações que estão transmitindo? Ou seria lógico poder imaginar tropas alemães exterminando cerca de 200 milhões de representantes das "sub-raças" eslavas

ou ocupando o mundo todo para expandir os ideais nazistas? Aliás, os ideais citados, racismo, nacionalismo e ditadura, na época não eram exclusividade nazista.

Idêntico procedimento, senão pior, pode se observar na própria Alemanha, onde hoje vive um povo totalmente "reeducado". Sintomáticas são declarações públicas como as duma artista de teatro alemã, que, entrevistada na TV, dizia ter nascido durante a guerra, e que só aos 13 ou 14 anos, pelo que passou a aprender na escola, compreendeu o verdadeiro alcance das ações perpetradas por seus antepassados. Seu avô teria sido alto oficial da *Wehrmacht* e ela, esta menina, mal saída dos cueiros, passou a desprezá-lo e a evitar a convivência. É profundamente entristecedor e incompreensível ver a imagem do soldado alemão de tal forma denegrida. Foram milhões os que suportaram os maiores sacrifícios, acabando mutilados ou deixando a vida na inclemência dos campos de batalha, convencidos de estarem lutando por uma boa causa e defendendo justamente o futuro destes pimpolhos, que hoje, estratégicamente induzidos, se julgam no direito de condená-los.

A lavagem cerebral foi tão intensa que nem mesmo palavras como as do falecido Mitterand, chefe de estado francês, louvando a honradez com que se portara o soldado alemão, chegam a sensibilizar essa pobres gerações. Na verdade a preocupação da *Wehrmacht* em preservar a dignidade do soldado alemão era tamanha, que se soube de um caso em Paris, portanto em território ocupado, no qual quatro soldados, acusados de estupro, foram condenados pela corte marcial à pena máxima. Isto não é divulgado, o que a mídia contou e mostrou durante cinqüenta anos fez do militar alemão um ser embrutecido, capaz das maiores crueldades.

Aqui, no Brasil, outra professora de História, esta docente universitária, publica artigo de mais de meia página em jornal, comentando o livro "Os carrascos voluntários de Hitler; o povo alemão e o holocausto" de Daniel Goldhagen (São Paulo, Companhia das Letras, 655p). Entende-se que, o que este jovem judeu norteamericano acredita poder afirmar e concluir sobre o que se passara na Europa muito antes dele nascer, faz parte do currículo de ensino da referida educadora. E este jovem judeu

norteamericano quem é? É hoje Professor Associado da Universidade de Harvard para Estudos Governamentais e Sociais, além de associado do *Minda de Gunzburg Center* para Estudos Europeus. O livro é baseado em sua dissertação, apresentada em 1994. História ou desinformação?

A visão que se tem hoje da Alemanha de então é, efetivamente, a de um povo violento e agressor. A tese de que queria dominar o mundo é tacitamente aceita. Mas, não foi este o clima que lá encontrei. Não conheci alemão que demonstrasse entusiasmo pela guerra. Eles tinham ainda consciência dos horrores de um conflito bélico, pois a lembrança da 1a.Guerra e suas conseqüências estava por demais presente. Meu pai, recém libertado do cárcere brasileiro, mostrava-se cético quanto à probabilidade de um sucesso alemão. Ele e muitos outros sintonizavam na surdina rádios inimigas. Era proibido, e quem fosse pego podia ser condenado a passar um tempo em campo de concentração. Aqui já seja adiantado que, ao contrário da concepção geral que se tem hoje, campo de concentração - *KZ* - era instituição penal. Muitos verdadeiros criminosos passaram por lá e após término da guerra receberam régias indenizações, catalogados que foram como vítimas do nazismo.

Então o que temos é uma tese sobre o papel da Alemanha no conflito bélico, denominado 2a.Guerra Mundial. Tese espalhada pelo mundo afora e amplamente aceita, até pelo próprio povo alemão de hoje, graças à sua constante e persistente propagação. Hoje não há livro de escola que não a endosse: A grande culpada pela matança havida foi a Alemanha.

Mas a verdade pode ter sido outra. É normal, e sempre foi assim, que após uma guerra prevaleça a verdade do vencedor, mas quando o vencedor se preocupa tanto e por tanto tempo em divulgar a "sua" verdade é lícito suspeitar de suas intenções e da própria. É válido fazer um pequeno exercício mental, que pode levar a conclusões diferenciadas destas pré-estabelecidas.

Anexação da Áustria, incorporação da região dos alemães sudetos (Tcheco-Eslováquia), invasão da Polônia e, finalmente, invasão da União Soviética têm sido os fatos que vem sendo citados como prova da

gula expansionista, que teria levado a Alemanha a preparar e ocasionar a 2a.Guerra Mundial.

Áustria

O primeiro fato: Em 12.03.1938 tropas alemãs ocupam a Áustria, porque o partido nacionalsocialista da Áustria vinha sofrendo perseguições por parte do governo do país e seus dirigentes sendo confinados em campos de concentração. Um mês depois, 14.04.1938, é realizado um plebiscito através do qual a população austríaca decide pelo *Anschluss*, pela união do país à Alemanha. Este resultado foi reconhecido pela Liga das Nações. Segundo a catequese, difundida após 45, teria aí começado a pretensa conquista do mundo pelos nazistas. De tão repetida, a mensagem passou a ser considerada verdadeira e até o povo austríaco vem sendo visto como "vítima" da opressão e do expansionismo alemão. Foi mesmo assim?

Por semelhança de linguagem (*theodisca lingua*, expressão latinisada em 786), de índole e costumes os principais povos germânicos que habitavam a Europa central, passariam a ser conhecidos a partir do século 8 como *theudisk* = pertencentes ao *theoda* (povo, tribo). Em 919 os anais de Salzburgo falavam em *regnum teutonicorum*, Reino Alemão. Não é difícil reconhecer como tal denominação coletiva derivou de *theoda, theudisk, tutisk, tiutsch, teutsch* para o *Deutsch* = alemão de hoje. Na Itália os alemães são chamados de *tedeschi*, na Escandinávia de *Tysk* e na Holanda de *Duitsche*. Este grupo de povos de *theodisca lingua* compreende os Saxões, Francos, Frisões, Alamanos, Turíngios e os Bávaros.

A Áustria é uma região colonizada a partir do início do século 6 pelo povo bávaro. Considerando as características acima citadas, não há como não ver no povo austríaco um povo alemão.

O próprio sempre assim se considerou. Na célebre valsa "Danúbio Azul", do vienense Johann Strauss (1825-1899), podemos encontrar na letra o seguinte trecho, quando se refere à passagem do rio por Viena:

Hier quillt aus voller Brust der Zauber heit'rer Lust und treuer

deutscher Sinn streut aus, streut aus seine Saat von hier weithin.
(Aqui transborda de pleno peito a magia da animada alegria e o fiel espírito alemão espalha suas sementes daqui ao longe.)

Fica óbvia a integração sentida pelo autor.

Depois do primeiro *Reich* alemão, que resultara da divisão do império dos Francos, deixado por Carlos Magno aos seus dois netos (843), processou-se uma desintegração em ducados, novamente unificados no início do século 10 por Henrique I. Seu filho, Otto o Grande, consolidou os limites ao leste, derrotou os Húngaros e criou a Província Bávara do Leste (*bayerische Ostmark* = *Österreich*), a Áustria. Foi ele ainda que, através casamento com Adelaide, incorporou a Itália. Coroado imperador pelo Papa (962), constituiu o Santo Império Romano de Nação Alemã. No transcorrer da Idade Média os duques e príncipes voltam a adquirir poder e progressivamente a nação deixa de existir. Reis e duques regem estados ou territórios independentes.

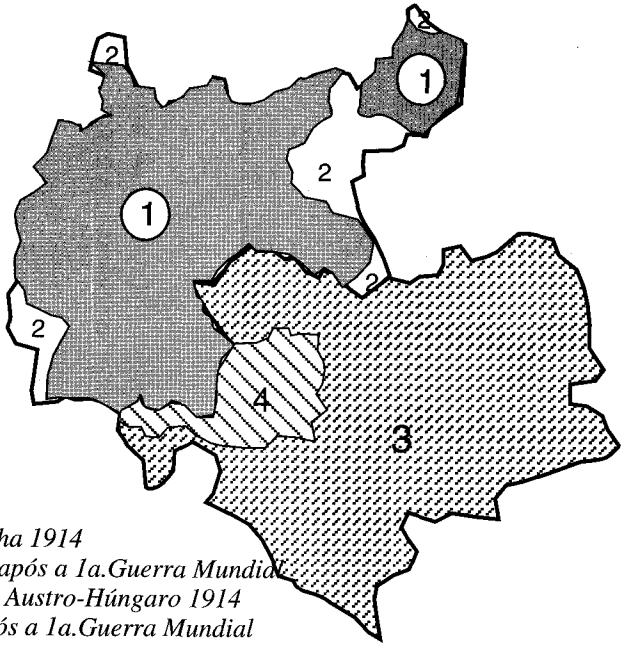
Somente em 1815 viria a ser constituído o *Deutscher Bund* – Aliança Alemã – uma união frouxa daqueles estados e territórios, incluindo a Áustria. Esta aliança durou até 1866. Finalmente, em 1871, Bismarck conseguiu realizar a unificação efetiva, surgindo então a atual nação alemã. Entretanto, por ciumeiras entre as cortes da Prússia e da Áustria, esta ficou fora, tendo já formado em 1867 uma união com a Hungria. Em regência dualista, repartida entre as duas casas reais, formou-se assim o Império austro-húngaro, tendo Viena como capital.

Este Império austro-húngaro ocupava uma área de 676.615 km2, tendo ca. de 52,8 milhões de habitantes (1914), assim divididos:

Áustria –	300.004 km2	29,2 milh.habitantes
Hungria –	325.411 km2	21,5 milh.habitantes
Bosnia-Herzeg.–	51.200 km2	2,1 milh.habitantes

Após a derrota na 1a.Guerra Mundial, no Tratado de Saint

Germain (10.9.1919), todo este território foi dividido com Hungria, Itália, Tcheco-Eslováquia, Polônia, Romênia e Iugoslávia, ficando a Áustria com



1+2 = Alemanha 1914
1 = Alemanha após a 1a.Guerra Mundial
3+4 = Império Austro-Húngaro 1914
4 = Áustria após a 1a.Guerra Mundial

apenas 83.800 km2 e reduzido o seu número de habitantes para 6,4 milhões.

Antes disto, tendo ocorrido a abdicação do imperador, reuniram-se em Viena (12.11.1918) os deputados de fala alemã e proclamaram a *"Republik Deutsch-Österreich"*, que seria parte do *Reich* alemão e abrangeria todo o território de colonização alemã da velha Áustria, incluindo a região dos sudetos, ou sejam Boêmia e Moravia, bem como o Tirol do Sul. Os italianos ocuparam o Tirol do Sul, os tchecos se apoderaram da região dos sudetos e o Tratado de Saint Germain (10.9.19) acabou com a idéia dos austríacos. O nome de *Deutsch-Österreich* foi proibido e uma união com a Alemanha teria que ser aprovada pela Liga das Nações. Aprovação negada, mesmo após plebiscitos realizados em Salzburgo e no

Tirol do Sul na primavera de 1921, nos quais mais de 90% da população optara por um Anschluss .

Depois desta visão resumida, porém panorâmica, da história da região, certamente é possível ver outras motivações nos acontecimentos de 1938, que não a idéia do começo de uma conquista do mundo.

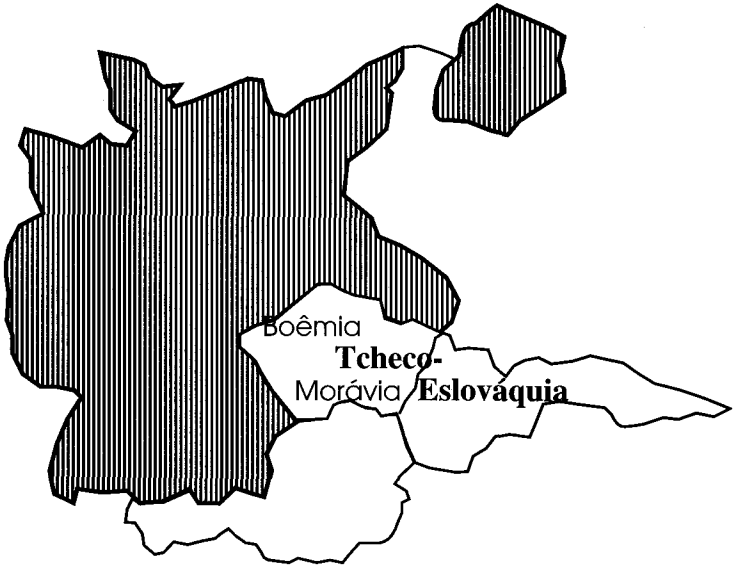
Procure o leitor colocar-se no lugar daquele personagem austríaco, desde cedo influenciado pela idéia do Pangermanismo, combatente da 1a.Guerra Mundial e agora no comando do governo do país irmão. Governo extraordinariamente bem sucedido, seja no âmbito nacional ou internacional. É claro que Hitler tinha que se sentir em condições de reclamar a revisão das injustiças e humilhações de que foi vítima o seu povo pelos tratados de Versailles e Saint-Germain. E também parece óbvio que a reunificação de Alemanha e Áustria fosse para ele uma imposição histórica e nunca um processo expansionista.

Os Sudetos

A incorporação da Boêmia e da Morávia nada mais foi do que uma decorrência dos fatos acima narrados. Após gestões diplomáticas, esta incorporação foi aprovada em 29.09.1938 no "Acordo de Munique" assinado entre Hitler e os chefes de governo da França, Inglaterra e Itália, respectivamente Daladier, Chamberlain e Mussolini.

Trata-se de uma região que em 1914 tinha ca. de 9,5 milhões de habitantes e fora desmembrada da Áustria após a primeira guerra e incluída na formação da Tcheco-Eslováquia. Em toda a Tcheco-Eslováquia viveriam em 1938 42% de tchecos, 23% de alemães, 22% de eslovacos e 4% de judeus. A influência da etnia alemã pode ser medida pelo fato de que em 1935 o Partido dos Alemães Sudetos conquistou a maioria nas eleições relizadas na Tcheco-Eslováquia. Creio até mesmo que antes de 1914, ao menos na área tcheca, o idioma oficial tenha sido o alemão. Recentemente tive em mãos um *Wanderbuch* do século passado,

no qual todos os assentamentos foram feitos em língua alemã. *Wanderbuch* era um misto de passaporte e carteira de trabalho dos oficiais artífices de uma série de profissões, como carpinteiros, marceneiros, alfaiates etc. que, concluídos os seus anos de aprendizado, saíam "caminhando"(wandern) mundo afora, cumprindo estágios com outros mestres, que, por sua vez, atestavam o desempenho profissional e pessoal dos portadores. A passagem pela cidade ainda era confirmada por uma repartição oficial.



Foi desta área tcheca, a região densamente povoada por alemães, a dos Sudetos, a que fora incorporada à Alemanha, via acordos diplomáticos e não por ação militar. Portanto, também neste caso parece faltar a característica de uma atitude agressora.

Somente em março de 1939 aconteceu que a Eslováquia declarou sua independência, fazendo com que Hitler colocasse o restante da área tcheca sob "Protetorado" da Alemanha. Então também já era véspera do conflito com a Polônia, do qual a Eslováquia – o que pouca gente lembra – participaria como aliada da Alemanha.

Restaria dizer que, derrotada a Alemanha em 1945, os tchecos se vingaram de forma cruel e desumana, expulsando os sudetos da Boêmia e da Morávia. Neste processo teriam sido assassinados 250.000 alemães.

Polônia

O problema da Polônia também começa com o fim da 1a.Guerra Mundial e com o acordo de Versailles. Aliás, o problema polonês perturbara a Europa durante séculos. Na História a Polônia aparece em 960, tendo como soberano o duque Miesko. Na seqüência suas fronteiras se ampliam e encolhem em constante vai e vem. Durante a Idade Média há freqüente discórdia entre a sua nobreza, que dificultava a escolha dos soberanos, fazendo com que buscassem seus reis em estados vizinhos. Em 1772, 1793 e 1795 a então Polônia foi dividida entre Rússia, que ficara com 2/3 do território polonês, e Prússia, com 1/6, mais Áustria com outra parte igual. Seguiriam outras transformações na fase napoleônica e por ocasião do Congresso de Viena, em 1815. Fato é que em 1914, quando do início da 1a.Guerra Mundial, não existia uma nação polonesa independente, tanto que os poloneses se dividiram. Parte, sob comando do Marechal Pilsudski aderiram ao lado austríaco, enquanto outros, sob ordens de Dmowski, aliaram-se aos russos.

Com o fim da guerra Pilsudski proclama a República da Polônia que se torna beneficiária das perdas territoriais, infringidas à Alemanha e à Áustria através dos acordos de Versailles e Saint Germain. Isto incluíu a cidade de Danzig, que em polonês recebera o nome de Gdansk, nome que mantém até os dias atuais.

Vinte anos depois. Em março de 1939 Hitler propõe um acordo à Polônia: Em troca de um reconhecimento das fronteiras existentes os poloneses devolveriam a cidade de Danzig e criariam um corredor exterritorial de trânsito terrestre com a Prússia Oriental. É preciso que se

diga, que naquela época a população de Danzig era composta em 95% por alemães e apenas 4% de poloneses.



A Polônia rechaça o acordo e adverte que uma insistência por parte da Alemanha levaria à guerra. Hitler não leva a sério a advertência, consciente da supremacia alemã, e insiste na busca de solução diplomática, mesmo tendo Gr.Bretanha e França declarado seu apoio à Polônia, que ainda em março moblizara parte de suas tropas. Enquanto isto ocorre na Polônia uma campanha de instigação da opinião pública contra a Alemanha, que resulta em agressões e medidas de repressão contra a população alemã que vivia nos territórios cedidos após 1918. Isto acirra os ânimos do lado alemão. Acusações de parte a parte se multiplicam. Antes que no dia 1. de setembro de 1939 tropas alemãs atravessassem a fronteira, teria havido um

ataque de soldados poloneses contra uma emissora de rádio situada em território alemão. Dizia-se depois que fora forjado. Quem sabe?

O fato é que houve má informação em ambos os lados. Os soldados poloneses acreditavam que os tanques alemães eram de papelão. Sua cavalaria chegou a atacar os blindados com lanças. Foram vítimas de sua própria propaganda enganosa. Varsóvia capitulou no dia 28 e no dia 1. de outubro cessou qualquer resistência no país.

Por outro lado parece que Hitler confiava demais na simpatia e amizade que grande parcela dos britânicos lhe devotava. O ex-rei Eduardo, duque de Windsor, era visita constante em Berlim, acompanhado da mulher que lhe custara o trono. Existia até mesmo um partido nacionalsocialista na Inglaterra. – Talvez Hitler tivesse sido vítima de sua fé no "Pangermanismo"?

De qualquer forma, acredito ser uma hipótese válida, ter sido Hitler surpreendido pela atitude dos britânicos e, por consequência, dos franceses, quando estes, no dia 3 de setembro, declararam guerra à Alemanha, por esta não ter atendido ao seu ultimato que exigia a retirada das forças alemãs da Polônia.

Algo de muito estranho e muito pouco ressaltado no contexto dos acontecimentos da 2a.Guerra Mundial, foi o fato que se daria no dia 17/9, portanto apenas 14 dias após a atitude franco-britânica: A União Soviética invade a Polônia pelo leste, em função de um acordo que fizera com a Alemanha, e passa a ocupar a metade daquele país, sem qualquer reação dos aliados ocidentais.

Outro detalhe, que costuma ser esquecido pelos "estoriadores", é que a Alemanha teve além deste pseudo-aliado outro verdadeiro em sua guerra contra os poloneses: Foi a Eslováquia que lhes declarou guerra no dia 5/9. Mussolini, o "irmão de sangue" de Hitler não interveio, só levaria a Itália a participar quando a França estava praticamente vencida.

Vista por estes ângulos, cai novamente por terra a tese proclamada de ter a Alemanha iniciado uma guerra de conquista. O que houve realmente foi muita ingenuidade do *Deutscher Michel*, que se

imaginava recuperado e forte o suficiente para discutir de igual para igual com os seus adversários de vinte anos atrás. Agora, porta arrombada, não havia como voltar atrás. Tudo o que viria depois era conseqüência. Conseqüência de uma decisão por certo tomada em esféras mais obscuras e indevassáveis: A Alemanha, como nação que surgira no cenário político, deveria ser eliminada. Nacionalismo era um sentimento intolerável num mundo que teria que seguir a trilha da "globalização".

Como já vimos, as forças alemãs são levadas a sangrar na Noruega, no oeste continental, na África, nos Bálcãs. E por que não invadiram a Inglaterra? As forças expedicionárias britânicas não haviam sofrido acachapante derrota na Bélgica, obrigadas à "vitoriosa" retirada de Dunquerque? Por que os tão eficientes *Panzer* receberam estranhas ordens que estancaram a sua marcha, a que poderia ter impedido a retirada? Acredito que Hitler queria estabelecer um ambiente que favorecesse a proposta de paz que faria aos ingleses no fim da campanha ocidental. Proposta de paz como a que fizera ao fim da campanha na Polônia.

União Soviética

Em sua tentativa de reunir a família sob um só teto e de voltar a representar uma nação de respeito no cenário internacional o nosso ingênuo *Deutscher Michel* aventurou-se a transitar em áreas onde outros tinham conhecimentos e domínio secular. Ao dirigir seus passos para Danzig/Gdansk parece ter caído numa armadilha adrede preparada.

Inúteis as tentativas de negociação de paz junto à Inglaterra. O grande esquema para a derrota e destruição da Alemanha já estava traçado e sacramentado. Estados Unidos, apesar de ainda não em guerra declarada, estavam apoiando os ingleses abertamente, fornecendo 50% da sua produção de aviões à Gr.Bretanha. Em setembro de 1940 entregaram 50 destróieres aos britânicos. Em março de 41 confiscaram todos os navios alemães e italianos que se encontravam em seus portos. Talvez tivessem ficado nisto, se a primeira parte do esquema tivesse dado certo. Esta previa que a Alemanha continuasse sua ofensiva ocidental, agora, naturalmente, tentando invadir a Inglaterra. Para tanto teria que mobilizar todas as suas

forças, desguarnecendo sua retaguarda no leste, onde a União Soviética estava de plantão. Em questão de dias suas tropas estariam dentro do território alemão, decretando o fim da aventura nacionalsocialista.

Neste contexto creio mesmo que, antes de 1939, Hitler já podia ter estado a se preparar para um conflito armado, porém não contra o Ocidente e não tão cedo. Dois eram os inimigos declarados desde o início de sua carreira: o Sionismo e o Bolchevismo. Este último tinha presença física, contornos identificáveis. Acho válido supor que o desentendimento com nações ocidentais não estava nos seus planos. Os acontecimentos de 39 podem ter surpreendido o comando alemão.

Também não duvido de que os russos estavam no esquema aliado desde o início. Hitler fez esforços desesperados para mantê-los distantes, cedendo a reivindicações e fazendo acordos. Mas, na realidade, os bolchevistas eram os seus verdadeiros e ideológicos inimigos desde as lutas partidárias na Alemanha. Ademais estava convencido de que por trás da revolução soviética estaria o judaísmo internacional.

Hitler tenta persuadir os ingleses. Procura convencê-los de que o verdadeiro inimigo do ocidente eram os soviéticos, que já vinham espalhando suas células ideológicas pelo mundo afora. O Brasil bem que poderia ter confirmado isto, pois vivera os dias da "Intentona Comunista" em 1935.

A União Soviética já iniciara uma guerra contra a Finlândia em novembro de 1939. Em meados de junho de 40 ocupou e anexou os Estados Bálticos e no final do mês ocupou a Bessarábia e a Bucovina, regiões até então pertencentes à Romênia. Em novembro de 1940 o seu ministro do exterior, Molotow, apresentou em Berlim reinvindicações de domínio sobre a Bulgária e outras mais que motivaram sérias preocupações no lado alemão e determinaram os preparativos para uma guerra contra a União Soviética.

Em 10 de maio de 1941 a derradeira tentativa: Rudolf Hess, vice de Hitler na hierarquia partidária, pilotando sozinho um avião de caça, voa até a Escócia, onde salta de pára-quedas sobre a propriedade de um influente personagem da política britânica. É preso e tudo mais é sigilo.

E permanecerá em sigilo até o ano de 2017, quando o governo inglês liberará o acesso público aos documentos relativos a essa visita. Hess ficou mantido preso, incomunicável até a sua morte, envolta em aspectos estranhos, em 16/8/1987, aos 93 anos de idade. Somente nos últimos vinte anos de vida lhe fora permitido receber visita de um familiar durante meia hora mensal. No Processo de Nurenberg fora condenado à prisão perpétua por "conspiração e crime contra a paz".

Diante do insucesso da empreitada resta a Hitler declarar que a iniciativa fora um ato de insanidade do seu substituto.

Dia 22/6/1941 é iniciado o ataque das forças alemãs contra as soviéticas.

Um simples fato comprova que a União Soviética fazia parte do esquema dos aliados: Mês e meio após início do conflito com a Alemanha a União Soviética realiza operação militar conjunta com a Inglaterra, ocupando o Irã, antiga Pérsia. O Xá Phalavi é deposto em função de sua simpatia pela causa alemã e, no seu lugar, é entronizado o filho Reza Phalavi, fantoche dos ingleses. Evidentemente uma operação militar deste vulto exige uma soma de logística e preparativos, impossível de realizar em tão curto espaço de tempo.

Ainda em agosto de 1941 os Estados Unidos oficializam sua condição de fornecedor de armamento à União Soviética. No primeiro ano estes fornecimentos chegaram a um montante de 4.000 tanques e 3.000 aviões. Não se deve esquecer que o país que está fazendo parte do esquema dos aliados é a mesma União Soviética que dois anos antes invadira e ocupara metade da Polônia. Da mesma Polônia em socorro da qual os aliados haviam declarado guerra à Alemanha.

Notável em tudo isto é que estes dados históricos estão registrados em enciclopédias sérias e renomadas, porém professores de História preferem transmitir aos seus alunos aquilo que divulgam os "estoriadores". Quando falam do "imperialismo alemão" simplesmente ignoram o domínio exercido naqueles tempos pelos britânicos sobre países como Egito, Sudão, Quênia, África do Sul, Nigéria, Palestina, Índia, Birmânia, isto, para falar só dos maiores e mais populosos. Ignoram, também, que a

Rússia bolchevista, esteio aliado, "anexou" e ocupou um mundo de nações à sua volta. Não só a Finlândia, os Estados Bálticos (Letônia, Lituânia e Estônia) e parte da Polônia, mas muitos outros estados que só hoje voltaram a ter um nome, após o desmantelamento do que era a União Soviética.

Soa hipócrita a afirmação dos americanos quando se dizem defensores dos direitos humanos e da liberdade dos povos. São eles os mesmos que há menos de 100 anos "anexaram" os territórios hoje representados pelos estados Texas, New México, Arizona e Califórnia. Isto, após sangrentas batalhas com os mexicanos. Foi nas carnificinas de Alamo, Goliad e San Jacinto que se digladiaram as tropas dos generais Santa Anna, dum lado, e Sam Houston doutro. Este último emprestou seu nome à hoje capital do Texas. São eles, os americanos, que somente em 1863 aboliram a escravatura.

Para finalizar este capítulo lembro dum ditado alemão que diz: *"Es kann der Frömmste nicht in Frieden leben, wenn's dem bösen Nachbarn nicht gefällt."* – Nem o mais santo homem pode viver em paz, se ao mau vizinho não apraz. – Observe-se no mapa que não há outro país no mundo cercado de tantos países limítrofes como a Alemanha. Incluindo-se os limites das águas territoriais (Inglaterra e Suécia) a pequena Alemanha tinha 14 países como vizinhos.

10

Deutschland über alles...

Quando se quer comprovar que a Alemanha cultivava intenções imperialistas, de domínio do mundo, sempre ocorre a referência ao hino nacional da Alemanha, como era cantado até o final da guerra. Para poder analisar uma possível procedência de tal citação, há que se conhecer a letra na sua íntegra:

Deutschland, Deutschland, über alles,	(Alemanha,Alemanha,sobre tudo,
über alles in der Welt,	sobre tudo no mundo, quando
wenn es stets zu Schutz und Trutze	fica na guarda e resistência
brüderlich zusammen hält,	sempre fraternalmente unida,
von der Maas bis an die Memel,	desde o Maas até o Memel
von der Etsch bis an den Belt	desde o Etsch até o Belt*)
Deutschland, Deutschland, über alles,	Alemanha, Alemanha, sobre tudo,
über alles in der Welt.	sobre tudo no mundo.

Deutsche Frauen, deutsche Treue,	Mulheres alemãs, lealdade alemã,
deutscher Wein und deutscher Sang	vinho alemão e canção alemã
sollen in der Welt behalten	devem manter no mundo
ihren alten schönen Klang,	seu antigo belo timbre,
uns zu edler Tat begeistern	nos entusiasmar ao ato nobre
unser ganzes Leben lang,	durante a nossa vida toda.

deutsche Frauen, deutsche Treue,	mulheres alemãs, lealdade alemã,
deutscher Wein und deutscher Sang!	vinho alemão e canção alemã!
Einigkeit und Recht und Freiheit	União e justiça e liberdade
für das deutsche Vaterland!	para a pátria alemã!
Danach lasst uns alle streben	Isto abicionemos todos
brüderlich mit Herz und Hand!	fraternalmente com coração e ação!
Einigkeit und Recht und Freiheit	União e justiça e liberdade
sind des Glückes Unterpfand.	são o penhor da felicidade.
Blüh' im Glanze deines Glückes,	Floreças no brilho da tua ventura,
blühe, deutsches Vaterland!	floreças, pátria alemã!)

*) Nomes dos rios que demarcavam os extremos das fronteiras alemãs.

A letra é de August Heinrich Hoffmann von Fallersleben (1798-1874) e a música de Joseph Haydn (1732-1809). Fallersleben escreveu o poema no dia 24 de agosto de 1841. A Alemanha não existia como nação. Estava dividida em 38 mini-estados. Havia pouco tinham se unido temporariamente para se livrar da opressão napoleônica. A luta contra o imperador francês contribuiu em muito para a surgimento duma consciência nacional, enquanto a França, dum lado, e a Rússia do outro voltavam a mostrar apetites territoriais. Foi a época também que antecedeu à revolução de 1848, quando o povo reivindicava maiores liberdades democráticas.

Era um período dum florescente lirismo patriótico. Muitos sonhavam com um país que abrigasse a todos os de igual idioma e cultura. Já em 1813 Ernst Moritz Arndt lançava a pergunta retórica: *"Was ist des Deutschen Vaterland?"* Qual é a pátria do alemão? E o poeta responde: *"Soweit die deutsche Zunge klingt."* Onde soa a língua alemã.

É sob este prisma que deve ser visto e entendido o hino dos alemães. "Alemanha, Alemanha sobre tudo" nada tem a ver com presunção, arrogância ou domínio mundial. Era apenas uma convocação para que os alemães se unissem numa única nação. Que colocassem esta

idéia sobre tudo no mundo, que nada teriam a temer quando unidos fraternalmente para se proteger e resistir. Schutz und Trutz, guarda e resistência, portanto nada de agressividade, como tanto querem fazer crer os detratores do povo alemão.

Infeliz foi Hitler, que, para poder incluir a canção política "Die Fahne hoch", suprimiu a segunda e a terceira estrofe. Tolos foram os políticos do pós-guerra, que, receiosos de ferir susceptibilidades, reduziram o hino nacional alemão à terceira estrofe. É bem verdade que a lembrança das fronteiras, mencionadas na primeira, evidenciaria por demais o quanto foi reduzida a extensão territorial da Alemanha. Mas o poema mereceria ser mantido na sua versão integral. É de uma cordura dificilmente encontrada em outros hinos, muitos deles bem mais pretensiosos, sanguinolentos até.

Por outro lado não se pode negar que o hino original enaltece o nacionalismo e este está em baixa no mundo atual. A mídia internacional tenta nos dizer que a globalização é incompatível com concepções nacionalistas. Estas são mesmo responsabilizadas pelos conflitos entre os povos. Na Alemanha do pós-guerra foi incentivado o multiculturalismo. Hoje sua população é integrada em 10% por estrangeiros. Estrangeiros de cultura e tradições bem diferenciadas das dos alemães. A União Européia é vista como um início duma miscigenação dos povos que a compõem.

Tenho dúvidas a respeito da necessidade de proscrição do nacionalismo. Quando partimos duma imagem do universo constituído por núcleos que obedecem a uma determinada correlação entre si, ou da de organismos vivos onde cada célula tem suas funções, um conjunto de células constitui um orgão e um conjunto de orgãos um organismo, então talvez seria cabível também identificar tal estruturação na sociedade humana. Nesta teríamos a família como núcleo ou célula. Famílias que se aglutinavam em povoados. Povoados em povos, que, politicamente, passaram a ser chamados nações.

A experiência cotidiana mostra o quanto é difícil constituir e manter uma família onde marido e mulher provenham de culturas e tradições diferentes. Apenas a título ilustrativo pense-se num casamento

entre árabe e esquimó. Passada a euforia inicial, os dois vão conversar sobre o que? Como vão ajustar seus interesses quanto ao convívio social? Como se entenderão sobre a orientação e educação dos filhos? Pequenos problemas cotidianos, tais como alimentação, decoração do lar, preferências culturais, podem adquirir proporções que simplesmente condenam a união ao fracasso.

O instituto da família vem sendo objeto de seguidas tentativas de desagregação. Na Alemanha do pós-guerra houve um movimento intenso de formação de *Kommunen*. Grupos de pessoas, homens e mulheres vivendo em conjunto, sob o mesmo teto, como se família fossem, só que não havia laços definidos. Parceiros de cama se alternavam. Ninguém era de ninguém. Sua prole visitava escolas antiautoritárias, onde era proibido proibir. Parece que o movimento não subsistiu.

Na pregação antinacionalista, que se verifica nos dias de hoje (1999), pode-se presumir certa semelhança em suas intenções desagregadoras. Estende-se hoje mundo afora o que vinha sendo feito com a ex-nação alemã desde o fim da guerra. Qualquer manifestação nacionalista, ou seja, querer preservar a identidade de um povo, é logo caracterizada como ação da extrema direita, portanto nazista. Nota-se que a França está procurando reagir. Esboça-se um movimento sério contra a adoção de estrangeirismos no seu idioma. A França também mantém e aplica leis severas contra a imigração. Enquanto outros povos, principalmente a Alemanha, submetem-se à multiculturização, é fácil notar que justamente nos Estados Unidos se verifica a tendência de fortalecer o sentimento nacionalista. Também me parece pouco provável que o povo inglês concorde em abdicar de sua identidade bem caracterizada.

Deutschland, Deutschland über alles foi um sonho. Um sonho de unir todos os alemães sob um só teto, sob uma só bandeira. Não foi um sonho de conquistas. Mesmo assim incomodou muita gente. Quando começara a se realizar, em 1870, falharam ao tentar acabar com ele. Em 1918 acreditaram ter curado esse povo de suas fantasias oníricas. Elas rebrotaram e assumiram, na visão dos seus contendores, caráter patológico

no fim dos anos trinta. As bombas de todos os lados acordaram o sonhador e uma terapia cuidadosamente elaborada, persistentemente aplicada por decênios afora, alterou-lhe a personalidade, inibiu sua imaginação. Os anticorpos injetados debelaram suas aspirações. Como efeito colateral restou-lhe uma forte síndrome de culpa, que o mantém sob controle e à mercê dos seus médicos.

O sonho do *Deutschland, Deutschland* acabou, mas fica a pergunta: Por que era uma fantasia tão perigosa?

11

Hipocrisia

Não, não me parece justo culpar a Alemanha pela guerra e por todas as suas horríveis conseqüências. Na verdade esta estória do "expansionismo" alemão está servindo apenas para dar uma aparência verossímil à tese da agressão nazista. A realidade mostrou que a Alemanha só tinha a perder com o conflito. Em 1939 o país estava bem, politicamente consolidado, economicamente próspero e socialmente em paz. Não posso imaginar governo que arrisque colocar em jogo tais conquistas, enveredando pelo campo da batalha.

Mas, como é que estava a situação do outro lado? Permito-me citar o jornalista Paulo Francis, correspondente brasileiro em Nova Iorque, que em seu comentário semanal »Diário da Corte«, publicado em 31/10/96, escrevia o seguinte:

> *"Foi a 2a.Guerra, 1939-1945, que tirou os EUA da Grande Depressão. Em dezembro de 1941, quando os japoneses atacaram Pearl Harbor no Havaí, os EUA tinham 25% de desemprego. Em dezembro de 1942, caiu para zero... Intelectuais engenhosos inventaram a frase »keynesianismo militar«, porque Keynes sugeriu para épocas de depressão que o Estado servisse (temporariamente) de investidor.*
> *Os EUA entraram arruinados na 2a.Guerra e dela saíram riquíssimos e credores do universo."*

O mesmo Paulo Francis ainda descreve como os EUA acabaram com a União Soviética através da "Guerra nas Estrelas", e conclui que Roosevelt e Reagan foram os maiores presidentes que os EUA tiveram neste século.

Mentir é a arte do político. Ele tem que mentir para o eleitor, fazendo-lhe promessas, sabendo que não vai poder cumprir. Ele assegura apoio simultâneo a corporações antagônicas. Faz discurso, defendendo determinada causa e vota ao contrário. Isso, no dia a dia, no varejo. Imagine no atacado. A mentira até que pode ser fraca, transparente, mas, se repetida com a necessária persistência, o mundo engole. É isto o que aconteceu nos últimos cinqüenta anos. *Mundus vult decipi?*

Segundo noticiário distribuido pela United Press de Washington no dia 31/12/1941, tinha sido "Formada a mais poderosa aliança de nações que se conhece na história" e segue: "ESTADOS UNIDOS, GRÃ-BRETANHA, UNIÃO SOVIÉTICA, CHINA E OUTRAS POTÊNCIAS FIGURAM NO REFERIDO PACTO". Acima de tudo lia-se: "COOPERAÇÃO DEMOCRÁTICA MUNDIAL". Os integrantes do pacto comprometem-se a não assinar paz em separado com as nações do Eixo. – Vista assim, isolada, a notícia parecerá ridícula a quem quer que seja, pois de repente tantos países, aos quais logo se juntaria o Brasil, haviam adquirido uma auréola e o status de "democráticos", mesmo sendo notórios seus regimes de força, alguns dos mais brutais...

Antes disto, em agosto de 1941, Roosevelt, presidente dos EUA e Churchill, primeiro-ministro britânico, encontraram-se no Atlântico Norte, a bordo da belonave americana "Potomac" e acordaram, em nome dos dois países, os princípios da nova ordem mundial que deveria vigorar de então em diante. Estes princípios, configurados na "Carta do Atlântico", estabeleciam a proscrição de anexações e do uso da violência, reconhecimento do direito de autodeterminação dos povos e garantia das "quatro liberdades": a de expressão, a de adoração de Deus segundo a própria convicção, a liberdade de penúrias e a do medo. Em 24/9/1941 aconteceu a adesão da União Soviética e, em seguida, dos demais países então aliados. No dia 1/1/1942 todos os adversários da Alemanha

reconheceram a "Carta do Atlântico" como Programa Comum. Mais tarde negar-se-ia a aplicabilidade dos seus princípios no que concerne à Alemanha.

Segundo a *"Times"* de fevereiro de 1944, teriam ocorridos os seguintes pronunciamentos na Câmara dos Comuns britânica a respeito da tal "Carta":

Do conservador Kenneth Pickthorn – "Churchill estrangulou a Carta do Atlântico com as próprias mãos. Ele acabou de dizer, que seus princípios não são aplicáveis aos nossos adversários. Eu nunca acreditei muito nessa Carta. Sempre pensei que sua denominação era bastante tola. Agora não sei mais o que deve restar dela. Para nós ela não tinha sentido, pois ninguém nos declarou guerra nem pretendeu nos invadir. Mas, se não deve valer para o lado adversário, para quem então? Eu me pergunto, o que será que os seus autores quiseram nos impingir?"

Do independente McGovern – "Portanto, segundo as próprias declarações de Churchill, a Carta do Atlântico nada mais era do que uma grandiosa e dramática mentira para enredar a opinião pública ."

Estes dois cavalheiros, Roosevelt e Churchill, que sem dúvida fizeram muita falta no banco dos réus do Tribunal de Nurenberg, ainda tomariam muitas decisões estranhas. Abordemos mais duas, as de Casablanca, 26/1/1943, e de Quebec, setembro de 1944. Ambas de transcendental e mórbido significado.

Em Casablanca os dois estabeleceram como objetivo final da guerra a "Rendição INCONDICIONAL" da Alemanha! Com estas duas palavras condenaram à morte dezenas de milhões de pessoas, não apenas do lado inimigo, mas também entre os seus próprios compatriotas e aliados. Eles, que tinham tudo em mãos para evitá-los, decretaram ali mais dois anos e meio de flagelo e sofrimentos para a humanidade.

Mesmo que não se aceite a tese, de que a Alemanha tenha se envolvido nesta guerra sem querer, mesmo que não se acredite, que Hitler tenha feito várias propostas de paz – incluindo a frustrada tentativa através do seu vice, Rudolf Hess – era àquela altura, janeiro de 43, impossível não reconhecer que o mundo estava ardendo em chamas e o que mais

necessitava era de bombeiros. E se estes senhores, que se diziam defensores da paz e da liberdade, tivessem demonstrado um mínimo de boa vontade, certamente teriam encontrado do outro lado inúmeras personalidades com vocação para bombeiro. À testa dos exércitos alemães havia generais e marechais cônscios de suas responsabilidades, não bestas sangüinárias. Pré-estabelecer a condição de rendição incondicional, é vedar todos os acessos a uma conferência de paz, é incentivar o inimigo a lutar até o fim. Ali dificultou-se também a ação dos grupos que estavam planejando uma deposição do Führer. Ali reduziram-se as chances para movimentos rebeldes na população que passaram a sofrer perseguições ainda mais duras, como foi o caso do grupo de estudantes denominado *"Weisse Rose"*, Rosa Branca, desarticulado no dia em que Goebbels conclamou o povo a aderir à "Guerra Total" – também uma conseqüência daquela fatídica decisão de Casablanca. Três dos integrantes do *"Weisse Rose"* foram julgados e condenados em processo sumário e executados no mesmo dia.

A lógica manda supor que em qualquer conflito sejam mantidas abertas as portas ao diálogo, mas, parece, com alemão não se dialoga. É um espécime que é melhor ser extinto.

Esta atitude ocidental, refratária a qualquer entendimento, tornar-se-ia cada vez mais evidente. Queria-se a total destruição da Alemanha, custasse o que custasse. Não importava que o inimigo, quanto mais acuado, mais pudesse lançar mão de medidas desesperadas. Tudo por quê? Será que Churchill e Roosevelt ainda se lembravam da causa que os teria levado à guerra. Danzig, o Corredor Polonês? As fronteiras intocáveis da Polônia? Não, não pode ser, os direitos sobre a Polônia já tinham sido transferidos ao seu amigo Stalin. Stalin, o ditador soviético, que só em Katyn mandou executar 4.500 (outros falam em 11.000) oficiais poloneses.

Aquele mesmo deputado independente, McGovern, naquela sessão da Câmara dos Comuns, acima referida, foi quem disse, referindo-se aos bombardeios que castigavam a Alemanha, "nossa política nos estigmatizou como hipócritas".

Havia naquela época mais uma figura muito importante. Era Henry Morgenthau, amigo íntimo de Franklin Delano Roosevelt e seu

ministro das finanças de 1934 até 45. Foi ele que desenvolveu um plano genocida para o povo alemão. Sim, genocida, pois quando estava para ser aprovado por Roosevelt e Churchill na reunião de QUEBEC, em setembro de 1944, o ministro da guerra americano Stimson exclamou: "Mas, Presidente, ist significa a morte de 20 milhões de alemães!" Mesmo assim os dois estadistas aliados apuseram sua assinatura.

O "Plano Morgenthau" previa a desmontagem ou destruição de toda a indústria alemã, bem como das instalações de mineração de carvão. A região do Ruhr e do Rheno, assim como do Canal de Kiel, deveriam ser internacionalizadas e a Alemanha, como um todo, ser transformada num país agropastoril. O plano não chegou a ser aplicado em função da oposição contínua do ministro citado e do ministro do exterior, Cordell Hull e, também, por ser criticado pela opinião pública americana. Apesar disto a desmontagem da indústria alemã foi processada até 1950, estimando-se que tenha envolvido bens num montante de 10 biliões de *Deutsche Mark* (ao valor de 1951).

Hipócrita é a forma como todos somos manejados e remanejados por alguns poucos. Se as guerras realmente são inevitáveis, que sejam então disputadas exclusivamente pelos políticos e governantes dos países em litígio. Que sejam trancados num estádio, munidos apenas dos seus proprios punhos e... que decidam suas vidas.

12

E o "povão"?

Acho que nós fazíamos parte daquilo que se chama "povão". Acabáramos de chegar àquela terra. Não éramos membros de uma grande família e muito menos tínhamos relações com gente de influência. Eu tinha um bom amigo que era filho dum industrial. Indústria do chocolate, temporariamente desativada, é claro. Lembro que foi ele que, já próximo ao final da guerra, presenteou-me um tablete de chocolate, suma raridade naqueles tempos. Eu estava começando o namoro com aquela que futuramente seria a minha mulher e, evidentemente fazendo a maior "média", repassei ao meu amor aquela preciosidade... A família deste meu amigo residia numa mansão. O jardim era verdadeiro parque. Era "gente fina". Ali, na intimidade e cuidadosamente formuladas eu podia ouvir críticas à situação e ao regime. Mas isto era mais a exceção e em muito também devido à confiança existente entre nós. Assim, quando aqui falo dos pensamentos e das reações das pessoas, refiro-me mais ao "povão". Nesta apreciação estou retrocedendo a mais de 55 anos. Como era aquela gente? Como reagia ou se sentia diante do fato de estar em guerra com meio mundo? Eram todos fanáticos ou apenas súditos servis de uma ditadura inclemente?

Em mais de meio século o mundo sofre transformações que não apenas mudam hábitos e costumes, mas, também, em conseqüência destas mudanças, altera a visão do passado e sua interpretação pelo homem

de hoje. Um adolescente, que vê agora imagens de vinte anos atrás, já encontra motivos para sorrir. Estranha a moda, os penteados, os gestos, as danças da época e até mesmo o aspecto do trânsito nas ruas. Daí por que se estabelecer nele logo a sensação do caricato, quando lhe são apresentados filmes ou imagens da época da segunda guerra mundial. Muitos dos filmes ainda são editados com a finalidade especial de reforçar tal efeito.

Mas, pode estar certo o jovem leitor, as pessoas de então eram tão normais quanto as de hoje. As aparências iludem e quando se vê em documentários filmados da época as chamadas *Massenkundgebungen*, as "Manifestações em Massa", logo se imagina que todo alemão vestia o uniforme marron do partido e usava a braçadeira com a suástica. Devem ter sido realmente acontecimentos monumentais, reunindo milhares de assistentes, simplesmente para presenciar a discursos dos expoentes do *Reich*. Eu disse "devem", pois no meu tempo, em Hamburgo, nunca ocorreu este tipo de manifestação política. Isto era mais um assunto para Berlim, Nurenberg ou Munique.

O fenômeno da presença maciça de público em reuniões políticas do partido nacionalsocialista tem dois aspectos que hoje precisam ser considerados. O primeiro é que na época o comício político era mais prestigiado do que é nos dias atuais. Em qualquer parte do mundo. Também no Brasil um discurso do presidente Vargas levava meia cidade à praça pública, enquanto hoje, para que um político possa reunir um punhado de gente à frente do palanque, precisa levar consigo um show de artistas populares. O segundo aspecto é que aquele partido realmente tinha um poder extraordinário de mobilização do povo, tanto pelo espetáculo quanto pela organização. Isto não quer dizer, entretanto, que a Alemanha era politicamente uniformizada, como querem nos insinuar os "estoriadores" do pós-guerra. Nunca houve, nem haverá unanimidade política em qualquer parte do mundo. O país vinha de um regime monárquico, substituído por um período republicano, que durara meros quinze ou dezeseis anos. Apesar do profundo respeito à autoridade, que é próprio do caráter do *Deutscher Michel*, oriundo tanto da educação familiar quanto da religiosa, até mesmo o Kaiser tinha seus dissidentes e desde 1848 vinha se restringindo o poder

das classes feudais. Depois, a República certamente não foi uma experiência feliz, mas serviu para abrir as comportas. Multiplicaram-se os partidos políticos. Entre eles, o nacionalsocialista, que, como os demais, teve que disputar e conquistar os votos dos eleitores, principalmente com os comunistas e os socialistas. As disputas foram das mais ferrenhas e, naturalmente, provocaram antagonismos profundos. Houve vítimas fatais. Uma delas, Horst Wessel, foi considerada mártir do movimento nacionalsocialista e a canção que escreveu, *Die Fahne hoch...* (Bandeira ao alto...) passaria, mais tarde, a integrar o hino nacional. É óbvio que tais animosidades preservaram-se, mesmo depois que os partidos foram extintos, restando apenas o de Hitler.É burrice ululuante afirmar que todos os alemães eram nazistas. O mesmo pode se dizer dos relatos dos "estoriadores" que falam em "tropas nazistas" quando se referem às forças armadas alemãs, isto, quando não chegam às raias do absurdo qualificando de igual forma os soldados de outras nações que combateram ao lado da Alemanha.

Não, certamente não havia apoio unânime ao governo autocrático alemão. Muito menos podia se falar de entusiasmo pela guerra por parte do povo, como querem nos fazer crer hoje. Mas, acreditava-se, isto sim, numa conluio externo contra o país. Conceitos como "pátria" e "consciência nacional" eram profundamente enraizados e creio que um alemão de então sentia-se mais motivado a lutar ou resistir em sua defesa, do que um americano enviado aos campos de batalha na Coréia, no Vietnã ou no Golfo Pérsico.

Por outro lado, se as dissidências existiam, não tinham como se manifestar. Os mais ousados eram rapidamente calados e uma divergência política podia ser interpretada como traição à pátria.

Quando chegamos à Alemanha já havia muitas famílias enlutadas, chorando por entes queridos que tombaram em campos de batalha. Nossos parentes, de quem alugaramos a casa, perderam um filho na frente oriental. Restara-lhes um filha, pouco mais velha que eu, que, mesmo perdendo o irmão, manteve sua fé no movimento político e exerceu com muito empenho cargo de liderança no *BdJ*.

Claro que não existia entusiasmo pela guerra por parte de

quem quer que fosse, apesar das afirmações contrárias de muitos "estoriadores". Este negócio de entusiasmo de um povo em caso de guerra deve ser coisa mesmo de séculos passados, ou de guerras religiosas. Talvez se poderia dizer que houvesse certa resignação, resignação igual ao de qualquer povo consciente de sua impotência diante das decisões e atos dos seus governantes. Também aquela sensação de que não havia outra saída, de que o "mundo" tinha se conjurado contra o país. Nunca notei algo daquele ódio coletivo contra tudo e contra todos, que teria ocasionado alegados crimes e desatinos. Era um povo pacato, o que lá encontrei, igual ao que aqui havia deixado.

O racionamento de tudo, mas principalmente da comida, judiava da população. A alimentação era escassa, porém não havia fome. Esta só viria depois da guerra e durante um longo período – até a reforma monetária em 1948. Era um povo que suportou todos os sacrifícios, durante e após a guerra, brava- e, porque não dizer, heroicamente.

Era um estado repressivo, autoritário? Sim. Estabeleciam-se leis, ordens, resoluções sem longos debates ou negociações parlamentares. Desrespeita-las era de alto risco. Não vi, ou soube, na época, que tivessem acontecido atos de violência, arbitrariedade ou barbárie por parte de forças policiais ou representativas do Estado. Sabia-se da existência de uma *Gestapo*, abreviatura de *Geheime Staatspolizei* – Polícia Secreta do Estado – mas nunca tive conhecimento de algum ato que permitisse supor seu envolvimento. A própria polícia fardada não tinha uma presença ostensiva e os *Schupos* (*Schutzpolizei* - Polícia Protetora), que a gente encontrava, eram mais daquele tipo amigo, autoridade benquista e integrada na comunidade. E a hoje tão mal falada SS? Era vista com o maior respeito pela população e considerada a elite das forças armadas. Seus contingentes eram compostos de voluntários selecionados e nas frentes de batalha ocupavam as posições mais críticas. Meu melhor amigo daqueles tempos, um ano mais velho, chegou a integrar uma divisão da SS. Um sujeito corretíssimo, bom, afável, incapaz de qualquer ato de brutalidade.

Volto a perguntar, teria havido repressão? Deve ter havido, mas não que fizesse parte do cotidiano, como a mídia pós-guerra quer nos

fazer acreditar. As observações que estou registrando não são as de um garoto retraído, alienado, que não saia de casa. Muito pelo contrário eu costumava estar por dentro de tudo, era ativo e a minha rápida ascensão dentro dos quadros da juventude organizada comprova isto. Havia medo de se cometer algum ato proibido? Claro que sim. Temíamos por meu pai quando ele escutava rádios inimigas. Era proibido. O inimigo mente. A propaganda interna deixava isto bem claro. Ouvir as mentiras do inimigo e, talvez, até ajudar a espalhá-las, podia ser um ato de traição aos nossos soldados que estavam empenhando suas vidas em defesa da pátria. Quer dizer, são proibições aceitáveis pela população e, conseqüentemente, não a aterrorizavam.

Não quero dizer que simpatizo com regimes de força. Depois de ter vivido sob ambos os sistemas de governo, é lógico que prefiro um que me permita dizer e escrever o que penso, é evidente que repudio a censura, assim como sou contra dogmas, violência e arbitrariedade, mas a fronteira entre aquilo que chamamos de Democracia e o que tem o nome de Ditadura é muito tênue. Apesar dos pretensos esforços da comunidade internacional em tornar o mundo democrático, ainda hoje são inúmeras as nações sujeitas a regimes de força. Na própria América do Sul os exemplos são recentes. Em torno do próprio termo "democracia" há muita mistificação, a começar pela causa alegada pelos aliados para justificar sua participação no conflito. Não diziam eles que lutavam pela "liberdade dos povos e pela democracia"? Mas o seu maior aliado era a União Soviética, a mesma que mantinha sob jugo férreo e inclemente vários povos e nações. Roosevelt, mais tarde Truman, pelos Estados Unidos, Churchill, pela Grã Bretanha, não tiveram qualquer tipo de inibição em sentar a mesma mesa com Stalin, o mais sangüinário dos ditadores, cujo reinado, dizem, teria custado a vida de 100 milhões de pessoas.

Hitler chamava os seus adversários ocidentais de "plutocratas", o que significa "o poder exercido pela riqueza". Será que isto lembra algo familiar ao leitor de hoje. De fato, a todo instante pipoca um escândalo, dando conta de mais um representante do povo, cujo voto fora comprado em favor dum governante. Um prefeito que quer aumentar os

impostos comunitários não encontra muita dificuldade em conseguir a aprovação pela maioria dos vereadores. A indústria do *"lobby"* já é mundialmente reconhecida como politicamente aceitável, quando na realidade nada mais é do que a influência exercida por grupos econômicos ou corporações sobre os orgãos de decisão.

Os antigos sábios de Atenas talvez ainda tenham tido sucesso quando exigiam que todo poder emanasse do povo. Isto ainda é possível, ou será viável no futuro? O regime democrático também é conhecido como Estado de Direito, que, através do pleno exercício da justiça, busca proteger os direitos individuais do cidadão, garantir a liberdade do ato eleitoral e assegurar a divisão dos poderes e o seu controle. Entretanto, em função dos seus vícios, favorece a corrupção, desvirtuando seus propósitos. A sobrecarga e lentidão da justiça fazem crescer a criminalidade e a contravenção. O cidadão honesto passa a ser cada vez mais constrangido, seja pela carga de impostos, seja pelo medo da violência. Criminosos e contraventores dominam as ruas e o cidadão está preso atrás das grades com que cercou sua casa. Tem-se a impressão de que lentamente estamos caminhando para o caos mundial. Fome, desemprego, saques, chacinas, protestos, levantes por todos os cantos. O dia chegará em que o povo clamará por ordem, por justiça, por melhoria das condições de vida e acontecerá o que aconteceu na Alemanha e em tantos outros países. Só que num mundo globalizado a ditadura vai ser global...

Não se pode condenar o povo alemão por ter aceitado viver sob um regime autocrático. Experimentara antes a miséria e o desespero. Os governantes, que assumiram em 1933, mostraram serviço. Recuperaram o país economicamente. Encontraram soluções eficazes e inovadoras para os problemas sociais. Acabaram com corrupção e prevaricação. Não a ponto de que ninguém mais tirasse vantagem do seu posto, porém os grandes expedientes de ganhos ilícitos foram exterminados. Basta recordar que por mais que os vencedores tentassem denegrir a imagem dos comandantes do Terceiro Reich, só conseguiram demonstrar que Göring vivera cercado de luxo e ostentação – provavelmente porque casara com mulher de família rica. Nós, do povão, dificilmente temos contato com o

pessoal lá em cima, mas, tenho certeza de que os habitantes de Hamburgo, cidade-estado, teriam reeleito o seu governador de então, o *Gauleiter* Karl Kaufmann, tantas vezes quanto houvesse e a eleições ele se dispusesse. Era um homem da cúpula do partido, íntegro e de fato preocupado com o destino dos seus governados. Ainda será mencionado em outro capítulo. Outro sujeito do topo da hierarquia nacionalsocialista que mereceria melhor julgamento pela história foi, sem dúvida, Rudolf Hess, fidelíssimo escudeiro do *Führer*. Fora primeiro seu secretário e mais tarde nomeado seu sucessor. Como tal fez aquele vôo polêmico e solitário à Escócia em maio de 41. São dele as palavras abaixo, com as quais procurou orientar aos que exerciam algum tipo de função pública:

> *"Não são os direitos o essencial que o seu cargo lhes proporciona, o essencial são as obrigações. Os direitos só servem para lhes facilitar o desempenho de suas obrigações.*
>
> *O essencial também não é o seu uniforme e seus distintivos, mas, sim, o coração lá dentro, o essencial é o caráter.*
>
> *A verdadeira autoridade não lhes é dada pelo seu título, cargo ou insígnia, porém suas atitudes e o fruto de suas ações são o que proporcionam a verdadeira autoridade." (1936)*

Eu diria que o estado de espírito da população começou a mudar depois do dia 20 de julho de 1944, nove meses antes do final da guerra. Neste dia um grupo de oficiais e políticos alemães executou um atentado a bomba contra Hitler. Ele escapou com alguns ferimentos. Acho que sintomática ainda foi a forma com que a notícia foi recebida pelas pessoas. Muitos jovens não conseguiram conter as lágrimas. Os adultos estupefatos, incrédulos, totalmente despreparados para a possiblidade de haver uma dissidência tão expressiva. Apesar da situação já desesperadora em todas as frentes, acho que a condenação do ato foi geral. Não era hora e muito menos maneira de demonstrar desavenças internas. O alemão não

aprova o anarquismo, terrorismo, crueldade. Por isso não demonstrou simpatia com os rebeldes. E pelo mesmo motivo mostrou-se surpreendido, chocado, quando começaram a se espalhar as notícias sobre a vingança de Hitler. As pessoas que estavam por trás do atentado foram logo identificadas, presas e condenadas à morte. Porém a maneira como esta teria sido encenada, foi o que começou a fomentar sérias dúvidas sobre se este ainda era aquele o governo íntegro e sério que a gente imaginava ter.

Creio que, depois de alcançar os píncaros da glória, não se pode cair nas profundezas dum poço, sem algum trauma mental. Corriam versões da loucura de Hitler, que teria tido acessos de raiva, rolado pelo chão, mordido o tapete... Não acredito ter chegado a tais manifestações. O relato do seu fim contesta tamanha irracionalidade. Mas o fato é que tudo principiava a ruir, também a confiança do povo no seu governo. Até então havia confiado. Acreditara mesmo nas armas milagrosas que deveriam reverter as negras perspectivas que se descortinavam. Os foguetes V1 e V2, precursores da posterior conquista do espaço, realmente chegaram a ser disparados e a atingir seus alvos na Inglaterra. Eu próprio ví o primeiro avião a jato-propulsão em vôo experimental sobre a *Lüneburger Heide*, região de campos ao sul de Hamburgo. Já era tarde, o fim estava próximo. Mais um indício de que a Alemanha não estava preparada para a guerra.

13

Cracóvia (Krakau,Krakow)

O emprego que o meu pai conseguira em Berlim foi na firma Sanitas - Elektromedizinische Apparate AG, que produzia aparelhos eletromedicinais, especialmente de Raios X. Ele era eletrotécnico de profissão e na própria empresa fez um curso de especialização. Em seguida mandaram-no para a Polônia com a incumbência de representar o empreendimento, tanto comercialmente, quanto na prestação de assistência técnica aos seus aparelhos em todo o Generalgouvernement, como se chamava essa parte do país ocupada pela Alemanha. A sede era Cracóvia, Krakau em alemão, bem ao sul da região.

Cracóvia, cidade de colonização alemã – primeira menção documentada data do século 10 – era também a capital da Polônia ocupada pelas forças germânicas. Tinha na época talvez uns 350.000 habitantes. Já havia sido a capital da Polônia entre 1320 e 1609, período no qual passou a preponderar a população polonesa. Em 1846, junto com a Galícia, foi incorporada à Áustria, voltando à Polônia em 1918/9.

Lá o meu pai alugou um pequeno apartamento que lhe serviu tanto de moradia quanto para os fins profissionais a que se propunha. Não só técnico responsável e competente, era também um bom vendedor que encontrava fácil relacionamento com as pessoas. No caso as pessoas com quem devia contatar eram principalmente médicos. Médicos poloneses.

O idioma não constituía dificuldade, pois a nível de formação acadêmica, todos falavam bem ou mal o alemão.

De quando em vez meu pai enfrentava a longa viagem de trem até Hamburgo e por duas vezes minha mãe e eu conseguimos licença para visitá-lo em Cracóvia. Meu pai só deixou a cidade nos estertores da guerra, com o último trem que de lá partira, antes da chegada dos russos. Nessa ocasião experimentamos o drama vivido por milhões naqueles tempos, que era o de não ter notícias, de nada saber de algum ente querido, senão de que estava em perigo. Muitos alemães que então cairam com vida nas mãos dos soviéticos a perderiam mais tarde em trabalhos forçados nas profundezas da Sibéria, ou, se sobrevivessem, só voltariam à liberdade onze anos mais tarde.

Na primeira vez em que fomos a Cracóvia, tirada a poeira da viagem e trocadas as primeiras palavras – lembro-me bem – meu pai mandou que olhasse atrás da porta da dispensa. Lá encontrei pendurado um enorme pernil defumado, surpresa que veio acompanhada da autorização explícita do meu pai de que, sempre que quisesse, comesse o que pudesse. Já contei aqui, que antes do final da guerra não havia fome na Alemanha, mas os suprimentos eram mais do que racionados e uma maravilha, como aquele suculento pernil, para nós era impensável.

Para quem vinha da Alemanha a Polônia lembrava em muito os almejados tempos de paz. Logo meu pai encontrou um alfaiate que fizesse uma calça de lã grossa para mim. Também conseguiu uma beleza de um par de botas de couro de primeira qualidade, que foram de grande utilidade nos invernos europeus para este garoto que vinha rapidamente se aproximando dos seus 1,84 m.

Polônia era muito diferente de Hamburgo. Da janela do apartamento dava para ver os trens chegando à estação central. Talvez uns cem ou duzentos metros antes da gare o maquinista fazia uma paradinha estratégica e de dentro dos vagões jorrava uma multidão de passageiros, todos com um cesto, embrulho ou galinha debaixo do braço, que rapidamente sumia na ruas adjacentes da cidade. É que dentro da estação ferroviária havia os controles da *Wehrmacht* que buscavam coibir o mercado

negro. Mas o mercado negro não respeitava nada. Estive lá uma vez, no bairro onde funcionava. Acho que havia de tudo. Presenciei até uma *blitz*, então chamada de *razzia*. Chegavam de caminhão. Muita correria. Embarcaram uma meia dúzia, mas tive a impressão que o restante do pessoal não levava muito a sério.

Não vi destruição. A cidade tem um passado cultural muito expressivo. Uma noite fomos à ópera. "Fidélio" de Beethoven. Quanto luxo. Coisa que eu só tinha visto em filme. Ambiente lotado. Muitos uniformes, é claro, e, não fossem estes, ninguém diria que estávamos em plena guerra. Desta, a gente via trens carregados de soldados ou de material bélico, alguma movimentação de caminhões da Wehrmacht e foi só. Também fiquei pasmo ao constatar somente hoje, quando pesquisava alguma recordação sobre o assunto, que a apenas cerca de 30 km ao sul de Cracóvia fica uma localidade, que nos cinqüenta anos passados foi a mais falada, sempre que o tema versava sobre as atrocidades que teriam sido praticadas pelos alemães: Auschwitz, o maior e mais tristemente afamado campo de concentração.

Na outra visita que fizemos ao meu pai em Cracóvia era nos reservada outra surpresa. Um dos médicos poloneses, com os quais meu pai fizera amizade, tinha casa em Zakopane e nos convidara a passar uns dias lá. Não lembro muito da viagem. Era de trem, calculo hoje uns 200 km e ladeira acima, pois Zakopane fica na Serra do Tatra. Desembarcamos numa paisagem de neve e o que logo chamava a atenção, eram os trajes típicos usados pela população do local.

A casa do nosso anfitrião impressionava pelo conforto que oferecia e ao qual a gente não mais estava acostumado. Eu fiquei logo sob os cuidados do filho da casa em cujo quarto também me acomodaram. Devia ter uns dezesete ou dezoito anos e, igual aos pais, também sabia falar o alemão. Logo nos demos bem, mostrou-me a propriedade e conversamos bastante.

Talvez, como não pudesse deixar de acontecer entre jovens da nossa idade, não demorou para vir à baila o assunto "sexo". Contou-me que transava com a empregada da casa, uma jovem polaquinha, um tanto

para o roliço, de aparência até simpática. Quando o rapaz soube que eu ainda era virgem, passou a me catequizar no sentido de que deveria aproveitar a oportunidade, pois a menina era tarada por homem. Era uma ninfomaníaca com uma necessidade permanente de ser satisfeita. Bom, acho que não precisou muito esforço para me convencer e não demorou muito, para que viesse me contar que falara com a menina e que ela estaria a minha espera naquela noite.

Quando nos certificamos que todos haviam se recolhido, lá fui eu esgueirando-me pelos corredores até a porta previamente bem identificada. De fato a moça estava a espera deste noviço ansioso, trêmulo, cujo pensamento único de repente passou a ser: Não posso engravidá-la!

Coitada da menina. Estava ali na cama fofinha. Uma vela sobre a mesinha de cabeceira proporcionava um ambiente íntimo e aconchegante. Não se pode imaginar condições mais propícias para a iniciação dum rapaz. Porém tudo acabou como a primeira vez costuma acabar. É que além da ansiedade do principiante e além daquele pensamente restritivo havia mais um problema: nenhum dos dois pombinhos falava a língua do outro. Eu estava diante daquela mulher e não sabia dizer nem "olá" em polonês. Conseqüentemente foi tudo muito rápido e decepcionante e ainda hoje peço desculpas àquela garota.

Por que inclui aqui este relato banal? Acho que elucida melhor do que qualquer longa peroração que não existe aquele ódio entre os povos, que os "estoriadores" tanto apreciam em reportar. Note-se que tudo aconteceu num país ocupado e entre pessoas que representavam as partes oponentes. As pessoas se entendem. Quem faz as guerras são o formadores de opinião e os seus mandantes.

Lembro-me do após-guerra na Alemanha. O comando das tropas de ocupação aliadas baixou a ordem de *non-confraternization*, para manter seus soldados afastados da população, buscando lembrar-lhes que eram inimigos.

O sentimento de ódio existe durante o crepitar das batalhas e aí, acredito, pode ser gerador das mais absurdas excrescências. Pessoalmente, considero-me um sujeito razoavelmente pacífico, mas quando

me lembro das noites de terror, durante os bombardeios de Hamburgo, ocorre-me que, se um daqueles pilotos por acidente caísse nas mãos da gente, a situação por certo poderia escalar a formas imprevisíveis. A vivência de fases em que o organismo humano é exigido muito além do que naturalmente poderia suportar, pode desaguar numa catarse que se manifeste por brutalidade igual ou maior do que a que lhe fora imposta. Estou convencido de que tais situações aconteceram de lado a lado e continuaram acontecendo em todos os conflitos que sobrevieram.

14

Guerra aérea

Terror planejado nas mais altas esféras militares e políticas. Brutalidade sem par, inimaginável – nunca respresentada em filmes pelos Spielbergs da vida, foi mandar 1000 aviões, cada um carregado com toneladas de bombas explosivas, incendiárias, fosfóricas (precursoras das famosas *napalm*), para cima de uma cidade, na calada da noite, com ordens de despejar todo este inferno aerotransportado, a fim de matar, queimar, dilacerar, soterrar, mutilar em poucos minutos milhares de seres humanos indefesos, civis, indiscriminadamente homens, mulheres, velhos, crianças, bebês...Deste tipo de terror, desta brutalidade fui testemunha.

Em 2.067 dias de guerra a cidade de Hamburgo sofreu um total de 620 alarmes antiaéreos. Isto quer dizer que em média a cada três dias soavam as sirenes e a população era obrigada a procurar os abrigos, geralmente em meio da noite. 213 vezes os ataques foram dirigidos à própria cidade. Havia uma divisão de tarefas por parte dos aliados: de dia bombardeavam os americanos e de noite, com mais freqüência, os ingleses.

Entretanto, o primeiro semestre de 1943 parecera aos hamburgeses como se tivessem sido riscados do caderno do inimigo. Enquanto outras cidades, principalmente da Renânia, eram severamente castigadas, Hamburgo vivia meses de tranqüilidade. Os piadistas mais

ousados diziam que os ingleses não queriam destruir as casas onde iriam morar depois da guerra.

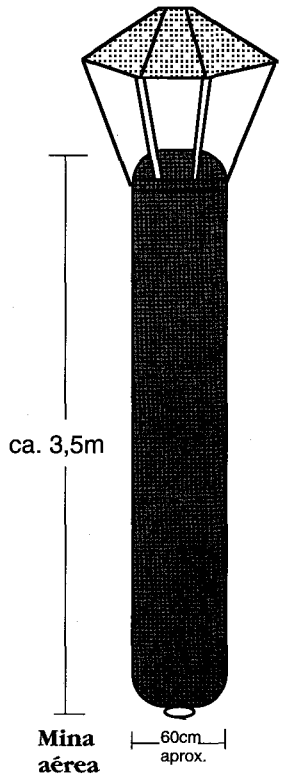
A realidade era outra. Em cuidadosos estudos estratégicos estava sendo preparada a maior demonstração de covardia desta guerra: o poder da escopeta contra o peito nu do adversário, a força das bombas lançadas à distância contra uma população civil indefesa. Era a "Operação Gomorra".

Na noite de 24 para 25 de julho começou a desabar uma semeadura de bombas e de fogo sobre a cidade, de proporções gigantescas e que continuaria nas noites de 27 e 29 do mesmo mês e no dia 3 de agosto. Em 3 dias intermediários as "Fortalezas Voadoras" americanas completavam às claras, com um pouco mais de precisão na visualização dos seus alvos, o que os britânicos tinham iniciado naquelas noites de terror. O resultado desta hecatombe: Os dados oficiais registram 50.000 mortos. Na época se falava em números que variavam entre 80 e 100 mil. De um total de 563.533 moradias 277.330 foram totalmente destruídas. A população de Hamburgo somava 1,7 milhões de habitantes, dos quais 900.000 ficaram desabrigados. 24 hospitais, 277 escolas e 58 igrejas arrasadas. De 100.000 árvores de rua sobraram 20 mil.

Bairros inteiros, como o de Hammerbrook, tiveram que ser murados com os próprios escombros, permitindo-se o ingresso apenas das equipes de saneamento que com lança-chamas eliminavam os restos mortais que pudessem ser encontrados, pois sua rápida decomposição naquele verão quentíssimo e a proliferação de roedores impossibilitava qualquer outra providência. Os escombros, cuja remoção total só acabaria doze anos depois, totalizaram 43 milhões de toneladas, que dariam para lotar um trem de carga com 35.000 km de comprimento.

Continuando com os dados estatísticos: Na "Operação Gomorra" os aliados empregaram 4.000 aviões, que despejaram sobre Hamburgo 25.000 bombas explosivas, 1.200 minas aéreas, 3.000.000 de bombas incendiárias, 80.000 bombas de fósforo líquido e mais 500 botijões de fósforo. Enquanto as bombas explosivas penetravam nos prédios ou no solo antes de explodir, as minas aéreas, muito maiores, equipadas com um

pequeno pára-quedas de lona, foram criadas para serem acionadas ao menor contato com a superfície, expandindo-se assim a onda de choque por um raio muito maior, estourando os pulmões das pessoas, derrubando paredes, destelhando casas e facilitando a penetração das bombas incendiárias. Estas tinham a forma de um bastão sextavado de talvez 50 cm de comprimento e um diâmetro de, calculo eu, 5 a 7 cm. Eram destinadas a principiar os incêndios nos sotãos das casas e podiam ser combatidas, quando detectadas em tempo.



Mais perigosas eram as bombas e os botijões de fósforo, pois, explodindo, espalhavam um líquido gelatinoso, mistura de fósforo, gasolina e óleo, que aderia a qualquer superfície, inclusive à pele ou roupa das pessoas, e, em contato com o ar, incendiava-se. Era, portanto, difícil, senão impossível, apagar o seu fogo, porque, após abafado, voltava a se incendiar tão logo voltasse a receber oxigênio. Era o artefato que provocou os maiores horrores. Para facilitar o trabalho do fogo os ingleses ainda usaram de uma estratégia especial. Depois que o grosso dos aviões de bombardeio despejaram suas cargas de grande altura, pois assim ficavam mais longe das baterias antiaéreas, outros eram encarregados de voar baixo e de atirar a esmo – através da fumaceira nada enxergavam – com seus canhões de bordo, a fim de impedir ou atrapalhar os trabalhos de socorro.

Foi também nesta "Operação Gomorra" empregada pela

vez primeira a técnica de soltar no ar milhões de fitinhas de alumínio, destinadas a desorientar o aparelhamento de medição das baterias antiaéreas. Estas, por sinal, poucos dias antes haviam sido sensivelmente reduzidas pela transferência de grande parte do seu efetivo para a frente da Itália. Sinal de que os serviços aliados de espionagem estavam funcionando.

Enquanto alguns bairros sofreram mais com o efeito dos tapetes de bombas explosivas, outros, principalmente a cidade antiga com suas ruas estreitas, tudo ressecado pela canícula que reinava naquele verão, tornaram-se verdadeiros fornos crematórios. Determinadas condições atmosféricas e o calor dos incêndios produziram fortes correntes de ar que, por sua vez, criaram o efeito de lança-chamas gigantes, varrendo as ruas, torrando e devastando tudo que pela frente encontrassem. O efeito foi chamado de Feuersturm – Tormenta de Fogo.

Também nós, no subúrbio de Tonndorf, sentimos o dantesco do que se passava. Como em tantas outras vezes, soado o alarme saltamos da cama, vestimos a roupa, sempre disposta ao alcance. Também tínhamos duas malas de emergência, sempre preparadas com o que havia de mais necessário e importante. Carreguei-as para um abrigo próprio, que eu cavara no quintal só para elas. Em seguida fomos nos abrigar na casa vizinha. Na Alemanha a maioria das casas possui um porão, uma espécie de adega, não propriamente para guardar vinho, mas toda sorte de suprimentos. Era um local temperado, protegido tanto dos rigores do inverno quanto das temperaturas mais elevadas do verão. Para a guerra estes porões foram fortificados com todo tipo de reforço, para que suportassem um eventual desabamento da casa, protegendo os que se tivessem refugiado nestes abrigos. Era mais um remendo, não uma solução. Nem nossa casa nem a dos meus tios, em frente, possuía tal subterrâneo. Assim todos nós eramos bem-vindos no da casa vizinha. A solidariedade era algo inquestionável naqueles tempos. Mas, refugiados dentro destes cubículos em baixo das casas, na realidade a gente se sentia como se estivesse dentro duma ratoeira. Lá ouvíamos o ronco dos motores dos aviões, o sibilar das bombas que caíam – dizia-se que o perigo estava nas bombas cuja queda não se escutava, eram estas que acertavam a gente – e os estrondos de

suas explosões. O solo, as paredes da clausura tremiam incessantemente.

Apesar do temor, também desta vez eu aproveitei minha condição de *Luftschutzwart* para subir ao ar livre. A cena com que então me deparei foi apavorante. Densas nuvens de fumaça encobriam o céu, fartamente iluminadas pelo clarão do fogo que crepitava por toda parte. Na verdade não me sinto capaz de descrever tal experiência dantesca. Mas existe uma obra dum escritor hamburguês, Otto Erich Kiesel, que retratou magistralmente o que se passou naqueles tempos em Hamburgo e o sofrimento dos seus habitantes. Trata-se de *"Die Unverzagte Stadt"*, "A Cidade que não esmoreceu". Possuo a 1a. edição (Volksbücherei - Verlag Goslar) de 1949. Esta continha 867 páginas. Uma edição posterior de 1957 (Hammerich & Lesser Hamburg) foi reduzida a 443 páginas. O restante deve ter sido censurado pelas autoridades de ocupação da Alemanha. *"It is only the truth that wounds"* dizia Winston Churchill em 31.3.47 diante da Câmara dos Comuns.

Pedindo vênia ao autor, vou tentar traduzir um dos trechos do livro, que diz o que as pessoas sentiam dentro dos abrigos enquanto lá fora imperava o inferno.

> *(...) Nos abrigos as pessoas estavam de joelhos, enquanto o funesto despencava em sua volta. Adversários, que se tinham ódio, fraternizavam diante do espectro da morte e pediam perdão uns aos outros pelas desavenças tolas do cotidiano. Quando se está a morrer, já diziam os blasfemos, o medo do desconhecido fazia surgir nos homens a vontada de crer, à qual Deus deveria sua existência, se já não tivesse existido. Agora mergulham na sua certeza, na esperança de serem salvos da desgraça. Nunca se gritara tanto por Ele como agora, quando centenas de milhares estavam sob a mão da morte, quando, chovendo bombas por todos os lados, expostos ao impacto dos desmoronamentos, um milhão e meio de seres humanos queria dar asas à lerda medida do tempo, para que terminasse aquela desdita. (...)*

De fato, acho que diante daquele inferno não houve quem não buscasse socorro em entidade superior, extraterrena, professasse alguma religião ou não, fosse ateu ou agnóstico. O que ali estava acontecendo não era obra de gente, tanto, que o autor termina o parágrafo deste seu livro:

> *Nunca se duvidara tanto Dele, quando mães choravam seus filhos perecidos nas chamas, quando maridos encontravam os cadáveres deformados de suas mulheres, crianças quedavam em desespero ao lado de corpos fumegantes que antes haviam sido seus pais.*

Os mortos, que puderam ser resgatados, foram sepultados em enorme vala comum no cemitério de Ohlsdorf e um monumento singelo lembra o horror desta hecatombe de Hamburgo. Mas, também é a única forma de se memorar este aspecto da 2a.Guerra Mundial. A tão produtiva e criativa indústria cinematográfica nunca ousou abordar este tema, que, com toda certeza, seria uma achado para os seus técnicos em "efeitos especiais", assegurando-lhes o respectivo "Oscar" do ano. Pode-se perscrutar a mídia mundial, seus noticiários, comentários, editoriais, tudo que tenha sido divulgado durante os últimos cinqüenta anos, dificilmente se achará menção a estes bombardeios dirigidos contra a população civil.

Nem mesmo o terror praticado contra a cidade de Dresden, onde em poucas horas do dia 13 de fevereiro de 1945 foram massacrados centenas de milhares de seres humanos. Naquela ocasião as tropas soviéticas estavam avançando sobre o leste da Alemanha antecedidos pelas notícias do barbarismo que seus soldados estavam praticando contra a população das regiões conquistadas. Centenas de milhares abandonaram tudo o que tinham e, em pleno inverno, a pé, carregando suas trouxas ou empurrando carrinhos de mão, formaram caravanas intermináveis de fugitivos em direção ao oeste, onde esperavam encontrar um inimigo mais civilizado. Impossível que estas massas humanas não tenham sido detectadas pelos aviões aliados

de reconhecimento, que nesta altura dominavam totalmente os céus da Alemanha. Impossível que o alto comando aliado não estivesse informado de que as ruas de Dresden estavam congestionadas, apinhadas de desabrigados. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, ordenaram o bombardeio da cidade. Uma carnificina sem igual e totalmente sem sentido, pois a Alemanha já estava vencida.

Agora o leitor perguntará: Mas não foram os alemães que começaram este tipo de guerra bombardeando as cidades inglesas de Coventry e Londres?

Coventry, cidade portuária na costa oeste da Inglaterra sofreu pesados bombardeios nos dias 14 e 15.11.1940. Nesta época eu ainda vivia no Brasil, mas lembro muito claramente da propaganda alemã, falando em *Vergeltungsangriffe*, ataques de represália. Lembro de um discurso de Hitler, advertindo que dali por diante todo bombardeio de cidade alemã seria respondido na mesma moeda. Mais uma demonstração da ingenuidade e do despreparo do governo alemão.

Efetivamente a guerra aérea contra a população civil foi iniciada pelos ingleses. Revendo os registros dos bombeiros da cidade de Hamburgo (*"Feuersturm über Hamburg"* de Hans Brunswig - Motorbuch Verlag, Stuttgart) constata-se que no dia 18.05.40 – seis meses antes de Coventry – aos 00:28 cairam as primeiras bombas (total de 80 bombas explosivas e 400 incendiárias) sobre a cidade, jogadas por 30 aviões britânicos, ocasionando 39 mortes e 72 feridos. No mesmo mês haveria ainda mais três ataques. Em junho foram dez e não mais cessaram até o dia 17.04.45, quando se registram as últimas bombas sobre Hamburgo.

Os ingleses alegarão que os alemães bombardearam Varsóvia, 25.9.39, e Rotterdam, 14.5.40. É uma justificativa inaceitável porque as situações eram diferentes. Ambas as cidades se recusavam a capitular diante das forças que as cercavam e como "cidades fortificadas" não podiam contar com a proteção das regras da Convenção de Haya (1907). Varsóvia resistia há três dias quando foi dada a ordem de bombardeio. Em Rotterdam aconteceu uma destas fatalidades próprias dum conflito que envolve tantas fontes decisórias. O comandante das forças de defesa fora formalmente

intimado a se render. Sem resposta, os alemães decolaram com 57 aviões de combate HE111, carregados com bombas explosivas. Não levaram bombas incendiárias. Neste ínterim o comando alemão recebeu a resposta da capitulação. Mas aqueles aviões se comunicavam por antenas puxadas a reboque e que eram recolhidas quando se aproximavam do alvo a fim de evitar problemas na liberação da carga. Por questão de minutos não puderam receber a ordem de suspensão do ataque. O bombardeio teve dimensões imprevistas, porque uma das bombas paralisou o suprimento d'água da cidade, deixando os bombeiros sem condições de combater os focos de incêndio, ocasionados por rompimentos de canos de gás. Estes se alastraram, principalmente pela cidade velha de Rotterdam.

Ao final deste capítulo há uma representação dos principais aviões de bombardeio utilizados pela RAF britânica, pela AIR FORCE americana e pela LUFTWAFFE alemã. Os desenhos dos aviões estão numa escala proporcional, permitindo comparar os seus tamanhos. A primeira evidência que chama atenção é que, com exceção do inglês WELLINGTON, os bombardeiros aliados são quadrimotores, enquanto os alemães, muito menores, tem apenas dois motores e o famoso STUKA é monomotor. Segundo dados técnicos, que consegui coletar, o maior bombardeiro alemão, o HEINKEL 111, tinha uma autonomia de vôo de 1.200km e podia carregar 2.200k de bombas. Já o LANCASTER britânico levava 10.000k de bombas, podendo voar por 2.670km. O americano B-17, a famosa Fortaleza Voadora, tinha autonomia ainda maior, mais de 3.800km, carregando 8.000k de explosivos. Estes dados demonstram que a Alemanha planejou os seus aviões para o combate propriamente dito. O STUKA, abreviação de *Sturzkampfbomber*, foi usado principalmente contra veículos militares, tanques etc., quando o piloto mirava seus alvos com o próprio avião, em vôo a pique. O JUNKERS 88 destacou-se também no combate a navios e submarinos.

Quando se considera o tempo necessário para o desenvolvimento do projeto e da tecnologia dum modelo destes aparelhos é fácil chegar a duas conclusões fundamentais: Americanos e britânicos estavam mais preparados para a guerra e mais adiantados do que a

Alemanha. Ao contrário da Alemanha, os aliados planejaram a guerra aérea dirigida contra alvos esparsos e através do bombardeio massificado. É muito difícil se imaginar um quadrimotor, tipo Fortaleza Voadora, atacando um alvo militar, tal como um carro de combate ou similar. Estes aparelhos foram projetados para se deslocar a grande altura, tendo um amplo raio de ação, transportando um máximo de carga mortífera. A precisão na mira do alvo era somenos importante. Daí nasceu a expressão *Bombenteppiche*, tapetes de bombas.

Nessa guerra aérea os aliados não titubearam nem mesmo em bombardear seus próprios amigos. Cito aqui notícia publicada pela "Gazeta do Povo" de Curitiba no dia 8.12.97, sob o título: "Bomba aliada de 43 força evacuação de uma cidade." E segue:

> *" Bobigny, França (AFP) - Mais de cinqüenta anos depois da II Guerra Mundial, os 9 mil habitantes da pequena cidade de Dugny (Seine Saint Denis), alvo de vários bombardeios aliados, será evacuada hoje para a desativação de uma bomba inglesa de 500 quilos. A bomba foi desenterrada na terça-feira passada, por uma escavadeira, no terreno onde funcionou um quartel alemão e onde será construído um conjunto habitacional para policiais. Durante a II Guerra, ficavam estacionadas na zona importantes unidades alemãs, próximas ao aeroporto de Bourget, alvo constante dos bombardeios aliados entre 1943 e 1944. »Não eram bombardeios cirúrgicos como durante a Guerra do Golfo. Em 16 de agosto de 1943, os bombardeiros erraram seu alvo e Dugny foi parcialmente destruída, com 200 mortos, mas o quartel alemão ficou intacto«, disse Andre Veyssiere, prefeito de Dugny. Paradoxalmente, uma das poucas bombas que caiu em seu objetivo não explodiu, o que obrigará a evacuação temporária dos 9 mil habitantes de Dugny. A bomba, com 1,50 metro por 40 cm de diâmetro, pesa 500 quilos, dos quais 250 são carga explosiva. No caso de explosão, os especialistas do Exército*

estimam que um simples fragmento poderia decapitar uma pessoa a 300 metros, com uma onda de choque de 1 quilômetro. Como a bomba está no centro da cidade, todo o território do município (80 hectares), exceto por um bairro isolado, ficará incluido no perímetro de segurança."

Talvez seja hoje difícil para o leitor acreditar, mas naqueles tempos existiam regras, internacionalmente estabelecidas, que deveriam ser observadas na condução de conflitos armados. Valiam para os estados em guerra, bem como destes para com os neutros. Era o chamado *ius belli*, ou *droit de guerre*, oriundo de acordos que começaram a ser costurados em Paris em 1856 com a Declaração dos Direitos Marítimos. Depois vieram a Convenção de Genebra em 1864, os Acordos de Haia em 1899 e 1907 e os de Genebra em 1929 e 1949. Antes deste ainda foram proibidas as armas químicas e bacteriológicas, também em Genebra em 1925. Estas regras impediam o uso de armas de longo alcance sempre que não fosse assegurada uma precisão que excluísse da sua ação a população civil. Quer me parecer que os Lancaster, Halifax, Liberator e B-17 foram construídos especialmente para atacar a população civil.

Desde 1938 os ingleses tinham ao seu dispor outro avião bombardeiro, o WELLINGTON. Era apenas bimotor e sua capacidade de carga de bombas era só ligeiramente superior à dos HEINKEL, 2.500k. Mas sua autonomia de vôo era quase o dobro, 2.200km. Foram estes WELLINGTON que realizaram o primeiro *raid* da 2a.Guerra Mundial. No dia 4.9.1939, um dia após a declaração de guerra, atacaram a cidade de Brunsbüttel no norte da Alemanha.

Cabe aqui registrar o nome do Marechal Sir Arthur Harris, comandante pelo lado aliado deste tipo de guerra e que recebeu o título de nobreza por estes seus "méritos".

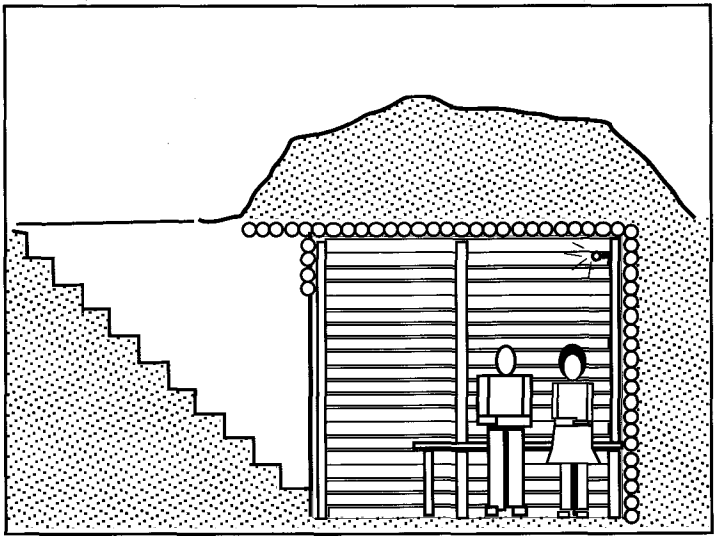
Na segunda noite da Hecatombe de Hamburgo, portanto de 27 para 28 de julho de 1943, a casa da frente, onde moravam meus tios com sua filha, foi atingida por uma bomba fosfórica. Nada foi salvo. Em

poucos instantes as chamas haviam devorado tudo, só restando as paredes de alvenaria. O jeito foi dividirmos com eles a casa que deles alugáramos. Situação absurda: além de perder tudo, morar de favor em imóvel de sua propriedade, ainda assim privilegiada quando comparada com o destino de milhares de outros hamburgeses. Já descrevi a casa anteriormente. Aquele espaço restrito era dividido agora entre cinco, às vezes, quando meu pai chegava, seis pessoas.

Sabendo das notícias do bombardeio, meu pai conseguiu licença para viajar até Hamburgo. Também os soldados no *front*, que tinham família na cidade, receberam alguns dias de licença, muitas vezes apenas para confirmar seus maiores temores, outras para encontrar as palavras escritas a giz num pedaço de parede *Wir leben...*, Estamos vivos.

Consertamos e arranjamos o que era necessário e chegamos à conclusão de que qualquer outra solução seria melhor do que a "ratoeira" no porão da casa vizinha. Resolvemos construir um abrigo na área do quintal nos fundos da casa. Acho que já mencionei que meu pai era um mágico para "organizar" coisas. *Organisieren* passou a ser uma palavra chave e significava arrumar, conseguir algum produto escasso. Pois ele conseguiu uma boa quantidade de paus roliços, destes que se usa em construções como escora, de dois metros de comprimento por cerca de dez centímetros de diâmetro, bem como algumas tábuas. Ficou a meu cargo pegar na cortadeira e escavar um buraco de mais ou menos oito metros cúbicos. Felizmente o tipo de solo ajudava. A terra permitia um corte relativamente fácil, mas também não desmoronava. Feita a cava, as paredes foram revestidas com as escoras, tendo dum lado a porta, à qual a gente chegava por uma estreita escada, também escavada na terra. Tudo era coberto pelos mesmos paus roliços, uma camada de papelão betuminado e, acima de tudo, a própria terra retirada do buraco. As tábuas serviram para fazer a porta, bem como bancos ao longo das paredes. Assim aquele meu *Bunker* podia acomodar bem seis ou mais pessoas. Era servido por luz, bem como por um alto-falante ligado ao rádio dentro de casa – ainda não havia radinhos de pilha. O rádio era importante, porque através dele a gente recebia informações sobre a situação que se desenvolvia no espaço

aéreo. Isto até um certo ponto, a partir do qual o inimigo, que, naturalmente, também podia estar na escuta da rádio, pudesse se beneficiar com as informações transmitidas. Quando estas eram suspensas sabíamos que a coisa ficava preta. Quem tinha telefone continuava a ser informado, bastando



conectar a antena à linha telefônica. Não era o nosso caso.

Neste tipo de abrigo a gente se sentia muito mais seguro do que nos porões sob as casas ou subterrâneos sob os prédios, onde morreu muita gente soterrada. Minha avó paterna ficou ferida e perdeu um olho, quando o prédio onde morava na Bernhard Nocht Strasse desabou sobre o subterrâneo, que abrigava os moradores.

Minha mulher, Ingrid, relata os maus momentos que passou, na ocasião em que prédio da escola, na qual estudava, foi atingido por uma bomba. O subterrâneo, onde buscaram proteção, era dividido por uma parede em dois recintos. Aquele, no qual se encontrava, ficava próximo da saída e pôde ser evacuado. No vizinho todos foram soterrados.

Certamente o número de baixas entre a população civil teria sido muito maior se não tivesse existido uma operação denominada

Kinderlandverschickung, deslocamento de crianças para o campo. Periodicamente contingentes de crianças das grandes cidades eram enviados para a zona rural, especialmente ao sul da Alemanha. Elas eram abrigadas em acampamentos, em Albergues da Juventude, em mosteiros ou em instalações disponibilizadas pelos próprios agricultores. Eram bem alimentadas, tinham escola e, principalmente se recuperavam do estresse a que estavam expostos nas cidades de origem.

Mas, também havia o outro lado da medalha. Lembro-me das vezes em que o nosso *Fähnlein* fora convocado para ajudar em serviços de rescaldo e ajuda na remoção de escombros. Reuníamo-nos num caserna próxima e de lá eramos transportados por caminhões do exército para os locais requeridos. No rescaldo, ou até mesmo no combate ao fogo, formávamos correntes humanas e, de mão em mão, a água seguia em baldes para os pontos críticos ou os escombros eram removidos. Perigoso? Claro que era, mas os tempos exigiam tudo de todos e não havia mãe que, por mais receosa que se sentisse, pensasse em impedir a participação do filho nesta mobilização geral da população.

Depois da Hecatombe Hamburgo ficou dias sem abastecimento d'água e semanas sem luz elétrica. Mesmo assim é digno de registro a rapidez com que serviços públicos funcionavam ou eram restabelecidos. Quando uma linha férrea era atingida por bomba em curto espaço de tempo seu funcionamento regular era restabelecido. Em pouco tempo trens ou bondes – os principais meios de transporte – voltavam a cumprir religiosamente os seus horários. Admirável foi o trabalho duma corporação chamada *O.T. Organisation Todt.* Fora criada para cuidar da infraestrutura do país, tal como da construção de estradas. Mostrou grande eficácia na reparação de danos causados por bombardeios. Assim também outras instituições criadas pelo governo nacionalsocialista mostraram sua utilidade nestas situações de emergência. Por exemplo a *N.S.Frauenschaft* organizou mulheres para o trabalho comunitário. Em plenos dias da catástrofe, que se abatera sobre a cidade, lá estavam elas com cozinhas da campanha dando de comer à massa de desabrigados. É duplamente lamentável que a difamação de tudo que tenha carregado a cruz suástica

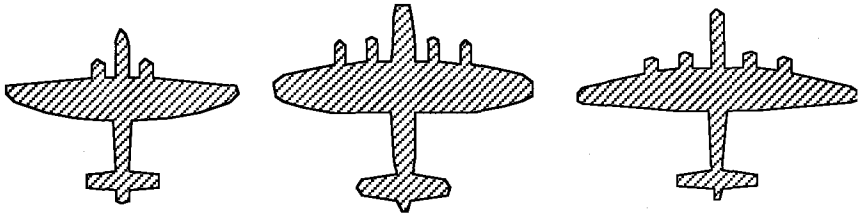
tenha impedido que o mundo aproveitasse os bons exemplos que foram deixados.

Da mesma forma parece que não foi aprendida a lição de que bombardear uma população civil não leva aos resultados planejados na prancheta dos estrategistas. Submeter uma sociedade a privações extremas desperta nesta sentimentos e virtudes, tais como solidariedade, modéstia, tenacidade, que, em vez de quebrar, aumentam seu poder de resistência.

Principais aviões de bombardeio utilizados na 2a.Guerra Mundial

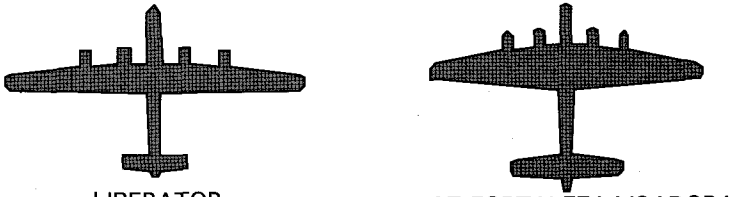
(em escala proporcional)

RAF - Royal Air Force



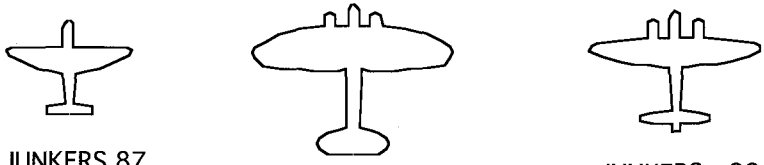
WELLINGTON LANCASTER HALIFAX

US - Air Force



LIBERATOR B-17 FORTALEZA VOADORA

Luftwaffe alemã



JUNKERS 87 STUKA HEINKEL-111 JUNKERS - 88

15

Atrocidades

A guerra por si só é cruel. No Brasil se diz "guerra é guerra" com o sentido de "vale tudo". O francês criou a expressão *Ces't la guerre* em tom de resignação. Na Alemanha havia o dito popular *Heil und Sieg, nie wieder Krieg,* ligando a saudação ao desejo de "guerra, nunca mais". Guerra é sinônimo de brutalidade. Não se pode esperar dum soldado que enfrente o seu inimigo com mesuras e salamaleques. Imagine-se os sacrifícios, as provações físicas e mentais a que está constantemente exposto. As marchas intermináveis, o peso nas costas, as intempéries, lama, frio, chuva, vento, gelo. As bombas, os tiros, as granadas, os estilhaços, o companheiro ferido, outro deixado para trás sem vida. Como esperar dele equilíbrio emocional, sensatez em qualquer situação? Guerra é cruel, de lado a lado. Escutei nestes dias um jornalista comentando a guerra do Kosovo: "Numa guerra não existe o lado bom e o lado mau."

Segundo a verdade dos vencedores, propalada aos quatro ventos e durante mais de meio século, na 2a.Guerra Mundial só existiu um lado mau, o alemão! Nem mesmo o japonês, que tão acirradamente enfrentou os americanos, mereceu uma fração da destratação que foi dedicada aos alemães. Por quê? Não estou me propondo a responder tal pergunta, mas ela certamente merece a reflexão de cada um. Um fato, entretanto, parece inegável, a guerra contra a Alemanha ainda não acabou.

Sintomático é o fato de que hoje ainda não existe um tratado de paz entre aliados e Alemanha. Somente agora as últimas forças militares francesas de ocupação estão deixando o país. Os americanos ficarão até quando? As atuais operações militares da O.T.A.N. contra os sérvios da Iugoslávia deixam bem clara a posição de lacaio em que se encontram o governo e as forças armadas alemãs do pós-guerra.

Esta guerra complementar contra a Alemanha começou quando o conflito armado, propriamente dito, terminou. Imediatamente lançou-se uma intensa campanha que chamaram de *re-education*, verdadeira lavagem cerebral praticada nos alemães, ainda atordoados pela violência vivida e agora submetidos pelas forças de ocupação a um rigoroso regime de fome e privação que duraria três anos. Sem dúvida pode se partir da presunção de que o "Plano Morgenthau" não teria sido descartado, se não existisse um plano alternativo. E este funcionou. Não causou a morte de mais vinte milhões deste povo execrado, como foi prenunciado para o primeiro, mas surtiu efeito, fazendo com que oitenta milhões perdessem sua identidade. Fez com que chefes de estado alemão ficassem de joelhos pedindo perdão pelo que seus compatriotas teriam feito. Ainda agora, quando parece terminada a guerra do Kosovo e se discute como reconstruir a Iugoslávia, ouve-se do chanceler Gerhard Schröder:

> *"Grade weil wir dort eine unheilvolle Geschichte haben, grade weil wir dort selbst Menschenrechte getreten haben, haben wir eine Verantwortung dafür, dass das nie wieder passiert."*
> "Exatamente por termos ali (na Iugoslávia)um passado tão cheio de desgraças, exatamente por termos nós próprios ali pisoteado os direitos humanos, temos a responsabilidade de fazer com que isto nunca mais aconteça.

O ilustre dignatário alemão parece ter esquecido, ou então nunca aprendeu, que a Iugoslávia primeiro aliou-se às forças do Eixo (25.3.41). Depois um golpe militar contrário fez surgir a figura de Josip Brosz Tito, líder comunista, que, com apoio da Inglaterra e da União

Soviética, criou a força paramilitar dos *Partisans*. Após a guerra este homem seria o ditador comunista da Iugoslávia, conhecido como Marechal Tito. Os *partisans* nada mais eram do que grupos terroristas. Aqui cabe lembrar que na época deveriam estar em pleno vigor determinadas regras de guerra, como já mencionei antes. Estas leis de guerra proscreviam claramente o envolvimento de combatentes não caracterizados como forças regulares dum país, portanto, não uniformizados e que hoje chamamos de guerrilheiros. As leis ou convenções eram tão claras, quanto a este ponto, que permitiam o fuzilamento puro e simples de quem as transgredisse. E mais uma vez os alemães demonstraram sua ingenuidade, quando não contaram com este tipo de inimigo, que no transcorrer da guerra passaria a ter uma importância fundamental. Os *partisans* iugoslavos eram de uma truculência sem par. Provocaram banhos de sangue, não só contra soldados alemães mas também contra a população de etnia alemã no norte da Iugoslávia. Um major inglês, que os monitorava desde a própria região, foi por eles degolado depois que reclamara via rádio para o comando central dos seus excessos. Enquanto ninguém assume a culpa por não ter respeitado as "Leis de Guerra" a humilde Alemanha se penitencia hoje, através do seu chanceler, das infrações aos direitos humanos que teria cometido lá no passado. Lembremo-nos de que a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi elaborada em Paris em 10 de dezembro de 1948, mais de três anos após o término da guerra, assinada por 50 das 57 nações que ali se reuniram.

Mas voltemos à guerrilha e à conduta dos alemães. Pois estes, apesar de moralmente e legalmente justificados a fuzilar membros dessa guerrilha, que tivessem feito prisioneiros, sentiram escrúpulos de executar tal sentença e mantiveram-nos em cativeiro. Mais tarde, entretanto, quando esta guerra de guerrilha escalou por todos os territórios ocupados, até mesmo na ex-amiga Itália, depois desta ter virado a casaca, as baixas entre os soldados alemães, causadas por este inimigo furtivo, aumentaram em tal proporção, que o comando alemão se viu obrigado a adotar medidas drásticas. Passou a advertir a população destes países de que a cada alemão morto pelo terrorismo seriam fuzilados dez guerrilheiros presos. Represálias

semelhantes ainda hoje são adotadas pelos americanos, só que através lançamento de foguetes a longa distância.

A atitude de defesa dos alemães foi considerada "crime de guerra" e até os dias de hoje são realizados processos judiciais e condenados oficiais alemães envolvidos em tais procedimentos.

Por outro lado é preciso ressaltar que as forças armadas da Alemanha tinham regulamentos dos mais rígidos quanto ao respeito a ser dispensado às populações de países ocupados. Saques ou estupros tinham como consequência a corte marcial. Ficou conhecido o caso de quatro soldados acusados de violência sexual em Paris. Foram condenados à pena capital por fuzilamento.

Psicopatas, sádicos, maníacos não escolhem raça nem nacionalidade. Certamente seus representantes devem ter tido a oportunidade de exteriorizar suas taras, qualquer que tenha sido a bandeira. Ainda agora o Brasil assistiu estupefato às acusações que estão senda feitas a um deputado federal, representante do estado do Acre. Seria ele o comandante "coronel" de um grupo de extermínio, conhecido por matar seus inimigos e desafetos decepando-lhes, um a um, os membros com moto-serras.

A insensibiliade diante do sofrimento alheio, seja de criaturas humanas ou de outros seres, pode ser mais ou menos pronunciada, dependendo do desenvolvimento cultural de determinado grupo social. É claro que quem desde a mais tenra idade está exposto a toda forma de agressão e violência, sente menos o ferimento recebido e tampouco o causado. A Idade Média nos é lembrada através quadros horripilantes. A Inquisição primava pelos mais sórdidos instrumentos de tortura. Felizmente a sociedade como um todo evoluiu. Evoluiu como um todo, mas deixou para trás grupos perdidos em regiões áridas, seja das estepes asiáticas, seja dos Bálcãs, seja da imensidão africana. Este tipo de gente também foi envolvido nesta trama que foi a 2a.Guerra Mundial e deve ter sido responsável pelo relato que se tem do que aconteceu em Nemmersdorf, pequena aldeia da Prússia Oriental. Foi a primeira localidade alemã conquistada pelos russos, isto em outubro de 1944. Aconteceu que os

alemães recapturaram a região. Encontraram toda a população brutalmente assassinada. Todas as meninas, moças e mulheres entre oito e oitenta e quatro anos foram antes violentadas. Mulheres foram pregadas nuas às portas de celeiros em posição crucificada. A notícia desta barbárie espalhou-se celeremente e provocou imensas caravanas de refugiados, as maiores levas ocorridas na história, todos fugindo dos russos em direção ao oeste.

Africanos, recrutados pelo governo de exílio francês, comandado pelo deGaulle, também se destacaram pelo sadismo. Pouco sensíveis ao sofrimento humano se mostraram igualmente determinados povos dos Bálcãs, como já mencionei e como a guerra do Kosovo vem demonstrando.

Excluídos aqueles casos emocionais, passionais, impulsivos, penso que existem três maneiras de matar:

Uma, em defesa própria. Você mata para não ser morto. É a imagem da própria guerra. Você não tem qualquer problema pessoal contra o sujeito lá na trincheira adversária, mas tem que enfrentá-lo até as últimas conseqüências, porque senão sua própria vida corre perigo.

A segunda acontece à distância. Aperta-se um botão, aprova-se um plano, dá-se uma ordem e longe dali – o autor não vê o resultado dos seus atos – alguém, alguns, centenas ou até milhares de seres humanos são mortos ou mutilados. Sofrimento imenso, que, entretanto, não impressiona diretamente o causador. Tivemos aqui vários exemplos deste tipo de ação. É também o caso da pessoa que contrata um pistoleiro e manda tirar a vida de alguém. Enquadra todos os envolvidos – desde o presidente, que autorizou, até o tripulante da "Fortaleza Voadora" que pressionou o respectivo botão – no bombardeio atômico das cidades de Nagasaki e Hirishima. Já o pistoleiro, o assassino profissional, o que mata sem remorso, tem que ser enquadrado na categoria seguinte.

A terceira maneira é aquela que acontece praticamente "olho no olho". Esta exige do autor frieza e insensibilidade toda especial, ou de natureza patológica, ou oriunda de um ambiente adverso e hostil em que tenha se criado. Deve ser o segmento social dentro do qual se recrutam os carrascos, aqueles que, em nome da lei, movem um alavanca

para que, ao seu lado, um ser humano passe a se debater em estertores fatais. Certamente não deve ser fácil conseguir candidatos a tal emprego. Muito menos num país com a tradição cultural como a Alemanha. Eu conheço a educação que os alemães dão aos seus filhos. Um dos seus princípios é o respeito aos direitos dos outros. A doutrina cristã tinha lugar de fundamental importância, seja nos lares de confissão protestante luterana, seja nos católicos. Mesmo que Hitler tivesse sido acometido de perturbação mental, ordenando a matança de milhões de seres humanos indefesos, seus auxiliares, a cúpula política, os chefes militares – até então sempre respeitados por sua correção no mundo inteiro – teriam que ter dado o seu apoio a tal absurdo projeto. E mais, haveria que se encontrar milhares de executores da idéia. E mais ainda, que todos mantivessem absoluto silêncio sobre o que faziam, ou sobre o que eram obrigados a assistir. Não podiam, num momento de remorso ou até de gabarolice, abrir a boca perante seus familiares, vizinhos ou amigos.

Simplesmente não posso acreditar que em tal contexto tenha sido possível mobilizar tamanho número de "carrascos", capaz de eliminar, assassinar 6.000.000 – seis milhões – de judeus. É o que os marqueteiros do Holocausto insistem em dizer ao mundo e, principalmente, aos alemães, durante mais de cinqüenta anos. Conseguiram convencer os alemães a tal ponto que o *Bundestag*, parlamento alemão, acabou de decidir pela construção dum monumento, no centro da capital alemã, dedicado à memória destas vítimas judias. Detalhe: a decisão excluiu expressamente vítimas de outras confissões ou etnias. O monumento terá e extensão de quatro campos de futebol. Idéia macabra. Parece-me o mesmo que obrigar todas as gerações de descendentes dum condenado à forca – justamente ou não – a ter pendurada uma corda como decoração da parede principal de sua sala de visitas.

Conseguiram convencer os alemães de que teriam um vergonhoso passado. Conseguiram que a Alemanha pagasse vultuosas indenizações e reparações e continuam querendo mais, sempre brandindo o ferro em brasa com o qual querem que o *Deutscher Michel* fique marcado, estigmatizado para o todo e sempre.

Após a rendição alemã em maio de 45 começaram logo as revelações sobre os horrores dos Campos de Concentração. Como todo mundo fiquei estupefato. Tudo aquilo em que a gente acreditara teria produzido tão tétricos resultados? Publicavam-se fotos horripilantes, depoimentos de sobreviventes do terror. Não havia como escapar. Concluía-se que o alemão se portara como a encarnação do diabo.

Com o passar do tempo, a propaganda antialemã insistente e persistente não só atuava como lavagem cerebral, pretendida pelos seus autores, como também contribuiu para a geração de dúvidas quanto à consistência das acusações. Principalmente entre aqueles que preservaram em sua memória muito da realidade daqueles tempos. Surgiram os "Revisionistas", querendo que esta parte da História fosse revisada e reescrita. Entre eles há autores e pesquisadores de diversas nacionalidades. Até mesmo judeus já publicaram sua opinião, de que a História não vem sendo bem contada. A Internet está cheia de *sites* onde se busca corrigir os conceitos históricos. A vida desses Revisionistas não tem sido fácil. Na Alemanha a negação do Holocausto é crime penalizado por lei. Em outros países aconteceram processos judiciais e perseguições.

Assim, que fique bem claro: eu NÃO NEGO o Holocausto. Mas, não só a Constituição da República Federativa do Brasil, como também a Declaração Universal dos Direitos Humanos (Art.XIX), garantem ao cidadão a liberdade de opinião e expressão. Para formar opinião própria é preciso obter e sopesar informações, dar-lhes crédito ou não.

NÃO ACREDITO que os alemães tenham protagonizado a execução, o assassinato premeditado e programado de milhões de seres humanos. Não acredito tenha acontecido tal bárbaro genocídio ao qual a propaganda deu o nome de Holocausto. Não havia na Alemanha dos anos 30 condições culturais para a proliferação de criaturas do tipo 'carrasco". O alemão não é dado a violência. No sul do Brasil, por exemplo, é comum encontrar nomes de descendentes de alemães, por ser uma região em que se concentrara a imigração dos seus antepassados. Pois se observe a página policial dos jornais e dificilmente encontrar-se-á um nome germânico envolvido em ato violento. Diversas regiões e países criaram suas

organizações mafiosas. Nunca se ouviu falar de uma "Máfia alemã".

Uma rápida procura nos dicionários pelo significado da palavra "holocausto" ou é infrutífera, ou fala do genocídio praticado pelos nazistas, ou, curiosamente, vai se saber que era um "sacrifício em que se queimavam as vítimas entre judeus" e "abstração da vontade própria para satisfazer a de outrem". Seria o nome dado a um ritual praticado "ENTRE judeus"? Por que não se usa a palavra correta, que seria "genocídio"? Talvez para não confundir ou lembrar de tantos e tantos outros genocídios que vem acontecendo até os dias de hoje. Caracterizando a premeditação e o cuidadoso planejamento escolheu-se a palavra HOLOCAUSTO – rapidamente adotada pela mídia internacional – para diferenciar este produto dos demais. Seria o crime descomunal, o crime praticado pelos alemães contra os judeus. HOLOCAUSTO, palavra forte, simbólica, de pronúncia quase igual em todos os idiomas, logomarca perfeita, perfeita para gravar-se na mente do mundo todo. Perfeita para execrar o *Deutscher Michel*.

Segundo a enciclopédia Brockhaus viviam na Alemanha em 1933, quando Hitler assumiu o poder, 499.682 judeus. Em virtude da hostilização 300.000 emigraram para outros países, inclusive para o Brasil. Quando começou a guerra em 39 haveria, portanto, cerca de 200 mil na Alemanha. Eu cheguei a este país em 1942 e ainda encontrei um casal de judeus andando livremente pelas ruas de Hamburgo. Reconheci as pessoas como sendo de tal confissão, porque usavam a estrela amarela de David nas roupas, a que eram obrigados desde 1.de setembro de 1941. Havendo judeus não reclusos nas ruas da segunda maior cidade da Alemanha, não é plausível que o grande extermínio já tivesse sido iniciado. Consta que isso se dera após a declaração de "Guerra Total", anunciada por Goebbels em 1943.

Dispunha-se assim de um período de dois anos, 730 dias, para executar um "plano" de extermínio, de assassinato de 6.000.000 de judeus. Portanto, 8.219 por dia! Dia por dia. Sete dias por semana... Mas, tem mais. Outros povos também alegam terem sido vítimas do genocídio. Principalmente os poloneses e os ciganos. Aí já não se fala em números.

Parece que a respeito destes não existem estatísticas tão precisas quanto as que relacionam 6.000.000 de judeus.

E as minhas dúvidas continuam a ser alimentadas pelos números. Tento imaginar os procedimentos para identificar, localizar, prender, transportar, encarcerar, alimentar, administrar, assassinar e, finalmente, sumir com os "corpos de delito". Quanto a este último passo alega-se que foram cremados. De fato foram localizados fornos crematórios em campos de concentração, mas, também não posso acreditar que dessem conta de maior número de corpos do que os que hoje existem no institutos de cremação nas grandes cidades. Estes, se não me engano, necessitam de oito horas para incinerar um, apenas um corpo. Não me consta que tenham sido localizadas valas comuns de tais proporções a esconder tamanho número de vítimas fatais..

Apesar da diversidade de origens dos prisioneiros libertados ao final do conflito, os depoimentos sobre os horrores dos *KZs*, que vêm a público na mídia international, são sempre de judeus. E por falar em prisioneiros libertados, por que os nazistas não fizeram qualquer esforço para ocultar possíveis provas dos seus crimes? Muito ao contrário, os comandantes e contingentes de guarda dos *KZs* renderam-se formalmente diante das forças adversárias, transmitindo-lhes todos os registros, arquivos etc.

No início da guerra, portanto, viviam 200 mil judeus na Alemanha. Hoje, meio século depois, sobreviventes, sempre judeus, continuam dando entrevistas na mídia, principalmente na alemã. Hoje, meio século depois, organizações americanas de judeus reclamam mais indenizações pelo trabalho escravo a que seus membros foram obrigados pelos nazistas. Segundo o chanceler Schröder a Alemanha já desembolsou a soma de 110 bilhões de marcos em reparações às vítimas do *KZs*. Apesar das tristes recordações mais e mais judeus voltam a viver na Alemanha de hoje, constituindo grupo de poderosa influência no país e a terceira maior comunidade judaica do mundo.

Eram 200 mil, cuja identificação na Alemanha certamente não constituia grande problema, pois lá existia, e é mantida até hoje, a

obrigatoriedade do indivíduo, morador de uma cidade, de se registrar no competente *Einwohnermeldeamt*, bem como de cancelar o registro em caso de mudança. Talvez a mesma prática existisse nos países ocidentais ocupados, tais como França (metade), Bélgica, Holanda e Noruega. Já nas regiões ao leste creio que a identificação de cidadãos pela confissão religiosa tenha sido bem mais difícil.

Quero aqui fazer um parênteses na análise do Holocausto. Quando os soldados alemães ainda ocupavam parte da União Soviética, isto em 1943, encontraram na floresta de Katyn, perto de Smolensk, valas comuns, onde estavam enterrados ca. de 4.500 corpos de oficiais poloneses, assassinados com tiro na nuca, especialidade da então KGB soviética. Tinham sido feitos prisioneiros em 1939, quando os russos ocuparam parte da Polônia e foram mortos por volta de abril ou maio de 1940. Quando da descoberta os alemães chamaram imediatamente representantes da Cruz Vermelha Internacional que constatou terem sido assassinados com munição alemã, porém ANTES da ocupação da área pela *Wehrmacht* alemã. Mesmo assim o crime lhes foi imputado e o mundo acreditaria nisto até hoje, não fosse a *Perestroika* russa, no transcurso da qual foram revelados documentos que efetivamente comprovaram a responsabilidade soviética. Foi esta abertura de arquivos russos que também retificou muitos dos dados falsos divulgados ao mundo após guerra sobre pretensos crimes nazistas. Só que a mídia mundial não dá muito valor ou destaque a estas retificações da história. Antes já caira em minhas mãos um pequena notícia publicada em jornal local, infelizmente me falta a data, e que diz:

> **Auschwitz: cai o total de vítimas**
>
> *VARSÓVIA - O número de vítimas do campo de extermínio nazista de Auschwitz-Birkenau, perto de Cracóvia (Sul da Polônia), foi de um milhão e meio de pessoas no máximo e não de 4 milhões como afirmou a comissão soviética em 1945, assinala um estudo polonês realizado no Museu de Auschwitz e citado ontem pelo "Jornal Gazeta", próximo ao Solidadriedade. (...)*

Parece que a palavra "vítimas" aqui foi empregada de forma ambígua, dando a entender que se falava do número de mortos. Tudo indica que na verdade referia-se ao número de pessoas que passaram por estes campos, pois posteriormente a cifra cai para 1,3 milhão. O mesmo jornal (Gazeta do Povo) publica no dia 23 de abril de 1998 uma página inteira em homenagem ao "Yom Hoashoá", data do calendário judeu que significa Dia do Holocausto. Em quadro infográfico cita a origem dos judeus deportados para Auschwitz e o TOTAL DE PRISIONEIROS entre 1940 e 1945:A reportagem diz basear-se em pesquisa feita em: Anatomia do campo da morte de Auschwitz, editada por Yisrael Guttman e Michel Berenbaum / Guia oficial do Museu de Auschwitz / Atlas "The Times".

Judeus

Hungria	438.000	Bélgica	25.000
Polônia	300.000	Alemanh.eAustr.	23.000
França	69.000	Iugoslávia	10.000
Holanda	60.000	Itália	7.500
Grécia	55.000	Noruega	690
Boemia e Moráv.	46.000	outrosKZ/lugares	34.000
Eslováquia	27.000		
		Total Judeus	**1.095.190**

Outras nacionalidades

Poloneses	151.000
Ciganos	23.000
Soviéticos	15.000
outros	25.000

Total de prisioneiros entre 1940-45: 1.300.000

Na mesma página fala em 1,5 milhão de vítimas judias.

Depois da queda do regime comunista e da abertura dos arquivos russos divulgou-se timidamente que o total de prisioneiros que teria passado pelos campos de concentração, localizados na Polônia, não foi superior a 750 mil. O total de óbitos entre os de todas as origens, confissões e nacionalidades, catalogados com nomes e *causa mortis* teria sido de 75 mil. Recorde-se que só os soviéticos tiveram acesso aos registros existentes nestas localidades.

Segundo os arquivos históricos do jornal Münchener Merkur, da cidade de Munique, o mais antigo dos Campos de Concentração, o de Dachau, instalado próximo àquela cidade em 22.03.1933, abrigou até 1945, em doze anos, um total de 206.206 prisioneiros e foram registrados 31.591 óbitos.

Vemos aí cifras "oficiais" em contradição e queda constante. Mas o total, a cifra *slogan* de 6 milhões permanece imutável. Resiste ao tempo por mais de cinqüenta anos.

Voltemos ao pessoal que seria necessário para exterminar 6 milhões de judeus, cota símbolo da propaganda do Holocausto. Inicialmente parece válido duvidar de que esta quantidade de pessoas de confissão israelita tenha estado ao alcance dos alegados algozes. Segundo o *American Jewish Yearbook* em 1931 teriam vivido em toda a Europa, ocidental e oriental, 10 milhões de judeus. Apenas parte deste imenso território esteve temporariamente sob domínio alemão.

A Alemanha vinha combatendo nas mais diversas frentes. Tão somente na frente oriental registrara perdas de 50% dos seus efetivos após o rigoroso inverno russo de 41/42. Pergunto-me se os dirigentes alemães realmente poderiam ter cometido o descalabro, criminoso contra sua própria gente, de enfraquecer ainda mais suas forças de combate, já tão debilitadas, formando tal contingente especialmente incumbido de localizar, aprisionar, transportar, concentrar, abrigar, guardar, alimentar, medicar e... eliminar milhões de criaturas. Isto num caçada monumental através da imensidão das estepes russas, das cordilheiras caucasianas, das montanhas dos Bálcãs... Não acredito. Para comparar: No Brasil atual,

tempos de paz, normais, os mandatos de prisão não cumpridos vão à centena de milhares.

Afinal, o que eram os Campos de Concentração. Para a população alemã de então tinham o conceito puro e simples de cadeia, reclusão, um lugar onde se sofria uma penalização por algum delito cometido. Ser contra o regime era um delito, como o é em qualquer país que tenha adotado um sistema de governo autoritário. Não obedecer às leis era um delito. A lei proibia tanto práticas homosexuais, quanto a escuta de rádioemissoras estrangeiras. Então era comum alguém dizer: Não faça isso, *du kommst in's KZ* (você vai pro KZ)! Judeus eram considerados inimigos do regime, assim como os alemães em Curitiba foram considerados inimigos do Brasil. Por motivos óbvios, ninguém protestou, nem na Alemanha, nem em Curitiba. No Brasil a Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, era um lugar de "internamento" de civis estrangeiros, considerados inimigos.

Os Campos de Concentração foram inventados pelos ingleses durante a guerra de 1899-1902, travada contra os Boers , primeiros colonizadores da Africa do Sul. Aqui destacou-se o General Lord Kitchner queimando e arrasando as fazendas e suprimentos. A população dos seus Campos de Concentração chegou a 217.000 civis, dos quais morreram de fome e doenças 41.242, principalmente mulheres e crianças (enciclopédia Grolier). Durante a 2a.Grande Guerra os americanos internaram mais de 100.000 japoneses e nisséis que viviam em sua costa oeste (Grolier). A União Soviética, principalmente ao tempo de Joseph Stalin, manteve campos de trabalho nos quais morreram milhões de civis (Grolier). Depois de 1945 o número de detidos variava entre 5 e 15 milhões e somente em sua zona de ocupação na Alemanha mantiveram 185.000 detentos, dos quais 96.000 morreram e 37.000 foram transferidos após 1950 para a União Soviética (Brockhaus). Na Áustria existiam campos de internamento no período de 1933 a 38, destinados principalmente à reclusão de aficcionados do proscrito Partido Nacionalsocialista (Brockhaus). Como se observa, os Campos de Concentração não são uma exclusividade dos alemães.

Não eram só transgressões às leis próprias de um regime

autoritário que levavam ao KZ. Ingrid, minha mulher, conta o caso do zelador do prédio em que morava com seus pais na rua Lohof, no bairro de Hamm em Hamburgo. O prédio foi destruído durante os bombardeios de julho de 1943, na Hecatombe de Hamburgo. Os moradores perderam tudo com exceção das malas de emergência preservadas no porão do edifício. O zelador foi pego pilhando estes pertences. Saques e pilhagem eram crimes. Souberam que foi condenado à prisão em Campo de Concentração. Pouco tempo depois do final da guerra o mesmo homem foi visto passeando ostensivamente com vistosas roupas em reluzente motocicleta pelas ruas de Hamburgo. Era mais uma vítima do nazismo, com direito a indenizações e tratamento especial.

Repito, na Alemanha sabia-se dos Campos de Concentração, dos *KZs*. O que não quer dizer que se soubesse, nem que se suspeitasse, de atrocidades que neles estariam sendo cometidas. É totalmente falsa a premissa da "Culpa Coletiva" que a propaganda internacional e a *re-education* impuseram ao povo alemão. A grande maioria dos alemães de hoje, então nem nascida, bate no peito e lamenta um *mea culpa*, ou, o que é mais prático, desdenha seus pais ou avôs. Um processo induzido de autofagia que progressivamente vai destruindo o imenso acervo cultural e de tradições duma nação. – Complementando este raciocínio, é interessante lembrar que nunca antes se tentou responsabilizar um povo inteiro pelos desatinos de seus governantes ou representantes. Acabo de escrever esta frase e me recordo que não é consistente. Houve um caso sim: Os judeus foram responsabilizados pela morte de Jesus.

Morreu gente nos *KZs*? Certamente que sim. Muitos? Sem dúvida. Foi uma guerra que ceifou um número astronômico de vidas. É estimado em 36 a 45 milhões. Entre eles 20 a 30 milhões de civis. Os dados oficiais não são capazes de informar números precisos. Se não é possível precisar o número de vítimas da guerra, como é que sempre voltam a ser citados exatos 6 milhões de israelitas trucidados em campos de extermínio?

Os *KZs* aglomeravam enorme número de pessoas. De 1939 a 1945 teriam passado por eles 2,2 milhões de detentos

(enciclBrockhaus). A alimentação não deve ter sido rica e a prevenção sanitária menos ainda. Os americanos já tinham a penicilina, os alemães não. A ocorrência de surtos epidêmicos é relatada.

Deve ter havido maus tratos. Lembro das primeiras notícias depois da guerra, quando tudo ainda não estava bem coordenado. Os depoimentos dos libertados falavam muito nos *kapos*. Teriam sido os mais brutais. Hoje não se fala mais em *kapos*. Eram assim denominados os chefes de sala ou de barracão, escolhidos entre os próprios presos e responsáveis perante a guarda pela ordem e cumprimento dos deveres do grupo. Longe de mim querer afirmar que entre os guardas, administradores, ou outros envolvidos alemães, não houvessem os mau caráter, gente que se aproveitasse da situação para liberar seus mais baixos instintos. Mas, massacre, assassinato em massa, programado, planejado, Holocausto – não posso acreditar.

Houve execuções? Pergunta retórica. Não há regime de força que não adote esta medida extrema contra os seus oponentes. A lei era severa, tanto no que dissesse respeito à contestação das instituições, quanto aos próprios atos criminosos. Assim, todo o sistema de repressão envolveu também a estrutura judicial. Inúmeras penas capitais foram decretadas pelos tribunais. Tribunais de exceção, de julgamento sumário, regulares ou não – não sei – mas de juízes que exerciam suas funções com base em leis existentes. Apesar da rigorosa "desnazificação" praticada pelos aliados no pós-guerra – a um mínimo de suspeita, ou denúncia, as pessoas tinham que passar por um processo investigatório para determinar o grau de seu envolvimento com o partido nazista, com penas que iam desde o impedimento de exercer sua profissão até a reclusão – pois, apesar desta "desnazificação" o corpo de juízes que atuava no 3° *Reich* permaneceu praticamente intacto na estrutura da nova *Bundesrepublik*. Alguns poucos foram compulsoriamente aposentados, outros remanejados e só, apesar das inúmeras denúncias havidas contra membros desta classe. Isto foi relatado pela revista "Der Spiegel" em edição especial retrospectiva dos 50 anos da República Federal da Alemanha. Ali se lia ainda que recentemente o Supremo Tribunal proferiu sentença, na qual dizia que

uma nação que tenha sua soberania ou suas fronteiras ameaçadas tem direito a adotar medidas de exceção.

Outro fato que alimenta as minhas dúvidas: Se o autor do atentado a bomba contra Hitler, que aconteceu em 9 de novembro de 1939, Johann Georg Elsner, preso e confesso, sobreviveu em campo de concentração até 1945 – atentou contra a vida do *Führer* e sobreviveu por mais de cinco anos – qual a razão plausível para executar antes dele um população de 6 milhões de judeus?

Diz o ditado que, para guardar segredo entre dois, só matando um. Eu vi inúmeros combatentes voltando do front para os curtos períodos de licença a que tinham direito. Se houvesse uma ação de extermínio de civis em desenvolvimento, um ou outro teria que ter tomado conhecimento, de uma forma ou outra. Mesmo que houvesse a mais severa imposição de sigilo, não é admissível, não seria próprio do ser humano, que alguém não confidenciasse alguma coisa para a esposa, à noiva, à namorada, a um amigo, num dos tantos momentos em que o represado tende a romper as mais resistentes barreiras. E o rumor teria se espalhado qual erva daninha. Não existe ambiente mais propício para o boato do que a guerra, quando todos estão ávidos por notícias. – Entretanto só veio a se falar em extermínio de judeus depois que tudo terminou.

Polónia, teóricamente um território hostil aos alemães. ali Cracóvia, a poucos quilômetros de Auschwitz, segundo a promoção de Holocausto o maior centro do terror. Meu pai viveu e trabalhou durante anos em Cracóvia – até momentos antes da ocupação pelos soviéticos – e nunca falou de algo tenebroso que por lá estivesse acontecendo. E ele era um dos que escutavam as proibidas transmissões de rádio dos inimigos...

Finalmente resta perguntar: Se realmente estava em desenvolvimento tamanho e cruel ato de genocídio, a toda poderosa Igreja Católica não teria recebido suas informações a respeito? Porque permaneceu calada? Porque o Papa não exerceu sua autoridade, sua influência, para colocar um fim aos abusos? Porque não bradou ao mundo protestando, denunciando a ignomínia? Metade da população alemã é católica. O Papa falando poderia até ter contribuído para a desestablização do regime. Hoje

o Papa polonês tenta maquiar a contradição histórica fazendo declarações esporádicas contra atos do regime nazista, mas também vem sofrendo pressões através de notícias plantadas na imprensa e que falam da existência de ouro nos cofres do Vaticano, ouro que teria pertencido aos judeus assassinados pelos alemães.

Onde estão os libelos da Cruz Vermelha International, que naquela época estava em plena atividade? Se houvesse indícios reais de que estariam ocorrendo massacres desta ordem, os países neutros, como a Suiça ou Suécia, não teriam se manifestado e tentado interceder junto ao governo alemão? Não há qualquer notícia a respeito.

Dir-se-á que existem fotografias comprobatórias. Devo dizer que o que vi destas fotos dificilmente resistiria a um exame de autenticidade. Eram todas de péssima qualidade. Além disto é preciso considerar a época em que teriam sido feitas. Era tempo de guerra total. Era proibido fotografar quase tudo. Uma paisagem podia indicar a localização duma fábrica ou de instalação militar. O combate à espionagem era severo. Também as câmeras fotográficas não eram disseminadas como o são hoje. Só por sorte ou relacionamento especial com as fontes conseguia-se comprar um filme. Meu pai, por exemplo, como representante e trabalhando com filmes de Raios-X, conseguiu formar um pequeno estoque, talvez uns trinta ou cinqüenta filmes 6 x 9 , preto e branco, é claro. Terminada a guerra eu saía, a fim de abordar soldados ingleses para trocar filmes por cigarros, a moeda de então, ou mantimentos. Não havia correspondentes de guerra estrangeiros andando à solta. Uma CNN fazendo transmissões de TV "ao vivo" de Bagdá, enquanto os americanos bombardeavam a cidade, seria então uma hipótese totalmente absurda. Restariam, portanto, os próprios alemães documentando seus crimes para a posteridade.

Diante das evidências de que o número de 6.000.000 é aleatório, porém conseqüentemente e persistentemente repetido durante mais de meio século, não só pela mídia internacional, como também pelos próprios meios de comunicação da Alemanha, deduz-se que a 2a.Guerra Mundial não acabou e – suprema demonstração do sucesso da tática

empregada – os alemães, sem qualquer resquício de senso crítico, parecem ter prazer em atirar contra as próprias linhas.

Enquanto isto, os crimes de guerra dos aliados permanecem à margem da história. Nunca são mencionados nas colunas dos jornais, nem aparecem nas telas da televisão. Ficam restritos a publicações de pesquisadores eventuais.

Ernst Weber e sua mulher Liesel, moravam do outro lado da nossa rua em Curitiba. Eram os melhores amigos dos meus pais. Ela trabalhava com a minha mãe no Consulado. Não tinham filhos e, apesar de deixados em paz pela polícia, por ocasião do rompimento das relações diplomáticas, optaram por também retornar à Alemanha com o transporte de diplomatas. Lá, enquanto fomos para Hamburgo, ficaram morando na Renânia, num vilarejo próximo de Düsseldorf. Poucos dias antes do final da guerra, quando os americanos estavam por atravessar o Reno, Ernst Weber foi convocado para o *Volkssturm*. *Volkssturm* significava a mobilização dos últimos recursos humanos, quando a idade dos convocáveis foi estendida dos 16 aos 60 anos. Deram lhe um uniforme e uma carabina e logo em seguida a mulher soube, aliviada, que ele fora feito prisioneiro bem perto dali, nas redondezas da vila. Pouco depois houve a capitulação de todas as forças alemãs. Durante longos meses ficou sem notícia do marido, apesar de insistentes buscas que fizera, até que a Cruz Vermelha Internacional a informou que ele morrera de ataque cardíaco em campo de prisioneiros a poucos quilômetros de sua casa, do outro lado do Reno. Ernst Weber nunca antes se queixara do coração.

O episódio parece confirmar o que diz o livro *"Other Losses"* (Outras perdas) escrito pelo historiador canadense James Bacque. Segundo ele americanos e franceses mantiveram prisioneiros alemães em campos cercados e a céu aberto – após o cessar fogo – tratando-os de maneira a propositadamente provocar o extermínio de provavelmente mais de um milhão de pessoas ainda no ano de 1945. Os prisioneiros receberam pouca ou nenhuma alimentação, não tiveram assistência médica, permaneceram ao relento por meses a fio. Para conseguir um mínimo de

proteção das intempéries, cavaram com as mãos buracos no chão onde procuravam se abrigar em duplas, para se aquecer mutuamente. Comeram capim. Morreram à míngua. Tudo sob os olhos e ordens do alto comando aliado.

Também nunca mereceu publicidade o que aconteceu no Estado Independente da Croácia, aliado do Eixo, entre 1941 e 43, sob o comando de Ante Pavelic. Ali ocorreram verdadeiras "orgias de sangue" (K.Deschner - Oben ohne - RoRoRo 1999). Na disputa entre católicos e sérvios de confissão ortodoxa, estes foram inclementemente perseguidos pela *"Ustacha"* católica de Pavelic. A matança foi pública. Nas ruas, nas praças, nos campos, nas igrejas homens, mulheres e crianças foram bestialmente torturados e massacrados. Balanço: 250 mil sérvios ortodoxos foram obrigados a se converter ao catolicismo e cerca de 750 mil assassinados. Muitos foram salvos por tropas italianas e alemãs que por diversas vezes foram chamadas a intervir. Protestos diplomáticos, inclusive da Alemanha hitlerista, encontraram ouvidos moucos. As lutas religiosas naquela região perduram até hoje. Quando há alguma referência, certamente envolve os "nazistas".

Nas escolas do mundo todo as crianças aprendem que os alemães mataram 6 milhões de judeus, mas nada lhes é dito sobre os alemães que pereceram nos bombardeios terroristas, nem sobre os 12 milhões de alemães que foram desterrados de sua terra natal da Prússia Oriental, da Pomerânia, Brandenburgo do Leste, Silésia, Boêmia, Morávia e outras. Calcula-se que, destes 12 milhões, 3,5 milhões morreram durante esta migração forçada, em parte trucidados, em parte não resistindo às privações. Albert Schweizer, quando recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1954, classificou-a de "Violação de todos os direitos humanos".

Trabalho Escravo

Agora, mais de cinqüenta anos após o cessar fogo, surgem organizações, principalmente nos Estado Unidos, que se dizem representantes de pessoas que durante a guerra foram forçadas ao trabalho

escravo na Alemanha. Querem indenizações.

Um país em guerra necessita, além das forças combatentes, forças de trabalho. Homens entre 18 e 45 anos, em sua maioria, constituíam as primeiras. As vagas de trabalho que deixaram haviam que ser supridas, o que em parte foi feito pelas mulheres. Nos países ocupados, ao contrário, havia o desemprego. O bloqueio pelos aliados das vias de suprimento à Alemanha evidentemente atingia também os países ocupados, estagnando sua produção. Somente a Holanda contava com 500 mil desempregados. A Convenção de Haya permitia a convocação dessas forças de trabalho. Recebiam remuneração igual a dos alemães. Tinham liberdade de locomoção. Eram os chamados *Fremdarbeiter* (Trabalhadores Estrangeiros). Havia os *Zwangsarbeiter* (Trabalhadores Forçados), provenientes dos *Arbeitslager* (Campos de Trabalho), reclusos que, entretanto, durante o dia saíam para o trabalho. Sob o aspecto jurídico talvez um grau de penalização. Finalmente tinhamos ainda os Prisioneiros de Guerra, que, segundo a Convenção de Genebra, e excetuados os oficiais, podiam ser obrigados ao trabalho. Isto geralmente faziam na lavoura, auxiliando na colheita. Muitos tinham até bastante liberdade. Já dos *Fremdarbeiter* muitos se sentiam bem à vontade e nem se mostraram dispostos a voltar aos seus países quando tudo terminou. Os ucranianos em sua maioria, se negaram, lembro bem, a voltar porque temiam as represálias dos soviéticos. Estes *Fremdarbeiter* tinham Carteira de Trabalho assinada, com fotografia, e registro no departamento competente – a própria TV alemã hoje está mostrando estes documentos quando fala em "trabalho escravo e vítimas do nazismo".

Por outro lado os soldados alemães que haviam sido feito prisioneiros pelos russos foram mantidos em cativeiro na Sibéria, onde eram obrigados a pesados trabalhos forçados durante longos anos após o término dos combates. Dos que sobreviveram os últimos foram libertados em 1956. Onze anos depois...

Pergunto-me, o que teria feito com que somente 54 anos depois dos fatos – ou mais até – as pessoas se lembrassem de que foram obrigadas ao trabalho escravo pelos nazistas, e agora passassem a reivindicar

indenizações? Como tantas outras, esta ação deve fazer parte duma estratégia cuidadosamente desenvolvida nestá guerra que nunca acaba.

Genocídio

A história da humanidade se nos apresenta encharcada de sangue. Ela nos dá conta de perseguições e genocídios praticados por tribos contra tribos, povos contra povos, nações contra nações, religiões contra religiões. Entre todas, uma das mais provadas pelo destino parece ser aquela comunidade que conhecemos por judeus. Tribos nômades na antigüidade, depois unificadas sob um só credo, não só se digladiaram entre si, como sofreram sérias provações sob o jugo de assírios, babilônios, persas e romanos. Sobreveio-lhes a diáspora, o desterro. Espalharam-se pelo mundo. Onde quer que se fixassem voltaram a ser perseguidos. Quando recentemente voltaram a ter um estado próprio, apenas uma parte para lá voltou. Mesmo assim, o pequenino Estado de Israel conseguiu defender-se brava- e vitoriosamente contra os ataques beligerantes dos países árabes que o cercavam e pretendiam lhe negar o direito de se assentar em seu território.

A outras culturas não foi reservada a mesma sorte. Astecas, Maias, Incas, índios norteamericanos, índios da América do Sul, para falar só desta parte do mundo, foram perseguidos, massacrados e extintos.

Os judeus sobreviveram a tudo, cada vez mais fortes. Seriam eles o "povo eleito"? A entidade divina deles seria melhor – ou mais forte – que a dos outros?

JUDEUS

A esta altura é interessante recordar o inusitado destino deste povo através de um pequeno resumo da sua História e das perseguições que sofreu:

Judeus/Povo de Israel: Trata-se de unidade social-religiosa, portanto não biológica.

Tipos: Sephardin (portugueses/espanhóis) – Aschkenasim

(alemães, russos, poloneses)

Originalmente um povo nômade que depois assentou-se na Palestina. Desenvolveu religião monoteísta. Separou-se em dois reinos: Judá e Israel. Subjugados pelos Assírios (722 a.C.). Passaram a províncias persas. Pressionados por reis sírios. Lutas libertárias (167 a.C.). Novo reino a partir 104a.C. - Subjugados pelos romanos (Pompeius - 63 a.C.). Em 4 a.C. transformados em província romana. Rebelião dos judeus em 66 d.C.

Diáspora: Iniciou-se com a destruição de Jerusalem pelos romanos (132-135). Grande parte dos retirantes foi para a Babilônia, onde já existia colonia judia ha mais de 500 anos. Espalharam-se para a Pérsia, Afeganistão, Buchara, Índia, China (Honan), Japão, Asia Menor, Cáucaso, Arábia, África do Norte. Muito antes já, quando Jerusalem fora conquistada (70) os prisioneiros judeus eram levados para Roma, Espanha e para a região do Reno e do Danúbio.

613 – Na Espanha. Início da discriminação que termina em 711 com o domínio dos Mouros.

1180 – Judeus foram expulsos da França. Chamados de volta em 1198 ,voltaram a ser perseguidos em 1298 e expulsos novamente em 1394.

1189 – Ricardo Coração de Leão combate os Judeus na Inglaterra.

1492 – Torquemada consegue da Rainha Isabella da Espanha um Decreto de Emigração, forçando 300.000 Judeus a deixar a Espanha, sem quaisquer recursos.

1496 – Manuel I. expulsa os Judeus de Portugal.

Na Alemanha é relatada a presença de J.desde os tempos romanos e o direito germânico não os prejudicava. A crescente influência da Igreja fez surgir o "Regulamento dos Judeus", cerceando seus direitos. Surgem os "Guetos" (o primeiro em Veneza/Itália), obrigação do uso de distintivos, tributos de tolerância. Devido aos seus talentos financeiros J. são elevados a "Serviçais da Camera Imperial" o que os torna cada vez mais odiados do povo espoliado , surgindo as expressões : "Judeus da

Corte" e "Judeus do Tesouro". Ao tempo da Cruzadas aconteceram antagonismos abertos e massacres de J. Em consequência J.alemães emigraram para a Lituânia, Polônia, Galícia e outros paises do Leste.

1794 – Início das restrições a J. na Rússia, seguidas de
1881 – campanhas de ódio e ataques a J.
1882 – "Leis de Maio" provocam a emigração dos J. da Rússia para a America (3 milhões em 25 anos), fazendo de Nova Iorque a maior comunidade judaica do mundo.

Cancelamento das restrições: Inglaterra no século 17; em 1776 USA; 1791 França; 1812 Prússia e em outros estados alemães até 1871; em 1874 Suissa; 1876 Espanha; 1910 Portugal e 1917 Rússia. Mas a partir da segunda metade do século 19 o "Antisemitismo" adquire conotações políticas na França e na Alemanha, provocando a criação da *"Alliance Israélite Universelle"* e do *"Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens"*.

1896 – Herzl publica em Viena o livro "O Estado Judeu" lançando as bases para a ideologia política do "Sionismo".
1897 – 1º Congresso Sionista Mundial na Basiléia
1902 – Primeira notícia de um livro russo editado em S.Petersburgo que transcreve "Os Protocolos dos Sábios de Sião".
1905 – 2a.Edição do livro acima e que foi registrada no British Museum em 1906 sob nr.3.926 D17. Em 1917 é publicada (Eyre & Spottiswoode Ltd) uma tradução inglesa sob o título *The Jewish Peril: Protocols of the Learned Elders of Sion* e, na mesma época, uma tradução alemã de Gottfried zur Beck *Die Geheimnisse de Weisen von Sion.* Na sequência houve publicações nos Estados Unidos, França, Polônia. A comunidade judaica contesta a autenticidade do livro.
1917 – Declaração do Ministro do Exterior inglês, Balfour, prometendo um "país lar" aos judeus.
1919 – Chaim Weizmann e Sokolov participam da Conferência de Paz (1a. Guerra Mundial) como negociadores sionistas.

1920 – Weizmann passa à presidência da organização sionista.

1933 – Hitler assume o poder na Alemanha. Suas idéias antijudaicas fazem com que 300.000 dos até então 500.000 judeus emigrassem.

10.11.38 – *Kristallnacht.* Início da terrorização dos Judeus na Alemanha. Lojas e empresas de judeus são boicotadas.

1939-45 – Grande número de judeus é confinado em campos de concentração.

Após término da guerra em 45 os soviéticos perseguiram a população restante de judeus (aproximadamente 2,5 milhões em 1957, segundo o *American Jewish Yearbook* 58) nos paises do leste sob seu domínio.

1948 – Inglaterra se retira da Palestina, até então ocupada, dando origem à proclamação do Estado de Israel e ao conseqüente conflito armado entre israelitas e árabes.

16

Manipulação da Mídia

Quanta gente já viu sua vida destruída através da difamação. É um expediente comum para atacar e desmoralizar adversários. Cuidadosamente engendrada, a injúria ja levou empresas à falência. Maldosamente encetada, acabou com casamentos, desfez famílias, decidiu eleições e pode derrubar políticos, ministros e até presidentes.

Em 29 de setembro de 1999 houve no Senado brasileiro um interessante pronunciamento do senador Artur da Távola em aparte a um discurso do senador Roberto Requião. Eis alguns trechos que corroboram o que acabo de dizer:

> *"Durante anos, tenho meditado no porquê dessa competição de segmentos da imprensa com o Parlamento. E cheguei à conclusão, senador Roberto Requião, de que realmente existe um disputa de poder nessa relação. O Parlamento tem poder, mas não tem força; a imprensa tem força, mas não tem o poder. (...) Ela, porém tem força pelo crescimento dos meios. Nós ficamos sem força gradativamente. (...) Nessa disputa, inevitavelmente, é necessária – por ser disputa – a desmoralização do Parlamento, porque, à medida que o Parlamento fica subordinado ao que pretende não o jornalista,*

mas a mídia como segmento de poder, evidentemente esta fará valer a vitória de sua ideologia."

Em maio de 1945 silenciaram as metralhadoras, as carabinas, os canhões, as bombas da IIa Grande Guerra Mundial, mas uma arma continuou a ser usada, agora unilateralmente: a Comunicação manipulada. A propaganda, visando a destruição da auto-estima, do orgulho próprio, da identidade nacional do alemão, continua até hoje e com sucesso incontestável. Neste tipo de campanha não há código de ética a ser respeitado e não existem escrúpulos, o atacado não tem como se defender e todos os meios são válidos.

No dia 19/11/97 leio nos jornais notícia distribuída de Washington através da AFP com o seguinte subtítulo:

Arquivo militar do Pentágono, de 62 a 64, revela manobras de desinformação destinadas a provocar a queda de Fidel Castro

Do longo texto da notícia quero reproduzir aqui um parágrafo:

(....)Para prejudicar a imagem de Castro ante os próprios cubanos, os militares planejavam falsificar fotos destinadas a elaborar panfletos, apresentando o lider cubano como um homem obeso, cercado de mulheres e desfrutando refinados banquetes.(...)

Se contra a pequena Cuba, além de bloqueios econômicos, cogitou-se o uso de tais instrumentos, o que não poderia se esperar ter sido feito contra o arqui-inimigo Alemanha. Tivessem usado e abusado disto apenas durante uns tempos, tudo bem, seria a "verdade dos vencedores", tática tradicionalmente utilizada para completar o serviço e higienizar a própria imagem. Mas o retrato do alemão, que passou a ser divulgado, tão escandaloso, e a persistência da campanha por tão longo

tempo, são, por si só, motivos para que se coloque em dúvida a veracidade do seu conteúdo e a correção dos seus propósitos. Talvez a idéia é seguir o velho adágio: Basta repetir uma mentira por muito tempo para que o próprio autor acredite nela.

Os autores da campanha contra a Alemanha foram favorecidos pelo advento da televisão. É mais fácil divulgar mensagens que contenham elementos imprecisos ou contraditórios através da imagem fugaz, associada à palavra volátil. O jornalista, redator da palavra impressa, é mais consciente e cioso da sua independência. Tive muitos contatos com jornalistas. Eu era responsável pela aplicação de respeitável verba de publicidade, mas sempre tratei os jornalistas com luva de pelica, pois sabia que querer exercer qualquer tipo de influência podia ter resultados negativos ou indesejados. Quando utilizada na campanha, a mídia impressa pode trazer informações conflitantes numa mesma página, como mencionei no capítulo anterior a respeito do número de vítimas em Auschwitz.

A televisão, o maior veículo de comunicação de massas, mostrou ser a mídia ideal para divulgar as mensagens de destratação do alemão. Veja-se um exemplo recente da diferença entre o que é dito numa TV e num jornal. Ambas as notícias se referem ao pronunciamento do Papa polonês João Paulo durante sua visita à cidade de Danzig/Gdansk no dia 6/6/99.

A TV estatal alemã *"Deutsche Welle"*, de alcance international via satélite, com programação em três idiomas, alemão, inglês e espanhol, um veículo sem dúvida "alinhado" com os mentores da campanha, informa em seu noticiário do dia:

> *O Papa evocou a memória de 300 padres poloneses assassinados pelos nazistas".*

O jornal Gazeta do Povo do dia seguinte, 7/6/99, informa:

> *Em 1939, recordou o Papa, vinte e quatro heróicos sacerdotes,*

professores do grande seminário e funcionários do arcebispado, mostraram sua fidelidade a serviço do evangelho com seu sacrifício de sofrimento até a morte.

Outro exemplo de alteração sutil, porém eficiente, da informação e que tem origem na televisão estatal alemã:

Nos dias 22, 23, 24, 28, 29 e 30 de abril de 1998, portanto 53 anos após término da guerra, a TV-Cultura do Brasil apresenta uma série denominada "OS HOMENS DE HITLER". Trata-se de uma produção da *ZDF* (TV-estatal alemã), adaptada ao público brasileiro.

No capítulo sobre GOEBBELS é apresentado um trecho de documentário que o mostra discursando no *Sportpalast*, anunciando a »Guerra Total«. Isto foi depois da batalha de Stalingrado, conseqüentemente em 1943. A certo ponto acontece a seguinte sequência:

Goebbels:

*"Deutschland hat jedenfalls nicht die Absicht, sich dieser jüdischen Bedrohung zu beugen, sondern, vielmehr die, ihr rechtzeitig und auch vollkommen *** und radikalste *** Ausbreitung des Judentums entgegenzutreten".*

A fala é acompanhada pela legenda em português:

"Em todo caso a Alemanha não tem a intenção de se curvar a essa ameaça judaica, mas, sim, opor-se a ela, se necessário com o total *** e mais radical *** extermínio do judaísmo".

A tradução correta seria: "Em todo caso a Alemanha não tem a intenção de se curvar a essa ameaça judaica, mas, sim, a de tempestiva- e totalmente *** e mais radical *** opor-se à expansão do judaísmo."

Em seguida em "off" um locutor da edição diz em alemão:

"Ausrottung..."

sendo interrompido pela locução em português:

"Extermínio do judaísmo..."

No áudio do discurso faltam palavras. Onde se vê *** houve cortes na edição, pois, ao contrário do que acontece na legenda em portugês, no alemão observa-se total falta de concordância, o que certamente não ocorreria a um orador experiente como Goebbels.

Na legenda em português verifica-se uma falsificação grosseira das palavras do discurso. Goebbels diz *"Ausbreitung"* = expansão, mas é traduzido como "extermínio".

Da locução em alemão na sequência não se sabe como continuaria a frase interrompida depois do *"Ausrottung..."*, porém a locução em português vem reforçar o erro de tradução anterior, quando fala do "Extermínio do judaísmo".

Conclui-se: A tradução da palavra *Ausbreitung* = "Expansão" por uma de sentido oposto, ou seja, "Extermínio" = *Ausrottung* na legenda em português, bem como sua associação na locução em alemão, parecem atitudes intencionais e são por demais significativas, porque dão a entender que ali estava se anunciando ao público presente àquela manifestação e aos rádio-ouvintes alemães a intenção de uma matança geral de judeus. Uma falsificação engenhosa que, desvendada, deixa claro seus objetivos. Alterando uma pequena palavra deu-se um significado totalmente diferente à cena. A detecção só foi possível, porque casualmente gravei o programa a pedido dum amigo.

O cinema é outro veículo de comunicação apropriado para transmitir uma mensagem sem passar recibo. O expectador já vem predisposto a assimilar o conteúdo. Escolheu o título, locomoveu-se até o cinema, pagou ingresso, ou, então, simplesmente acomodou-se à frente da TV, em qualquer caso disposto a ver e ouvir o que lhe será apresentado. Daí recebe uma seqüência de imagens em movimento, as quais, em combinação com som e palavras, tem extraordinário poder de persuasão e de registro na mente de quem as assiste. Mas não deixam rastro como a palavra escrita, que exige do leitor uma análise mais consciente para ser absorvida.

Hollywood produziu neste meio século um sem-número de filmes sobre a IIa Guerra Mundial, na maioria despretensiosos, mas sempre mostrando o alemão abobalhado, desengonçado, brutal, maldoso. Em síntese: o mau. É um filão que fascinou cineastas também de outros países. No Brasil o filme "Aleluia, Gretchen" deu aos nazistas tupiniquins o perfil e colorido ditado pela Meca do cinema mundial. Mas isto foi apenas "pára-quedismo". Embarcaram na onda. Foram outros os celulóides que formaram o poderoso núcleo desta campanha de pós-guerra.

Uma rede de televisão brasileira vem repetindo ano a ano a apresentação da série "Holocausto". Outro cavalo de batalha é a "Lista de Schindler" .

Mas existem maneiras, quase que subliminares, de distribuir a mensagem. A televisão alemã produziu e apresentou um minisérie denominada *"Marleneken"* com um enredo que se passa durante a guerra. Nada demais, só que em determinado momento mostra uma cena em que acontece uma distribuição de roupas usadas à população. Roupa era produto escasso, como já mencionei. A protagonista principal fica feliz com a conquista duma bela blusa, até que descobre que aquilo tudo tinha vindo de campos de concentração, roubado de judeus que não mais precisariam de vestimentas. Pois bem, eu, como contemporâneo bem alerta para possíveis fontes de produtos escassos, posso assegurar que em Hamburgo, cidade duramente castigada, nunca houve este tipo de distribuição de roupas. Quem vai dizer isto aos milhares de expectadores que viram o filme?

Outro elemento importante da campanha é a identidade que conseguiu estabelecer através dos anos entre "nazista" e "alemão". Mesmo quando acusam algum croata ou ucraniano (eram aliados do Eixo) de alguma coisa que teria acontecido naqueles tempos nunca esquecem o qualificativo de "nazista", por conseguinte "alemão" para o grande público.

Sempre existiram os inconformados, os rebeldes, os anarquistas. Sua associação em bandos, formando as temidas "gangues", também é comum. Sempre escolheram símbolos, tais como a caveira ou o diabo, capazes de aterrorizar as pessoas. Pelo mesmo motivo vestem-se

ou caracterizam-se de forma diferente. A cabeça raspada lembra a imagem sombria do criminoso (que, quando preso, tinha os cabelos raspados para evitar os piolhos). É claro que estes *skin heads* hoje em dia se enfeitam com a suástica e dizem ser discípulos de Hitler. É mais do que lógico que busquem se identificar com o inimigo público número 1, e, conseqüentemente, são classificados e chamados de "neonazistas". Na verdade nada representam de ideológico ou de político, como o são ou foram os movimentos nacionalsocialista, fascista, falangista, integralista ou comunista. Mas cada ação destes baderneiros e terroristas é bem vinda à campanha de difamação do alemão.

Existem outras formas de alimentar a campanha, como se pode ver pelo caso do jornalista Michael Born. Em dezembro de 1996 a agência AE-Reuters distribuiu a seguinte notícia:

> **Documentários falsos dãocadeia a jornalista de TV**
> *Koblenz (AE-Reuters) – O jornalista da televisão alemã, Michael Born, foi setenciado ontem a quatro anos de prisão por 17 ofensas criminais, incluindo fraude e incitação de violência racial. Born, 38 anos, vendeu a emissoras de televisão alemãs e suiças 32 documentários falsos sobre protestos e manifestações de grupos racistas, além de tiroteios, contrabando de drogas e fabricação de bombas caseiras que jamais aconteceram. No julgamento, Born declarou-se culpado das acusações, mas defendeu-se dizendo que apenas dava às emissoras "o que elas pediam". O jornalista afirmou ainda que vários dos executivos que compraram seus documentários sabiam que alguns dos trechos dos programas não eram autênticos. (...)*

A notícia ainda discorre sobre os compradores, sobre o quanto Born ganhou, sobre advertências do juíz, mas silencia sobre o conteúdo dos tais

documentários. As falsas cenas representavam reuniões e ações de grupos de pessoas vestindo uniformes nazistas, com suástica e tudo. E tais cenas não foram apresentadas somente na TV alemã e suiça. Apareceram na imprensa mundial, mostrando que o alemão, aparentemente, é incorrigível.

Por outro lado os que buscam uma revisão dos conceitos históricos, ou os que poderiam contribuir para tanto, são totalmente ignorados pelos veículos de comunicação de massa. São obrigados a se limitar aos livros e, ainda assim, sofrem perseguições, como relata uma notícia de outubro de 1990. Informa ela que um juíz de Porto Alegre, RS, expediu mandato de busca e apreensão de uma série de livros, de diversos autores, entre eles até um brasileiro de méritos indiscutíveis: Gustavo Barroso. Apoiou-se o juíz na Lei 8.081, de 21 de setembro de 1990, que prevê pena de um a cinco anos de prisão "por incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, religião ou etnias através de publicações ou meios de comunicação". Há que se perguntar: filmes como "Holocausto" não incitam à discriminação e ao preconceito de etnias? Quanto não sofrem crianças até hoje no seu cotidiano nas escolas brasileiras só porque tem cara ou nome de alemão?

Também acontece de aparecer um dissidente entre as próprias fileiras dos difamadores. Aí é rapidamente ridicularizado e sua saúde mental posta em dúvida.

Foi o caso de Roger Garaudy, teórico francês, ex-filósofo do Partido Comunista francês, um dos cardeais da esquerda internacional. Em 1996 ele publicou um artigo na revista *"La Vieille Taupe"*, considerada de extrema direita, no qual denuncia o processo de Nuremberg "como um julgamento de vencedores", classifica o filme *"Shoah"* de Claude Lanzmann, um documentário sobre o Holocausto, como "uma novela cheia de invenções". Diz ainda que o diário de Anne Frank é um "documentário mentiroso a serviço do *Shoah business*" e que o Holocausto "não passa de um mito". Garaudy produzira vasta obra sobre marxismo, sobre cristianismo e islamismo, foi um dos articuladores do diálogo entre teóricos cristãos e marxistas, tendo vários livros também publicados no Brasil, um deles com prefácio do teólogo brasileiro Leonardo Boff. Garaudy, este corifeu da

literatura progressista, antes tão admirado, caiu em desgraça junto à mídia internacional. O jornal O Globo pergunta se a crise que o homem atravessa "seria ideológica ou psicológica". Um tal MRAP- Movimento Contra o Racionismo(!) e Pela Amizade Entre os Povos abriu processo contra Garaudy com base na Lei Gayssot (de 13/7/90) que estabelece punições para os casos de negação dos crimes contra a humandidade.

Nesta guerra que não acabou os adversários da Alemanha não desprezam qualquer meio que sirva á comunicação. Um público alvo muito importante são os escolares e estudantes. Lembro mais uma vez o livro de Daniel Goldhagen intitulado "Os carrascos voluntários de Hitler". O livro que defende a tese da culpabilidade de todos os alemães, não apenas da *SA* e *SS*, no Holocausto. Ele parte da premissa da desastrosa inclinação dos alemães pelo militarismo e racismo e acredita que qualquer alemão, mesmo o mais pacato chefe de família, era capaz de espancar, degradar e assassinar um judeu. Com isso tenta isolar a Alemanha no contexto do secular processo de perseguição que esta comunidade religiosa tem sofrido pelo mundo afora. Do militarismo já falei em capítulo anterior, só restando completar que nenhuma nação travou tantas guerras quanto a britânica, passando agora a sofrer a concorrência dos Estados Unidos. Quanto ao racismo convém lembrar que em 1960 ainda muitos estados americanos proibiam o casamento entre brancos e negros. Por que, quando se fala em racismo, discriminação, sempre é o alemão o lembrado? Veja-se o que está acontecendo nestes nossos dias, quase no século XXI. Croácia, Cosovo, Chechênia... Onde está o destaque referente ao cidadão ocidental (por acaso alemão) Hofer, preso em 1998 no Iran, acusado de manter relações sexuais com mulher muçulmana e condenado à morte por apedrejamento? (A sentença acabou sendo revista dois anos depois por interferência do governo alemão).

Vi o Daniel Jonah Goldhagen promovendo seu livro em entrevista na TV alemã. Tinha então talvez uns trinta e poucos anos, historicamente um menino, mas é Professor de Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Harvard. Calcule-se a influência que tem este homem na opinião pública mundial.

As universidades também não hesitam em se envolver diretamente na campanha. Acaba de chegar às minhas mãos um folheto que apresenta como título os dizeres: »HOLOCAUSTO: SER TESTEMUNHA« tendo como fundo uma destas fotografias desfocadas, aparentemente tétricas. O texto é dividido em 11 capítulos começando com um apócrifo da "ideologia nazista" e em seguida se dedica ao calvário dos judeus, não esquecendo as câmaras de gás camufladas de chuveiros. O folheto é assinado pela Universidade Tuiuti do Paraná / Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes / Curso de História e tem o patrocínio dum *Shopping* e da BIBLIOTÉCA PÚBLICA DO PARANÁ. Roteiro elaborado pelo professor de sobrenome FELDMAN da UTP. Também no verso há uma referência ao Curso de História da UTP em meio a qual diz: "O aluno do curso de História tem como função desenvolver a análise crítica dos conteúdos, dedicar-se à pesquisa e oferecer(!) assim possibilidades múltiplas para a compreensão da sociedade contemporânea." A troca do verbo "obter" por "oferecer" demonstra que o redator pouco se preocupou com uma análise crítica dos conteúdos. Mas, pergunta-se, qual o acesso que o estudante tem a uma multiplicidade de informações que realmente lhe permitam discernir e desenvolver análise crítica? Para ele só existe uma fonte de informação e esta já o condiciona antes de entrar na faculdade, através de folhetos como este. Aqui também cabe a indagação: Por que ninguém denuncia esta universidade com base na Lei 8.081, de 21 de setembro de 1990?

Toda boa campanha tem que ter símbolos, bandeiras. Uma destas bandeiras é o "Diário de Anne Frank". É, certamente, e apesar de ter sua autencidade contestada, um dos livros mais promovidos do mundo, senão o mais promovido, considerando os cinqüenta anos que é mantido nas prateleiras. Não o li, nem pretendo fazê-lo, mas pergunto: Não existiram centenas de milhares de crianças vítimas de tragédias? Por que não há um livro duma Marianne Müller, que tenha sobrevivido ao horror dum bombardeio, assistindo seus pais sucumbirem no fogo qual tochas humanas? Ou duma Annemarie qualquer relatando os sofrimentos de quem viu a família dizimada em outra cena de terror, na qual o causador não tenha

sido exatamente um alemão? Se tivessem sido escritos, talvez não teriam sido editados. Se editados, teriam sido esquecidos no fundo das prateleiras.

A guerra continua, agora reforçada por novo e arrasador veículo de comunicação, a Internet. No dia 23.11.98 os jornais publicaram notícia distribuida pela Reuters, da qual reproduzo os trechos abaixo:

Inernet mostra histórias do Holocausto

Los Angeles (AE-Reuters) – Em um local secreto de Los Angeles, a Fundação Sobreviventes da História Visual do Shoah começou a tornar acessíveis na Internet videoteipes de testemunhos de dezenas de milhares de sobreviventes do Holocausto.

Com equipamentos de vídeo e computador avaliados em US$ 15 milhões doados por companhias como a Sony e a Silicon Graphics, e livre acesso a uma rápida rede de fibras óticas que vale milhares de dólares, a primeira de futuras 100 mil horas de testemunhos oculares do genocídio nazista está sendo distribuída inicialmente para apenas alguns depositários nos Estados Unidos e Israel.

"Nós queremos tornar este material acessível de modo que qualquer pessoa tenha acesso virtual instantâneo a ele", disse Michael Berenbaum, diretor executivo da fundação que foi criada por Steven Spielberg com os lucros de seu filme sobre o Holocausto, "A Lista de Schindler".

(...) O primeiro CD-ROM produzido com histórias orais gravadas pela fundação foi lançado recentemente em Nova Iorque.

(...) "Esta é a mídia com a qual os jovens estão mais familiarizados. Eles absorvem mais. Sinto que este é o futuro

de toda a educação no século 21", disse Spielberg sobre o CD-ROM.

(...) O primeiro dos cinco depositários conectados ao arquivo é o Centro Simon Wiesenthal em Los Angeles. Ano que vem o arquivo estará acessível no Arquivo em Vídeo Fortunoff da Universidade de Yale e nos museus do Holocausto de Washington, Nova Iorque e Jerusalem. O material, que também será usado para fazer documentários e softwares educacionais, está sendo apresentado a escolares antes de ao público geral.

(...) "Nosso arquivo é de 150 tetrabytes" (...) "Isto é o equivalente a 150 mil gigabytes ou 100 milhões de disquetes!".

Realmente, quanta força, que potencial por trás de todas estas iniciativas. O que restará do povo alemão quando esta guerra acabar? O incompreensível nisso tudo é que o adversário já está no chão de há muito, totalmente derrotado, subserviente, beijando a mão de quem o flagela. Ainda recentemente um cidadão alemão, filho de um oficial da *SS* que foi morto pelos *partisans* iugoslavos, disse-me que hoje se sente muito mais um europeu que alemão. Perdeu sua identidade nacional.

O alemão é hoje um povo doente. Muito doente. Enquanto todas as nações buscam honrar suas forças armadas, enquanto chefes de estado, em visita a outro país, depositam coroas de flores junto aos monumentos do "Soldado Desconhecido", um tal *Hamburger Institut für Sozialforschung* – Instituto Hamburgês de Pesquisa Social – montou em 1995 na Alemanha uma exposição itinerante sob o título "Guerra de Extermínio, Crimes da *Wehrmacht*, 1941-44". Depois de receber 860.000 visitantes a mostra foi agora fechada, por ter sido possível identificar que várias fotos expostas não representavam o que suas legendas diziam. O historiador militar Jörg Friedrich comentou: "Pegaram qualquer foto dos arquivos onde aparecia um soldado alemão junto à uma montanha de cadávares. Segundo a concepção dos expositores todo soldado alemão é

um *Killer* e não imaginaram que ele poderia estar ao lado de vítimas do estalinismo, isto porque Extermínio lhes parece ser uma especialidade alemã."

Era este o objetivo dos que querem discriminar o povo alemão? Por que continuam batendo? Ou é muito ódio, ou existem interesses muito estranhos nos bastidores.

Em 1998 o escritor alemão Martin Walser foi agraciado com o maior prêmio anual da literatura alemã. Na homenagem que lhe foi prestada discursou diante de seleta assistência e das mais altas autoridades do país, incluindo Ignaz Bubis o então presidente do Conselho Judaico da Alemanha. Ousou dizer que estava na hora de parar, que "Auschwitz não se presta a virar rotina de ameaças, meio de intimidação aplicável a todo momento ou borduna moral". Palavras tímidas que provocaram grande reboliço. Bubis chamou-o de "Incendiário Mental".

O que vem sendo feito com o povo alemão é um linchamento mental.

17

O fim

Começara o ano de 1945. Evidentemente sem festas, sem *réveillon*. Fogos, sim. Na noite de São Silvestre mais 500 aviões britânicos atacaram Hamburgo. Pouco antes da meia-noite caíram as primeiras bombas. Depois de pequena pausa no início do mês nossa destruída cidade voltaria a sofrer bombardeios a partir da segunda quinzena de janeiro. Para nós este começo de ano foi especialmente tenso. Sabíamos do meu pai lá em Cracóvia e angustiados acompanhavamos o noticiário do *front* dizendo que os soviéticos se aproximavam daquela cidade. Telefone? Nem pensar. De repente lá estava ele a nossa frente em carne e osso. Havia pego o último trem que saira em direção a Berlim, donde conseguiu prosseguir até Hamburgo. Parece coisa fácil, mas naquele tempos precisava-se de passes ou salvo-condutos para viajar. Durante a viagem aconteciam controles. A polícia do exército queria saber porque um homem com idade convocável – recentemente passara à faixa de 16 a 60 anos – andava ali a paisana. Tinha dado um jeito, nisso meu pai tinha um talento sem par. O importante era que voltara a estar conosco.

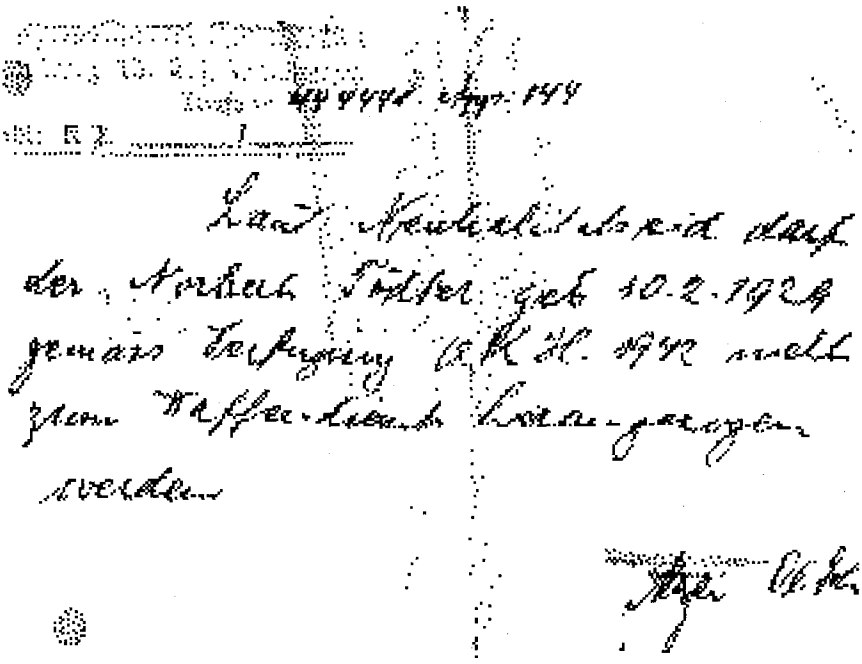
Enquanto isto nós jovens tínhamos que cavar trincheiras, preparando a cidade para o momento em que iria virar linha de frente. Os exércitos aliados se aproximavam da fronteira oeste do país. Havia ordem expressa de Hitler de que cidade alguma deveria se entregar sem luta. Nossa tarefa não era fácil. Era inverno. O chão duro do frio. Foram-nos designadas esquinas consideradas estratégicas no nosso bairro e cada um trazia a ferramente que pudesse arranjar, picareta, pá ou cortadeira. As trincheiras eram apenas curtas, porém profundas valas onde pudessem se

abrigar equipes munidas da famosa *Panzerfaust*. Esta arma, eficaz no combate a blindados, mais tarde se tornaria conhecida como *bazooka*. Não demoraria muito para que eu próprio chegasse a conhecê-la.

A convocação foi entregue em casa e era clara e insofismável: Eu tinha dois ou três dias de prazo para me apresentar em Bad Segeberg, pequena cidade a leste de Hamburgo, afim de ser incorporado a uma companhia do *Volkssturm*. Eram as unidades que estavam sendo formadas às pressas com os jovens e velhos, que antes estavam livres da convocação.

Lá passei uma semana sob o comando do *Oberfeldwebel* Fick, Primeiro Sargento, tinha uma perna mecânica, ferido que fora na fente oriental. Era um sujeito camarada e, apesar da deficiência, não media esforços pessoais no treinamento que nos administrava. A arma em que eramos treinados era justamente a citada *Panzerfaust*. Um dia uma delas disparou acidentalmente num dos alojamentos e pregou na parede um dos nossos companheiros.

Mesmo que não fosse por esta experiência era evidente que ninguém mais tinha ânimo e disposição para participar desta guerra perdida. O cerco estava se fechando, fronteiras a leste e oeste transpostas pelo inimigo. Foi quando nos deram um dia livre, a fim de que fossemos à Circunscrição Militar em Hamburgo, ao *Wehrmeldeamt*, e recebêssemos o nosso *Wehrpass*, ou seja a carteira, a identificação militar. Fui atendido por um Cabo, um senhor de cabelos totalmente brancos, um homem que não vou esquecer. *Oberschütze* Meyer. Inventei a história do "juramento de neutralidade" que eu teria prestado durante a viagem de navio do Brasil para a Alemanha em 1942. Pois o homem teve muita boa vontade, topou na hora, apesar de ser evidente que eu não podia ter prestado juramento algum. Emitiu o certificado , segundo o qual »Conforme Juramento de Neutralidade o Norberto Tödter, nasc. em 10.2.1929, de acordo com o decreto do Alto Comando do Exército 1942 não pode ser convocado para o serviço armado«. Assim mesmo, sem data e com assinatura de um simples cabo do exército. Eu estava livre. São os caprichos do destino. Tivesse sido outro, do lado de lá do balcão, quem sabe onde eu estaria hoje.



Alguns meses antes o destino também já tinha ativado alguns códigos na programação da minha vida. Desde o verão passado eu estava namorando a bela e loira menina Ingrid. Morava com seus pais no nosso bairro de Tonndorf, na casa de sua avó, desde que tinham perdido tudo durante a Hecatombe de julho de 43. Ainda era um namoro descompromissado e então ninguém diria que nos era reservada a felicidade de ainda estarmos juntos hoje, 55 anos depois, quando escrevo estas recordações.

Em fins de abril o II Exército britânico tinha cercado Hamburgo. Segundo rumores, Himmler teria feito proposta de capitulação aos americanos e ingleses, e que fora rechaçada por ter excluído a União Soviética. Mussolini, com mais 17 companheiros, tenta transpor a fronteira para a Suiça, mas é capturado por *partisans* italianos. Um tribunal de exceção os condena à morte. São imediatamente fuzilados e seus cadáveres

expostos em praça pública, pendurados pelos pés. À noite do die 1. de maio a rádio alemã transmite a seguinte notícia:

O Führer tombou em combate

Quartel General do Führer, 1.de maio de 1945 – O Führer morreu pela Alemanha nesta tarde no seu posto de comando na Chancelaria do Reich lutando até o derradeiro instante contra o Bolchevismo.

O Almirante Dönitz falou, dizendo ter sido nomeado pelo *Führer* como seu sucessor e que o seu único objetivo agora era continuar a luta armada contra o inimigo bolchevista. Enquanto britânicos e americanos o obstassem a defesa e o combate contra eles teria que continuar. Pediu que fossem mantidas ordem e disciplina nas cidades e no campo.

No dia seguinte em edição especial o único jornal subsistente em Hamburgo publicou a notícia e a alocução em página única. Também trazia uma conclamação do *Gauleiter* de Hamburgo, Karl Kaufmann:

Companheiros do Partido, companheiros do povo!

É a pior hora para o nosso povo quando somos alcançados pela notícia de que o nosso Führer morreu em combate na capital do Reich. O que ele significou para nós velhos nacionalsocialistas, o que ele aspirou para o seu povo, isto algum dia a História contará. O que ele nos deixa é a idéia imorredoura do Reich nacionalsocialista, e ao que somos compromissados é manter a fidelidade a este povo nestes tempos de sua maior penúria e trabalhar, viver e morrer por este

povo.
Nesta hora dirijo a vocês, Hamburgenses, meu pedido caloroso: Depositem seu destino e futuro confiantemente, como até hoje, em minhas mãos, sigam-me com crença e disciplina inabaláveis neste pesado caminho pelo qual irei até o fim pelo bem da cidade, que me foi confiada, e de seus habitantes.

O *Gau* era como o então regime denominava as áreas administrativas nas quais dividia o país , como se fossem Estados ou Comarcas. Um *Gauleiter* equivalia ao que conhecemos como Governador e, sem dúvida, era um cargo de primeiro escalão. Karl Kaufmann gozava de alto prestígio e era muito querido entre os hamburgenses. Transmitia a imagem de uma homem íntegro, competente e do jeito próprio que o alemão do norte gosta, reservado, coerente e fidedigno.

Foi ele também que transmitiria na noite do mesmo dia, 2 de maio, através do rádio a notícia de que declarara Hamburgo "cidade aberta", ou seja, ela não seria defendida. O texto do seu comunicado foi publicado no dia seguinte em edição extra, novamente pelo único jornal em primeira e única página:

Hamburgenses!

Após luta heróica, após esforços incansáveis buscando a vitória alemã e sob sacrifícios imensuráveis o nosso povo sucumbiu honrosamente a um inimigo numerica- e materialmente superior.
O inimigo se prepara para ocupar o Reich e está às portas da nossa cidade. Unidades das forças armadas e do Volkssturm enfrentaram valentemente a supremacia do adversário fora dos limites urbanos. Os hamburgenses cumpriram o seu dever de forma inabalável, seja nas frentes de combate, seja no solo

pátrio; com tenacidade e sem se abalar vocês suportaram o que a guerra lhes exigiu.

O inimigo está prestes a atacar Hamburgo pelo ar e por terra com sua enorme superioridade. Para a cidade e seus habitantes, para centenas de milhares de mulheres e crianças isto significa morte ou destruição das últimas possibilidades de subsistência. O destino da guerra não mais pode ser mudado; porém o combate dentro da cidade significa seu total e insensato aniquilamento.

Quem achar que sua honra militar exige a continuação da luta pode fazê-lo fora da cidade. A mim, entretanto, conhecedor das circunstâncias e sabendo da minha responsabilidade perante a nossa Hamburgo, o coração e a consciência ordenam preservar suas mulheres e crianças de um absurdo e irresponsável extermínio.

Sei o que estou assumindo. Submeto o julgamento desta decisão tranqüilamente à História e a vocês.

Hamburgenses! Todo o meu trabalho e preocupações sempre pertenceram a vocês e à nossa cidade. Isto assim permanecerá até que o destino me dispense.

Esta guerra é uma catástrofe nacional para nós e uma desgraça para a Europa. Seja isto reconhecido por todos os responsáveis.

Deus proteja o nosso povo e o nosso Reich!

Karl Kaufmann

Reproduzi aqui estas palavras de um homem que pertencia à elite do partido, para que o leitor possa ver que não se tratava de um bando de arrivistas inescrupulosos, cruéis e insensíveis, como tem sido retratados ao longo dos anos. Longe de mim querer absolvê-los todos de qualquer culpa e responsabilidade. Eram, creio eu, ao contrário do propalado, humanos e, como tal, falíveis. Certamente havia entre eles os

maus, os mal-intencionados, como existem e sempre existiram em qualquer agrupamento, até mesmo entre os religiosos. Estou convencido de que muitos, senão a maioria, daqueles nacionalsocialistas eram movidos por um ideal. Pobre da sociedade em que não houver mais idealistas. São eles os que tem transformado o mundo, mas são cada vez mais raros. Ideais são substituídos pela ganância. No Reich havia uma moeda de prata de 5 Marcos em cuja borda estavam gravados os dizeres: *"Gemeinnutz geht vor Eigennutz"* ,ou seja o benefício comum tem preferência sobre o proveito individual. Hoje esta ordem se inverte. Entre os políticos, nos governos, nas entidades eclesiásticas estouram escândalos de corrupção e de má conduta. Quanto mais melhor, pois assim são rapidamente esquecidos, quando surge a próxima revelação.

O que mais surpreende nesta campanha contra os nazistas é a absoluta falta de acusações de corrupção aos então detentores do poder. Houve esforços no sentido de mostrar o luxo em que vivia Göring, destacando sempre o seu iate *"Karin"* que, diga-se de passagem, não mereceria grande atenção se ancorado hoje numa marina dos Iate Clubes ocidentais. De fato Göring casou com mulher rica. E os outros? Onde estão as mansões, os palacetes de veraneio, os talheres de ouro, as galerias de arte dos Goebbels, dos Speer, Dönitz, Hess, von Neurath, von Ribbentrop, Raeder, Rosenberg, von Schirach, Seys-Inquart, Bormann, Ley, do Kaufmann, acima citado e de tantos outros, sem falar dos altos comandantes das forças armadas. Se tivessem existido com certeza teriam sido mostrados *ad nauseam* para que todos vissem quanto eram desprezíveis aqueles homens do governo daquela Alemanha "imperialista e assassina".

Quais teriam sido os verdadeiros ideais daqueles "nazistas"? Segundo um discurso pronunciado por Hitler por volta de 1935/36 o que queriam era *"Ein einzig einig deutsches Volk und eine Nation ohne Klassen und ohne Stände"*, ou seja, "Um único povo alemão unido e uma nação sem classes e castas". Creio que qualquer jovem estudante de hoje, medianamente motivado em termos políticos, subscreveria as mesmas reivindicações para a sua própria pátria. Seria tão absurdo querer que uma cidade como Danzig (Gdansk), que tinha alemães perfazendo 96% dos

seus habitantes, fosse reincorporada à Alemanha? E em qualquer país não haveria uma imensa maioria apoiando a idéia de reduzir as diferenças de classes estabelecendo uma melhor distribuição de rendas? É justo termos hoje sindicatos poderosíssimos enquanto a pobre da balconista duma lojinha de roupas nem sabe o que seja isso? Não é o corporativismo, representando verdadeiras castas intocáveis, que está evitando que a contravenção ou a corrupção sejam combatidas e não é ele a razão para que uns ganhem cada vez mais e outros cada vez menos? Não existem hoje os "mais" e os "menos iguais perante a lei"?

Não estou afirmando que aquele sistema de governo, o dos nacionalsocialistas, seja o melhor. Um dos seus defeitos é, certamente, o de que tenderia a eliminar a individualidade. Mas o nosso regime democrático não está trilhando o mesmo caminho? Parece que não está longe o dia em que não haverá mais indivíduos sobre a Terra. Os homens serão números, devidamente codificados e armazenados num gigantesco cérebro eletrônico que controlará todas as suas ações. Restarão indivíduos, sim, à frente do grande teclado.

A teoria do Marxismo também não resistiu quando se tentou sua aplicação prática. Ou será que lhe restam ainda esperanças naquele misterioso país do oriente? A China operou milagres. Tida em meados do século como tumor maligno do mundo, devido ao seu crescimento populacional, conseguiu assumir o controle da situação e está lá, trabalhando em silêncio.

Um exercício mental interessante, para todos aqueles que tem alguma noção da evolução econômica e social que se processou na Alemanha naqueles seis anos de 1933 a 39, é tentar imaginar o que seria hoje daquela nação se não tivesse se envolvido, ou sido envolvida, na 2a. Guerra Mundial.

A execração, a diabolização da suástica e de tudo que se relacione com o sistema nacionalsocialista é, ao meu ver, um grande erro que está se cometendo. Está se impedindo uma análise imparcial do que aconteceu e do que foi feito naquele período, para que se aproveite o que houve de bom e positivo. Conhecendo-se os erros e acertos do passado

poderia se construir um futuro melhor. A impressão que resta é que se quer manter aqueles tempos como buraco negro da nossa História.

Um exemplo recente é bastante elucidativo. Houve eleições gerais na Áustria. Emergiu como segundo mais forte partido daquele país o *FPÖ - Freiheitliche Partei Österreichs*, conquistando cerca de 28% do eleitorado. O partido é liderado por Joerg Haider que tem demonstrado um perfil nacionalista e é considerado de direita. Porém o maior pecado de Haiderl aos olhos da mídia internacional é o de ter dito que o *3º Reich* teve um boa política de emprego e que os homens da *SS* tinham caráter e eram decentes. Quase um terço dos austríacos concordou e o resultado alvoroçou o mundo. O Estado de Israel ameaçou romper as relações diplomáticas com a Áustria e nova enxurrada de relaeses antinazistas voltou a ser propagada pelas TVs do mundo.

Eu estava descrevendo os momentos em que Hamburgo fora declarada "cidade aberta". No mesmo comunicado o povo era conclamado a enfrentar condignamente a situação e evitar manifestações com bandeira branca ou semelhantes. As demissões eram proibidas. Tentar-se-ia manter a administração da cidade, bem como o suprimento com água e energia elétrica e os meios de transporte. Pedia-se calma à população. Durante toda a manhã do dia 3 eramos avisados pelo rádio que a partir das 13 horas era terminantemente proibido sair ás ruas. Um amigo me avisou que os enormes depósitos de suprimentos do exército, localizados no nosso bairro, estavam desguarnecidos. Fomos até lá e realmente não encontramos viva alma. Mas os galpões também estavam vazios. Num canto ainda descobrimos uma boa quantidade de rações de emergência. Para nós era novidade, tijoletes prensados de uma mistura de aveia, grãos, mel ou melado e pedaços de frutas. Hoje estão à venda em todos os supermercados. Foi um achado de boa ajuda nos anos de fome a que a população a partir de então foi submetida.

No caminho para casa outra notícia: Os depósitos das casernas *Estorff* e *Lettow-Vorbeck* tinham sido franqueados ao povo. Correndo, peguei minha bicicleta e fui para lá. Aquilo estava em ebulição.

Parecia um formigueiro, mesmo assim tudo em ordem, sem disputas. A lição de solidadriedade que guardo destes tempos é das mais significantes. Consegui carregar minha bicicleta com um monte de coisas. Entre elas o mais importante: Seis jaquetas de pele de carneiro. Sobrou até para o avô da minha namorada. Empurrando a bicileta pelas ruas agora já desertas cheguei em casa às 13 horas e quinze minutos. Meus pais já haviam me imaginado atropelado por um tanque britânico.

Estes, com as respectivas tropas de ocupação, só começariam a chegar durante a noite. A passagem de comando foi quase imperceptível para a população para a qual começaria aí um período de quase três anos de muita fome e privação.

No dia 7.5.45, às 2 : 41, o General de Exército Alfred Jodl assinava a rendição incondicional das forças armadas alemãs no quartel general do General Eisenhower em Reims . Este ato foi confirmado perante o comando soviético no dia seguinte pelo Marechal de Campo Wilhelm Keitel. A capitulação entrou em vigor às 00 : 01 horas do dia 9 de maio de 1945.

Anos mais tarde, em discurso público, o Premier francês Mitterand reconheceu que o soldado alemão foi dos mais bravos e honrados da 2a.Guerra Mundial. Mesmo assim aqueles dois comandantes alemães, que assinaram a deposição das armas, acabaram sendo enforcados pelos vencedores. Atitude talvez mais própria da Idade Média.

Desde então não param mais de tripudiar sobre o inimigo prostrado, desarmado, vencido. Por quê? Esta guerra não terminou ali, no dia 8 de maio de 1945.

Não posso deixar de ver certa semelhança entre as guerras mundiais deste século e as Guerras Púnicas. Foi quando o reino de Cartago começou a incomodar a hegemonia mercantil do Império Romano. Aquelas três guerras estenderam-se pelo terceiro e segundo século antes de Cristo, terminando em 146 a.C. com a total destruição da cidade de Cartago. Não ficou pedra sobre pedra e os cartagineses que sobreviveram foram dispersos. Foi o fim do povo dos Amilcar e Anibal. Havia no Senado Romano o senador Catão que imortalizou a frase com que terminava todos os seus discursos: *Ceterum censeo carthaginem esse delendam* (Ademais acho que

Cartago deve ser destruída).

Agora, 2100 anos depois, tudo indica que a ordem foi alterada para *Germaniam esse delendam.* Não bastaram as capitulações, as vidas sacrificadas, as cidades destruídas, as indústrias desmontadas, as reparações pagas. Também não era preciso colocar em prática o Plano Morgenthau. Havia um outro meio para conseguir desmantelar o ego, a personalidade, a identidade deste inimigo. Não era o *Deutscher Michel*, o Miguel Alemão, conhecido por algumas virtudes, como competência, honestidade, operosidade e que tais? Pois adicionando-lhe os adjetivos brutal, agressivo e assassino, faria com que o próprio alemão não quizesse mais ser reconhecido como alemão...

Hoje escrevo isto aqui, não para defender um regime político do passado, não para desenterrar uma ideologia que morreu nas ruínas de um Bunker em Berlim. Quero contribuir, isto sim, para resgatar a imagem dum povo, que, em desespero, clamou por "ordem e progresso" num período de tempo em que maiores e insuportáveis eram suas vicissitudes. Não se pode responsabilizá-lo por aderir então a um regime de força, a uma ditadura que prenunciava dias melhores.

Faz pouco tempo que o Brasil passou por experiência semelhante. Em 1964 a desordem política e económica havia atingido tal grau de efervecência que fez com que o povo, em sua grande maioria, pedisse que alguém botasse ordem na casa. Sobreveio a ditadura militar, que, na verdade, acabou frustrando o mesmo povo, porque faltou-lhe um lider efetivo. Poderia até talvez ter tido no Marechal Castelo Branco, que, entretanto, logo pereceu em estranho acidente aéreo. Durante os vinte anos que se seguiram certamente houve desrespeito aos direitos humanos, mas ninguém até hoje considerou a hipótese de culpar o povo brasileiro por ter apoiado a instalação de um regime de força. O povo alemão sim, este agora é mau por natureza.

Não devemos esquecer que qualquer conflito humano, desde a pequena guerra conjugal, desde o resultante dum acidente de trânsito, até uma guerra mundial sempre vai provocar várias e diferentes

versões. Assim como tem aqueles que acreditam ter motivos para dizer que em 1914 foi o *Kaiser* alemão que instigou o seu colega austríaco a acertar as contas com a Sérvia, tem outros que vêm na política da *Entente Cordiale*, no pacto concertado entre Inglaterra, França e Rússia, o verdadeiro ato belicoso que teria provocado toda aquela contenda. Em caso tão complexo acho que a ninguém é dado poder encontrar a verdade absoluta. Já no caso duma simples guerra conjugal geralmente se descobre que a cada um dos parceiros cabe parte da culpa.

Agora, o que deve ser motivo de suspeição é a excessiva, persistente e orquestrada difusão de uma mesma e indiscutível, insofismável versão: a da exclusiva culpabilidade da Alemanha pelo desencadeamento da 2a.Guerra Mundial e dos crimes contra a humanidade que ocorreram ou teriam ocorrido durante o seu desenrolar. É muita ênfase, muita insistência, muita perseverança, que revelam a intenção de imprimir características dogmáticas ao julgamento difundido.

Entra ano e sai ano, o alemão é cobrado. As campanhas se alternam num *timing* perfeito. Quando um assunto ameaça esgotar ou cansar sempre aparece um novo, ou antigo é requentado. Sempre a "borduna moral" está pronta para entrar em ação. E sempre é o povo que é cobrado, não o regime nazista de antanho, porém do povo alemão de hoje.

Entra ano e sai ano, o alemão é humilhado. Este, prostituído, resignado, catequizado, convencido de merecer seus castigos, não reage e faz tudo para satisfazer seus algozes.

Às vezes me pergunto se este alemão hodierno, que lambe as botas do seu verdugo, algum dia ainda vai se lembrar de sua identidade étnica ou se, como povo, vai sucumbir definitivamente nesta campanha que lhe é movida.

Preocupei-me com os meus, com os conflitos que pudessem lhes advir da deformação da visão de suas origens. Foi para eles que inicialmente redigi estas páginas.

Depois surgiu a dúvida, valeria a pena mover palha,

disponibilizando estas informações e reflexões a maior número de pessoas? Suportar as críticas que certamente serão provocadas, apesar de que aqui não se tenha o propósito de atacar, glorificar ou ressucitar coisa alguma?

Então me lembrei dos meus pais, dos meus avôs, das pessoas com quem lá conviví, da presença do passado que encontrei em Soltau, nos campos da Heide, nas vielas de Hamburgo, lembro-me das melodias que ouvi, das canções que cantei, dos pensamentos que li e me convenço: Tenho que fazer alguma coisa, por mais insignificante que seja. Tenho que me defender da ação deletéria dos que querem acabar com todos os meus valores.

Tento prestar este humilde depoimento ao Tribunal da História. Não adianta mais procurar pelos culpados que desencadearam a 2a.Guerra Mundial. Todos os personagens já desapareceram. Os mandatários de então: Roosevelt, Churchill, Daladier, Hitler, Mussolini, os magnatas do aço, do carvão, das indústrias de armamentos, dos conglomerados financeiros, estes não podem mais ser inquiridos. Mas imploro aos juízes de hoje: que cesse a discriminação de todo um povo; que sejam sempre lembrados **todos** os 40 ou 50 milhões de mortos e outro tanto de mutiliados, os orfãos, os enviuvados, **todas** as vítimas daquela insana carnificina e não apenas aquelas que pertenciam a determinado segmento religioso.




HAMBURGER ZEITUNG

Sonder-Ausgabe

Der Führer gefallen

Hamburger Nachrichten-Blatt

DER KRIEG IST VORÜBER!

Bedingungslose Ergebung aller deutschen Streitkräfte

Der König an seine Völker

Eine Stunde des

Manchetes das edições especiais dos dias 2 e 9 de maio de 1945. A primeira ainda é da "Hamburger Zeitung", edição conjunta dos três principais jornais de Hamburgo. A segunda, já sob controle do governo militar britânico.

Cronologia 1929/1945

Segue uma visão cronológica dos acontecimentos, incluindo os precedentes à 2a.Guerra Mundial (Em itálico: datas relativas ao Brasil até 1942).

24.10.29 - QUEDA DA BOLSA DE NOVA IORQUE - Início da crise econômica mundial.

1931/32 - JAPÃO subjuga a província chinesa da MANDCHÚRIA, sendocondenado mas não punido pela Liga das Nações. Japão se retira da Liga.

24.10.30 - GETÚLIO VARGAS assume a Presidência do Brasil após movimento revolucionário.

1932 - REVOLUÇÃO Constitucionalista a partir de São Paulo.

30.01.33 - ADOLF HITLER nomeado Primeiro Ministro da Alemanha peloPresidente Hindenburg. O NSDAP (Partido NacionalsocialistaAlemão dos Trabalhadores) havia feito maioria no Reichstag (Parlamento).

02.08.34 - Com a morte de Hindenburg Hitler se autorga a presidência e sedeclara "FÜHRER" da nação alemã.

1935 - Hitler restabelece o serviço militar obrigatório.

1935 - Vargas vence INTENTONA COMUNISTA.

1935 - O Partido dos Alemães SUDETOS conquista a maioria em eleições na Tcheco-Eslováquia, país constituído após a 1a.Guerra Mundial e no qual em 1938 viviam 42% de tchecos,23% de alemães, 22% de eslovacos, 4% de judeus.

03.10.35 - ITÁLIA invade a Etiópia, completando a conquista em 1936.

Jul.36 - Começa a guerra civil na ESPANHA.

07.07.37 - Começa a guerra SINO-JAPONESA.

1937 - Vargas reprime movimento INTEGRALISTA e decreta "ESTADONOVO" com constituição autoritária. -

1938 - Vargas decreta a NACIONALIZAÇÃO proibindo escolas, clubes, associações etc. estrangeiras; nomes públicos, como de cidades, localidades etc. tiveram que ser abrasileirados.

12.03.38 - Tropas alemãs ocupam a ÁUSTRIA.

14.04.38 - Em plebicito a população austríaca decide pelo "ANSCHLUSS", pela união do país à Alemanha. O que foi reconhecido pela Sociedade das Nações.

29.09.38 - "Acordo de Munique" entre Hitler, Chamberlain (Gr.Br), Daladier (Fra.) e Mussolini pelo qual a região dos SUDETOS (parte da Boêmia e da Morávia, de população alemã) é incorporada à Alemanha.

14.3.39 - A ESLOVÁQUIA declara sua independência, após o que a Alemanha coloca o restante da ex-Tcheco-Eslováquia sob seu PROTETORADO.

21.03.39 - Hitler propõe acordo à Polônia: Pede a volta de DANZIG/GDANSK (4% popul.polonesa) ao Reich e a concessão de um corredor exterritorial de ligação com a Prússia do Leste. Em troca reconheceria as fronteiras existentes. Polônia nega e adverte que insistência alemã levará à guerra.

01.09.39 - Tropas alemãs atravessam a fronteira contra a POLÔNIA.

03.09.39 - INGLATERRA e FRANÇA declaram guerra contra a Alemanha. Itália permanece neutra.

04.09.39 - Aviões Wellington ingleses bombardeiam a cidade de Brunsbüttel no norte da Alemanha.

05.09.39 - ESLOVÁQUIA alia-se à Alemanha contra a Polônia.

09.09.39 - Atentado à bomba em Munique contra Hitler.

17.09.39 - Tropas SOVIÉTICAS penetram pelo leste na POLÔNIA e avançam até um limite acordado com a Alemanha.

28.09.39 - Assinatura do Tratado de Fronteiras e Amizade entre Alemanha e União Soviética.

01.10.39 - Cessa a resistência polonesa e em discurso perante o Reichstag (6.10) Hitler propõe paz aos aliados ocidentais.

30.11.39 - União Soviética inicia guerra contra a FINLÂNDIA (até 12.3.40).

13.12.39 - Batalha Naval no Atlântico Sul. Encouraçado "Admiral Graf Spee" se autoafunda (La Plata).

08.04.40 - Os Aliados colocam minas marítimas a sudoeste de Narvik/NORUEGA, a fim de impedir a exportação norueguesa de minério de ferro para a Alemanha.

09.04.40 - Alemanha inicia a marcha contra a NORUEGA através da DINAMARCA, cujo governo se colocara sob proteção alemã.

14.04.40 - Tropas britânicas desembarcam na Noruega.

08.06.40 - Governo e rei da Noruega fogem para a Inglaterra.

10.05.40 - Alemanha inicia a ofensiva ocidental invadindo a HOLANDA – que deixa de resistir em 14.05. – e a BÉLGICA.

18.05.40 - Primeiro bombardeio da cidade de Hamburgo por aviões britânicos

04.06.40 - Queda de DUNQUERQUE e retirada das tropas anglo-

francesas.

05.06.40 - Invasão da FRANÇA.

10.06.40 - ITÁLIA declara guerra aos aliados e inicia hostilidades c/França.

14.06.40 - Ocupação pacífica de Paris.

17.06.40 - Marechal Petain assume o governo francês.

22.06.40 - Capitulação das forças armadas francesas. O país permanece parcialmente ocupado e em parte autônomo, sob governo do Marechal Petain em Vichy.

Jun. 40 - União Soviética invade e ocupa os ESTADOS BÁLTICOS e obriga a ROMÊNIA a lhe ceder o território da Bessarábia e o da Bucovina, o que fez com que Hungria e Bulgaria também fizessem exigências à Romênia.

03.07.40 - Forças marítimas britânicas atacam e destroem parte da esquadra francesa ancorada em ORAN na África.

Set.40 - USA entrega 50 destróiers à Inglaterra em troca de bases militares.

27.09.40 - Pacto tripartite. Formado o "Eixo Berlin-Roma-Tóquio"

Set.40 - Itália conquista na Africa do Leste as Somalias brit. e francesa; invade a Africa do Norte através da fronteira do Egito e da Líbia.

12.10.40 - Hitler determina a suspensão dos preparativos de invasão da Inglaterra.

28.10.40 - ITÁLIA invade, por conta própria, a GRÉCIA através da ALBÂNIA, provocando reação da Grécia com apoio da Inglaterra, que ocupa a ilha de Creta. Isto, por sua vez, é visto pela Alemanha como ameaça ao seu suprimento de petróleo da Romênia.

Nov.40 - HUNGRIA, ROMÊNIA e ESLOVÁQUIA ingressam no pacto do "EIXO".

Nov.40 - USA passa a entregar 50% da sua produção de aviões à Inglaterra.

Nov.40 - Conferência de Berlim União Soviet./Alemanha. União Soviética exige: Liberdade de ação na Finlândia, base militar na Turquia p/ controle do Mar de Marmara e inclusão da Bulgária na área de interesses soviéticos.

14.11.40 - Bombardeio de Coventry por aviões da Alemanha.

09.12.40 - Derrota das forças italianas na África do Norte frente à contra-ofensiva britânica.

Fev. 41 - Envio do AFRIKAKORPS em socorro à Itália.

01.03.41 - BULGÁRIA adere ao pacto do "EIXO".

11.03.41 - USA oficializa a condição de fornecedor de armamentos à Inglaterra.

25.03.41 - JUGOSLÁVIA se alia ao "EIXO", porém acontece um golpe militar contrário em Belgrado.

30.03.41 - USA confisca navios da Alemanha e da Itália em seus portos.

06.04.41 - Alemanha ataca simultaneamente a JUGOSLÁVIA e GRÉCIA.

10.05.41 - Rudolf Hess, substituto de Hitler no partido, faz vôo solitário e secreto à Escócia, onde é preso.

20.05.41 - Capitulação das forças italianas na África Italiana Oriental (Somália Brit./ Eritréa/Abessínia).

01.06.41 - Fim da Guerra nos BÁLCÃS com a vitória da Alemanha.

1941 - Inglaterra fortifica sua posição no Oriente reprimindo um movimento antibritânico no IRAQUE e ocupando a SÍRIA.

Jun.41 - USA fecha consulados de paises do Eixo.

22.06.41 - Início da GUERRA entre Alemanha e UNIÃO SOVIÉTICA.Ao lado da Alemanha participam: Itália, Romênia, Hungria, Eslováquia e Finlândia.

14.08.41 - Assinatura da "Carta do Atlântico" entre Roosevelt e Churchill.

Ago.41 - Em operação militar conjunta forças britânicas e soviéticas ocupam o IRÃ, país neutro, cujo governo, entretanto, simpatizava com a Alemanha. O Xá Phalavi (pai) é forçado a abdicar a favor do seu filho, títere britânico.

Ago.41 - USA oficializa condição de fornecedor de armamentos à União Soviética, que no primeiro ano recebeu 4000 tanques e 3000 aviões.

24.11.41 - As forças alemãs chegam a 50 km de Moscou onde a ofensiva alemã estaciona em função do inverno e das perdas sofridas (só no leste: 162.314 mortos, 33.334 desaparecidos e 571.767 feridos, ou seja 24% do seu potencial, perdas estas que até 10.9.42 subiriam para 51%).

07.12.41 - Ataque japonês à frota americana do Pacífico em Pearl Harbor.

11.12.41 - Alemanha e Itália declaram GUERRA aos USA.

03.01.42 - USA,Grã Bretanha, Rússia e China e mais 22 paises firmam compromisso de combater até o fim os estados totalitários e de não fazer nenhuma paz em separado.

15.01.42 - *Abertura da Conferência Intercontinental no Rio de Janeiro.*

27.01.42 - *Rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do "Eixo".*

28.01.42 - *Polícia de Curitiba inicia a prisão de alemães. Muitos permanecem presos até o final da guerra.*

29.01.42 - *Chefe de Polícia do Estado do Paraná proíbe reunião, "ainda que em casas particulares", de súditos do eixo, bem como o uso dos idiomas alemão, italiano e japonês em lugares públicos.*

Mar.42 - *Embarque do corpo diplomático alemão no navio "Siqueira Campos" pelo porto do Rio de Janeiro com destino a Lisboa.*

20.06.42 - Capitulação das forças britânicas em Tobruk

19.08.42 - Tentativa frustrada de desembarque dos aliados em Dieppe, França.

22.08.42 - *Brasil declara guerra aos países do Eixo.*

08.11.42 - Forças americanas e inglesas desembarcam no MARROCO e na ALGERIA. Em Casablanca resistência das forças francesas, mas que em 11.11. mudaram de lado, o que provocou a ocupação da França autônoma e da Córsica por forças alemãs e italianas.

26.01.43 - Conferência de Casablanca entre Roosevelt e Churchill na qual resolvem exigir RENDIÇÃO INCONDICIONAL da Alemanha.

02.02.43 - Fim da batalha de Stalingrado c/capitulação dos restos do 6º Exército alemão.

Mar.43 - A batalha no Atlântico atinge o seu auge. Só neste mês

os submarinos alemães afundaram um total de 693.000 BRT em navios, declinando rapidamente sua eficiência dali para frente em função da cessão por Portugal aos aliados de uma base aérea nos Açores.

12.05.43 - Aliados vencem a última resistência das forças do Eixo na África do Norte.

10.07.43 - Aliados desembarcam em dois pontos da SICÍLIA, não encontrando resistência na área defendida por forças italianas.

24.07.43 - Primeiro dia da HECATOMBE DE HAMBURGO, que até 3.8. sofreria sete bombardeios em massa das forças aéreas britânica e americana, durante os quais foram mortos mais de 50.000 habitantes.

25.07.43 - Mussolini é destituído e preso, assumindo o Marechal Badoglio.

03.09.43 - Assinatura do armistício entre aliados e ITÁLIA, divulgado dia 8, quando o Rei foge para Bari.

12.09.43 - Mussolini é libertado por um comando alemão e constitui novo governo italiano em 23.9.

13.10.43 - O Rei italiano declara guerra à Alemanha.

01.12.43 - Conferência de TEHERAN.

03.01.44 - Forças soviéticas, reconquistando seu território, chegam à antiga fronteira com a Polônia.

19.03.44 - Alemanha ocupa a Hungria em virtude de informações de que esta estaria buscando negociações de paz com os aliados.

18.05.44 - Fim da batalha de Monte Cassino após quase 5 meses.

06.06.44 - Desembarque das forças aliadas na NORMANDIA.

22.06.44 - Itensificação da ofensiva soviética no leste.

20.07.44 - Hitler sofre um atentado a bomba no quartel general.

01.08.44 - Em Warsóvia 40.000 homens da resistência polonesa atacam as forças de ocupação alemãs e são vencidos em sangrentos combates de rua.

24.08.44 - Romenos param de combater e destituem Antonescu.

25.08.44 - Queda de Paris. General de Gaulle assume o governo do estado francês.

05.09.44 - Governo búlgaro responde à declaração de guerra soviética com pedido de armistício (Bulg. só havia declarado guerra aos EE.UU e à Inglaterra).

04.09.44 - Finlandeses cessam os combates. Armistício em 19.9

11.09.44 - Aliados chegam à fronteira da Alemanha.

Out.44 - Forças alemãs se retiram da Grécia.

18.10.44 - Hitler cria o "Volksturm" (a faixa de idade dos convocáveis é ampliada p/16 aos 60 anos).

23.12.44 - HUNGRIA faz armistício com os soviéticos e declara guerra à Alemanha.

04.02.45 - Conferência de Jalta.

13.02.45 - HECATOMBE DE DRESDEN. Quando em suas ruas se aglomeravam centenas de milhares de civis fugitivos do avanço soviético, a cidade é bombardeada pelas forças aéreas britânicas e americanas.

07.03.45 - Aliados transpõem o Rheno.

25.03.45 - Encontro das forças aliadas ocidentais com os soviéticos.

13.04.45 - Queda de Viena.

30.04.45 - Hitler suicida-se em Berlim, após ter nomeado Almirante Dönitz seu sucessor.

02.05.45 - Queda de Berlim.

03.05.45 - Forças britânicas ocupam Hamburgo.

07.05.45 - Assinatura da capitulação das forças alemãs perante as forças ocidentais, confirmada no dia seguinte diante dos soviéticos.

6/9.8.45 - Bombas atômicas americanas sobre Hiroshima e Nagasaki. 132.000 mortes diretas.

02.09.45 - Capitulação das forças japonesas.

Tratados de Paz:

10.02.47 - Aliados com Itália, Hungria, Romênia, Bulgaria e Finlândia

08.09.51 - USA e 48 paises aliados com JAPÃO.

19.10.56 - União Soviética (que só havia declarado guerra em 8.8.45) com Japão.

Com Alemanha não existe tratado de paz até hoje (2000).

Agradecimento

Devo ao amigo e literato
João Manuel Simões
o estímulo e a coragem que me levaram a exercitar
parcos e questionáveis dotes de redator.